

BRUNA FENOCCHI GUEDES

Psicologia Clínica e
Responsabilidade Social Empresarial:
compartilhando idéias e práticas

PUC – Campinas
2004

BRUNA FENOCCHI GUEDES

Psicologia Clínica e
Responsabilidade Social Empresarial:
compartilhando idéias e práticas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Martins AmatuZZi

PUC – Campinas
2004

t157.9 Guedes, Bruna Fenocchi

G924p Psicologia clínica e responsabilidade social empresarial : compartilhando idéias e práticas / Bruna Fenocchi Guedes. - Campinas: PUC-Campinas, 2004.
152p.

Orientador: Mauro Martins AmatuZZi.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui anexos e bibliografia.

1. Psicologia clínica. 2. Responsabilidade social da empresa. 3. Observação participante. 4. Pesquisa. I. AmatuZZi, Mauro Martins. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós- Graduação em Psicologia. III. Título.

18.ed. CDD – t157.9

Ficha Catalográfica elaborada pela PUC-Campinas-SBI-Processos Técnicos.

BRUNA FENOCCHI GUEDES

Psicologia Clínica e
Responsabilidade Social Empresarial:
compartilhando idéias e práticas

Banca Examinadora:

Presidente Prof. Dr. Mauro Martins AmatuZZi

Profª Drª Rosalina Carvalho da Silva

Profª Drª Maria Adelina Biondi Guanais

PUC – Campinas
2004

A minha mãe e meu pai, Matilde e Abel,
por todo o amor da vida.

Ao Guido, meu irmão, que me ensinou
o verdadeiro significado do “secondo me”.

Ao Nelio por existir na minha vida.

"De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estamos sempre começando, a certeza de que é preciso continuar e a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar, portanto, devemos fazer da interrupção um caminho novo, da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro".

Fernando Sabino

Agradecimentos

Ao orientador Dr. Mauro Amatuzzi por todas as oportunidades de “pensar junto”, desde a graduação até a finalização deste trabalho.

Ao amigo Sergio por ter me apresentado o “mundo” da responsabilidade social empresarial.

À amiga Priscila com quem tenho compartilhado a dor e a delícia de procurar novos caminhos na psicologia.

A todas as pessoas que de forma direta ou indireta participaram da construção deste trabalho, e em especial a Andréia, Izildinha, André, Gilberto, Sidnei, Wendel, Nádia e Márcio.

À Anita que me ensinou que amigas precisam se amar e não concordar.

À Nonna Ines e à Vovó Angelina.

Aos meus primos que tanto amo e com quem compartilhei muitos momentos bons da vida: Erio, Nadina, Nara, Giuliana, Flavia, Rodrigo, Betina, Leandro, Jéssica e Gustavo.

Aos amigos de muitas horas: Rosangela, Ricardo, Mamau e Mytsuo.

Às doutoras Maria Adelina Biondi Guanais e Vera Engler Cury pela conversa e sugestões feitas durante a qualificação deste trabalho.

Aos professores de toda a vida, que aguçaram minha curiosidade.

Aos colegas e amigos da Pós Graduação em Psicologia da Puc-Campinas.

Aos colegas e amigos da UNIARARAS.

À vida.

Resumo

GUEDES, Bruna Fenocchi (2004). *Psicologia clínica e responsabilidade social empresarial: compartilhando idéias e práticas*. Campinas, 158 p. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Responsabilidade social é o compromisso que cada pessoa tem com a sociedade e com a humanidade; as empresas têm se preocupado cada vez mais com esta questão, aumentando significativamente a quantidade de projetos de responsabilidade social empresarial desde a década de 90. Estes projetos costumam ser desenvolvidos por voluntários que se propõem a trabalhar com outras pessoas e/ou comunidades numa relação de ajuda, o que os defronta com as particularidades presentes em qualquer interação humana. É importante que estes voluntários tenham um espaço no qual possam compartilhar, pensar e reelaborar sua prática, podendo compreender a si e ao outro através de sua própria experiência vivida. O psicólogo clínico pode contribuir facilitando a ocorrência de condições propícias para que o voluntário se desenvolva. Esta pesquisa qualitativa de tipo participante se desenvolveu a partir da inclusão de uma psicóloga clínica num projeto de responsabilidade social empresarial; e pretende descrever as possibilidades de atuação do psicólogo clínico em projetos de responsabilidade social empresarial. Concluindo que são múltiplas as possibilidades de atuação do psicólogo clínico em projetos de responsabilidade social empresarial, sendo algumas delas: facilitador de processos grupais; supervisor de grupo de voluntários; consultor do projeto; assessor do projeto; promotor de aconselhamentos e atendimentos psicológicos.

Palavras-chave:

Psicologia clínica; supervisão; voluntariado; responsabilidade social empresarial; pesquisa participante.

Abstract

GUEDES, Bruna Fenocchi (2004). Clinical psychology and enterprise social responsibility: sharing practical and ideas. Campinas, 158 p. Dissertation (Masters Degree). Pontifical University Catholic of Campinas (PUC-Campinas).

Social responsibility is the commitment that each person has with the society and the humanity; all companies have worried much more about this question, increasing significantly the amount of projects of enterprise social responsibility since the 1990's. Usually these projects are developed by volunteers who want to work with other people and/or communities in an aid relation, what he confronts them with the particularities that exist in any interaction between human being. It is important that these volunteers have a space where they can share, think and re-elaborate its practice being able to understand itself and to the other through its proper lived experience. The clinical psychologist can contribute facilitating the occurrence of propitious conditions so that the volunteer development. This qualitative research of participant type if developed from the inclusion of a clinical psychologist in a project of enterprise social responsibility; intends to describe the possibilities of performance of the clinical psychologist in projects of enterprise social responsibility. Concluding that the possibilities of performance of the clinical psychologist in projects of enterprise social responsibility are multiple, being some of them: facilitator of group processes; supervisor of group of volunteers; consultant of the project; assessor of the project; psychological promoter counseling and clinical intervention.

Word-key: Clinical psychology; supervision; volunteer; enterprise social responsibility; participant research

Sumário

1. Compartilhando a história.....	1
2. Compartilhando possibilidades teóricas.....	4
2.1 Psicologia Clínica.....	4
2.2 Supervisão e Supervisão de apoio psicológico.....	6
2.3 Responsabilidade Social Empresarial.....	11
2.4 Voluntariado Empresarial.....	19
2.5 Responsabilidade Social Empresarial: Projeto Embarcação.....	22
3. Compartilhando o método.....	27
3.1 Para que.....	27
3.2 Com quem.....	27
3.3 Como.....	28
4. Compartilhando a análise das entrevistas.....	32
5. Compartilhando a síntese das entrevistas.....	74
6. Compartilhando a discussão.....	84
7. Compartilhando as considerações Finais.....	95
8. Referências Bibliográficas.....	97
Anexo 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	103
Anexo 2 - Roteiro para entrevista.....	104
Anexo 3 - Entrevistas.....	105
Entrevista I.....	105
Entrevista II.....	113
Entrevista III.....	118
Entrevista IV.....	124
Entrevista V.....	129
Entrevista VI.....	134
Entrevista VII.....	141
Anexo 4 - Registros e Reflexões.....	152

1. Compartilhando a história

Responsabilidade social é o compromisso que cada um de nós tem com a sociedade e com a humanidade; desde que me lembro por gente acredito nessa responsabilidade compartilhada.

Provavelmente por isso logo que terminei a graduação comecei a trabalhar em uma ONG que atendia pacientes psiquiátricos em parceria com serviços públicos de saúde mental. Nesta instituição tive a oportunidade de colocar em prática o que tinha aprendido nos livros e nas aulas e também de conhecer muito sobre ações tidas como sociais; foi frustrante constatar que algumas vezes interesses obscuros impediam que propostas efetivas fossem colocadas em prática e que interesses de uma minoria eram mais importantes que o bem estar coletivo.

Depois de alguns meses trabalhando nesta instituição passei a questionar se realmente seria possível promover mudanças sociais, se de alguma forma ou algum dia seríamos capazes de fazer e viver um mundo melhor. Foi quando conheci um projeto social desenvolvido por uma empresa multinacional; era atraente, pessoas engajadas, com desejo de promover transformações sociais a partir da promoção de educação e cidadania a crianças de uma comunidade extremamente carente. Ao mesmo tempo em que achei interessante uma empresa com recursos e organização pretender promover modificações sociais, fiquei na dúvida se não seria apenas uma

forma de ter ganhos financeiros ou de se promover publicitariamente; eu não conhecia esse tipo de ação empresarial que só mais tarde vim a saber que recebe o nome de projeto de responsabilidade social empresarial.

Comecei a participar de algumas ações do projeto, no início estava lá para ver o que e como acontecia, não sabia por quanto tempo ficaria ligada a essa atividade, fui ficando e percebendo que parecia ser muito mais sério e efetivo que a ONG onde trabalhava; nesse meio tempo sai da ONG, ela já não tinha mais os mesmos objetivos e suas novas metas não condiziam com as minhas.

Logo que comecei a participar desse projeto de responsabilidade social empresarial, tive muitas dúvidas de como um psicólogo clínico poderia participar desse tipo de atividades já que é a empresa que organiza e viabiliza todas as ações. Até que, depois de freqüentar várias reuniões de planejamento e construção do projeto, percebi (ou me disseram) que uma possibilidade seria a de ser facilitadora, ou coordenadora das reuniões dos voluntários, uma vez que todos eram leigos em assuntos e projetos sociais. Foi assim que começou esse trabalho. No princípio me perdia um pouco ao facilitar e coordenar as reuniões, até que compreendi que o que precisava ser feito era supervisionar aquele grupo; afinal eles sabiam o que queriam e deveriam fazer, só não sabiam muito bem como fazer, e como lidar com as dúvidas, emoções, pensamentos, sensações, isto é, com as experiências que iam vivendo.

Fui fazendo, supervisionando, até descobrir que o que fazia era muito parecido com a proposta de supervisão de apoio psicológico para profissionais de saúde e educação; assim fiquei curiosa em saber mais sobre o tema. Senti

necessidade, também, de ler e estudar mais sobre responsabilidade social empresarial, e as possibilidades do psicólogo clínico participar dessas atividades, até constatar que não existem muitas pesquisas, ou melhor, publicações significativas no que diz respeito à participação de psicólogos em programas e/ou projetos de responsabilidade social empresarial. Assim, propus e desenvolvi esta pesquisa para que se possa conhecer mais essa realidade e a viabilidade da atuação do psicólogo clínico neste contexto.

É isso que apresento neste trabalho, alguns dos achados teóricos, o projeto do qual participo, as pessoas com quem trabalho, minhas experiências e as reflexões que fui capaz de elaborar a partir de tão rica e gratificante atividade.

2. Compartilhando possibilidades teóricas

2.1 Psicologia Clínica

Existe um consenso entre os autores de que a Psicologia Clínica se diferencia dos demais ramos da Psicologia mais por sua maneira de pensar e atuar, do que pelos problemas que aborda; e que o psicólogo clínico se preocupa, acima de tudo, com o bem-estar das pessoas que atende, em sua singularidade e complexidade.

Segundo Korchin, em publicação de 1976, citado por Macedo (1986) e também por Silvaes e Melo (2000), pode-se afirmar que existem dois tipos tradicionais de atuação em psicologia clínica: o de custódia e o terapêutico, além de um novo modelo a ser considerado: o comunitário. No modelo de custódia a pessoa é vista como “paciente” e é tratada como vítima da doença, enquanto no modelo terapêutico é vista como cliente, ou seja, uma pessoa sujeita à intervenção psicológica. Já no enfoque comunitário a ênfase é dada à necessidade de estender o atendimento a todos os segmentos da população, com o objetivo de prevenir e tratar os sofrimentos psicológicos da forma mais integrada possível com o seu ambiente social. O autor considera, ainda, dentro do enfoque comunitário, a possibilidade de dois focos, um clínico, preocupado com a expansão do atendimento à população, e outro de saúde pública, mais voltado para a prevenção. É aí que, segundo Morato (1999), a prática clínica se aproxima de práticas políticas e públicas.

É a postura clínica, que segundo Vaisberg (2001) é sinônimo de encontro, que caracteriza a atuação do psicólogo clínico e não o local onde esta acontece. Assim, faz sentido estender sua abrangência e propor novos modelos de intervenção: os comunitários. Mesmo porque, segundo Freitas (1998), existem várias possibilidades de construção da relação entre psicólogos e comunidades, já que diferentes motivos e preocupações têm orientado a inserção destes profissionais em campos de atuação comunitários.

Comunidade pode ser definida como

“um grupo social com certo grau de organização, que compartilha o mesmo espaço físico e psicológico, e alguns objetivos comuns derivados de crenças, valores e atitudes compartilhados e mantém um sistema de interação duradouro no tempo e no espaço.” (Gomes, 1999, p. 73)

Sendo assim, a comunidade é um espaço privilegiado para a atuação da Psicologia e será considerada

“como um lugar de construção do saber psicológico comunitário e da operacionalização de técnicas psicológicas que sejam eficazes na compreensão da construção desse saber ou sua reconstrução, como resultado da relação da psicologia com a demanda dos sujeitos no espaço comunitário.” (Gomes, 1999, p.74)

Ainda, segundo AmatuZZi e colaboradores (1996), a Psicologia Clínica pode ser entendida como um debruçar-se sobre as pessoas em seu ambiente comunitário, “inclinando-se” atenciosamente, para junto delas refletir suas questões psicológicas tais como emergiram em sua experiência vivencial. E é neste sentido que podemos considerar um trabalho clínico na e para a comunidade.

2.2 Supervisão e Supervisão de apoio psicológico

Segundo Morato (1996), uma das grandes necessidades do mundo, na atualidade, é a de criar condições de lugar e espaço onde se possa promover encontros para que experiências sejam compartilhadas e interrogações possam ser formuladas e reformuladas. Nessa perspectiva a atividade de supervisão da prática de um ofício apresenta-se como uma das condições possíveis para “redescobrir a experiência de viver a experiência na experiência” (p. 38). Assim, completa a autora, supervisão é uma situação contextualizada na qual um profissional resgata sua condição de indivíduo com questionamentos e dificuldades em sua prática profissional junto ao outro, para que, partindo de suas dúvidas e estranhezas, possa apresentar-se mais receptivo e disponível em sua atuação profissional.

Segundo Dias (1996), a palavra supervisão significa olhar sobre, ampliar a visão. A supervisão propicia aprendizagem e tem como objetivo principal fornecer ao supervisionando conhecimentos e ferramentas necessárias para o desempenho satisfatório de suas atividades. Távora (2002) complementa

afirmando que supervisionar tem como objetivo transmitir ensinamentos básicos e, principalmente, fazer com que o supervisionando olhe para dentro de si e para as relações que estabelece com as pessoas envolvidas em sua atuação profissional.

Assim, na supervisão é freqüente que se evidenciem problemáticas na pessoa do supervisionando, desencadeadas por situações vivenciadas em sua prática profissional. Por isso, existem autores que sustentam que em alguns momentos supervisão e psicoterapia se confundem. Na realidade, em muitas circunstâncias a fronteira entre ambas é nebulosa (Pinto, 2001).

“Supervisionar é o ato de cuidar, dar amparo, discutir, pensar, refletir, respeitar e se posicionar como singularidade frente à outra e outras singularidades de forma a fomentar a visão do outro como alteridade, que é exatamente o que o supervisionando vem buscar na supervisão.” (Lilienthal, 1999, p.270)

A supervisão na prática da Psicologia é uma atividade institucionalizada e instituída, é o momento em que o psicólogo pode pensar, observar e compreender a si mesmo e o outro “após” sua atividade; “após” que possibilita o distanciamento, retomada, reconhecimento. Assim, a supervisão possibilita “olhar” para a própria prática e resignifica-la, podendo considerá-la sob outro ponto de vista (Bacchi, 1999).

Além de psicólogos, diversos profissionais de saúde e educação se propõem a trabalhar com outros indivíduos numa relação de ajuda, o que os

defronta com as realidades presentes em qualquer relação humana. Bacchi (1999), apresenta, então, uma experiência de supervisão que objetiva possibilitar a estes profissionais a reflexão de sua prática, sendo ele considerado parte integrante do trabalho realizado, a esta atividade nomeia-se supervisão de apoio psicológico. A autora afirma que este espaço se mostra privilegiado, por ser uma possibilidade de ampliação do ponto de vista dos profissionais de saúde e educação, à medida que permite um pensar e reelaborar de sua prática. Reelaboração possível devido ao olhar não contaminado, a um resgate do profissional que se dá no distanciamento que a situação de supervisão legítima.

Segundo Morato e colaboradores (1999), a supervisão de apoio psicológico é uma situação contextualizada na qual o profissional resgata sua própria condição de indivíduo com questionamentos em seu contato profissional de ajuda a outras pessoas, para que a partir de suas dúvidas e estranhamentos, possa estar mais propriamente receptivo e disponível em sua atuação profissional.

A prática da supervisão de apoio psicológico supõe um encontro entre supervisor e supervisionando, no qual o primeiro empresta sua subjetividade para que se revele a experiência do segundo. A proposta é oferecer um espaço onde, através da suspensão do ritmo cotidiano, possa voltar o olhar sobre si e, assim, facilitar a ocorrência de transformações (Frota; Hanada; Rocha & Frischer, 1999).

Segundo Lilienthal (2004), a supervisão de apoio psicológico “é uma prática que visa capacitar o profissional de saúde e/ou educação a realizar sua

tarefa da melhor forma possível” (p.105), mobilizando, assim, neste profissional seus recursos pessoais, já que segundo o autor, essas pessoas podem encontrar dentro de si próprias as respostas aos seus questionamentos profissionais.

Assim a supervisão de apoio psicológico pretende facilitar o processo de desenvolvimento e crescimento dos profissionais envolvidos. Possibilitando, ainda, o resgate e a compreensão do outro através da própria experiência vivida, afinal, este é o momento em que se pode retomar e traduzir em palavras as vivências no e do grupo (Morato & Colaboradores, 1999).

A necessidade de supervisão de apoio psicológico para profissionais de saúde e educação é justificada por Bacchi (1999) que afirma que estas pessoas se propõem a trabalhar com outros indivíduos numa relação de ajuda, o que os defronta com mecanismos presentes em qualquer relação humana. Assim, eles se expõem e se permitem entrar em contato com diferentes subjetividades, o que só é possível a partir de sua entrega subjetiva à relação. Nesta perspectiva, a pessoa empenha sua subjetividade e, assim, estabelece uma real relação de ajuda. A supervisão de apoio psicológico é o momento em que é possível retomar, reviver e repensar a experiência vivida, gerando idéias. Assim, “fica claro que profissionais de saúde e educação se beneficiam de um espaço que lhes garanta a reflexão sobre sua prática e sobre aquilo que esta desperta, para, assim, resignificá-la, ampliá-la e torná-la comunicável” (Bacchi, 1999, p.218), e assim tornar viável sua atuação.

Bacchi (1999) afirma, ainda, que a supervisão de apoio psicológico permite que o profissional se coloque frente à sua prática, fato possível

também a partir da experiência vivida na supervisão. Rocha (1999), completa afirmando que, a supervisão de apoio psicológico cria a possibilidade de reflexão e acompanhamento de uma prática, permite que os questionamentos dela decorrentes ganhem status e sejam considerados como parte fundamental da experiência vivida no trabalho. As autoras concordam, ainda, que a idéia é que se crie um espaço para a elaboração das experiências vividas no trabalho, levando-se em conta que o foco não é o cliente atendido e sim a relação do profissional com seu trabalho, com seu cliente e com o grupo de pares ao qual pertence.

Segundo Bacchi (1999), quem coordena a supervisão de apoio psicológico recebe o nome de facilitador, justamente por ter a “função” de facilitar, possibilitar, oferecer condições propícias para que o profissional se desenvolva. O facilitador costuma ser psicólogo, mesmo porque facilitar o processo “exige não apenas a não-indução, como também sensibilidade para perceber as sutilezas do deslizar psicológico do outro, apenas acompanhando-o ativamente na construção que ele realiza de si” (Bacchi, 1999, p.218). Ele traz um olhar distanciado, não contaminado, que chega vagarosamente possibilitando a compreensão do antes incompreensível, permitindo criações, novos caminhos e novas idéias.

Na supervisão de apoio psicológico procura-se estabelecer um clima de confiança entre os participantes, que permita a expressão, reflexão, elaboração e busca de alternativas para as situações trazidas pelos supervisionandos. A postura do supervisor, baseada na congruência, empatia e aceitação positiva incondicional, facilita o surgimento e manutenção do clima necessário, que é

favorecido pelo compromisso firmado entre os participantes. Além disso, a avaliação do processo de supervisão de apoio psicológico acontece junto com os supervisionandos. Todos os participantes podem, e devem, colocar como vivem o processo, elogios, críticas, sugestões, comentários, idéias. Acredita-se que o exercício dessa prática é transformador e atinge diretamente todos os envolvidos no trabalho (Rocha, 1999).

2.3 Responsabilidade Social Empresarial

Segundo Melo Neto e Froes (2002) responsabilidade social de uma empresa é sua decisão em participar mais diretamente das ações comunitárias na região em que está instalada. É a disposição das empresas com relação à sociedade e à humanidade em geral, e uma forma de prestação de contas de seu desempenho. Já que as empresas obtêm recursos da sociedade devem restituí-los, não apenas em forma de produtos e serviços, mas, principalmente, através de ações sociais voltadas para a solução dos problemas sociais que afligem tal sociedade. Os autores acrescentam, a partir do conceito apresentado por Almeida em 1999, que:

“responsabilidade social corporativa é o comprometimento permanente dos empresários de adotar um comportamento ético e contribuir para o desenvolvimento econômico, melhorando, simultaneamente, a qualidade de vida de seus empregados e de suas famílias, da comunidade local e da sociedade como um todo.” (Melo Neto & Froes, 2002, p.90)

Esta definição se complementa com a de Benedicto (1997):

“a responsabilidade social pode ser definida como o dever da empresa de ajudar a sociedade a atingir seus objetivos. É a maneira de a empresa mostrar que não existe apenas para explorar recursos econômicos e humanos, mas também para contribuir com o desenvolvimento social.” (Benedicto, 1999, p.77)

E se completa com o significado que a Comissão da Comunidade Européia estabeleceu em seu Livro Verde, que define responsabilidade social como sendo “um comportamento que as empresas adotam voluntariamente e para além das determinações legais, porque consideram ser esse o seu interesse a longo prazo”. (Instituição Sair da Casca, 2004)

Segundo a instituição portuguesa Sair da Casca (2004), as origens e exemplos de políticas socialmente responsáveis por parte das empresas vêm de longa data e estão ligadas a credos religiosos. Os Quakers, membros de comunidade protestante inglesa criada por George Fox em 1747, além de serem reconhecidos como legítimos representantes de empreitadas empresarias bem sucedidas, já tinham preocupações com o bem estar e bom desenvolvimento das comunidades das quais faziam parte, chegando a recusar a escravatura e a indústria da guerra. Em 1908, nos Estados Unidos, o Conselho Federal das Igrejas lançou um documento que, ainda hoje é atual e, condena qualquer forma de discriminação e injustiça social. Em 1920, Henry

Ford já defendia que as empresas deveriam se preocupar com o bem estar coletivo. O Pioneer Fund, primeiro fundo de investimento socialmente responsável, foi criado em 1928 pela Igreja Evangelista Americana. E desde de 1950, existem boicotes, por parte dos consumidores, a empresas que não sejam socialmente responsáveis.

Segundo Borger (2001), o conceito teórico de responsabilidade social surgiu na década de 1950, quando a literatura formal sobre o tema surge nos Estados Unidos e na Europa. A autora, citando texto de Carroll de 1999, afirma que o precursor da Responsabilidade Social foi Howard Bowen que tem, em seus estudos, a idéia básica que “os negócios são centros vitais de poder e decisão e que as ações das empresas atingem a vida dos cidadãos em muitos pontos” (p.38). Posteriormente, na década de 1960, os estudos e as pesquisas passam a se preocupar com a formalização do conceito e com a definição de Responsabilidade Social Empresarial predominando a visão de que a responsabilidade das empresas vai além das preocupações econômicas e financeiras. Nos anos 1970, a Responsabilidade Social das empresas faz parte do debate público dos problemas sociais e as pesquisas e estudos refletem a visão de mudança nos contatos entre negócios e sociedade. No Brasil, a preocupação do empresariado com questões sociais surgiu no fim do anos 80, Veiga-Neto, Panhossi e Godoy (2004) afirmam que tal preocupação surgiu em decorrência da falta de estrutura governamental que promoveu graves problemas na esfera social. Desta década até os dias atuais as pesquisas a respeito do tema aumentaram, no entanto ainda existem poucos estudos sobre tal temática (Borger, 2001).

Segundo Melo Neto e Froes (2002), citando texto de Grajew de 2000, a dimensão inicial do exercício da responsabilidade social aparece nas idéias e práticas filantrópicas das empresas que, tinham como característica principal a benemerência do empresário, que se reflete nas doações que faz para as entidades assistenciais e filantrópicas. Já a empresa socialmente responsável disponibiliza à comunidade seus recursos financeiros, produtos, serviços e know-how. Para tanto, a empresa define suas ações sociais baseadas em princípios e valores éticos, fortalecendo assim suas relações com seus colaboradores e familiares, clientes, fornecedores, acionistas, parceiros, governo, sociedade e comunidade.

Segundo Grajew (2002), esse desenvolvimento na forma de atuação social por parte das empresas deve-se, principalmente, ao fato de a gestão dos negócios pautada pela responsabilidade social extrapolar os limites da filantropia. Não é um fim em si mesmo, mas um instrumento de transformação da sociedade cada vez mais necessário diante dos desafios sociais e ambientais colocados. Campanhas e promoções de caráter filantrópico, como recolhimento de donativos, costumam ser episódicas, de eficácia limitada, e colocam a comunidade em posição de mero receptor de recursos e doações. A instituição portuguesa Sair da Casca (2004) completa tal diferenciação afirmando que ações filantrópicas podem fazer parte de planos de Responsabilidade Social, porém de forma nenhuma substituí-los.

Grajew (2002) afirma, ainda, que a aproximação e as parcerias estabelecem vínculos entre a empresa e a comunidade, agregando para ambos sustentabilidade às suas atividades. A interlocução com os diversos

públicos possibilita aos parceiros delinear criteriosamente as demandas e levar em conta os diferentes interesses. Ao estabelecer espaços de diálogo e de negociação, supera-se a noção tradicional de que cabe ao autor da prática social determinar as necessidades da comunidade. E a comunidade passa a ser também protagonista, interferindo na elaboração das atividades implementadas.

Segundo Heróz (2002), pesquisa realizada em 2001 com 423 empresas pelo Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (Ceats) da Fundação Instituto de Administração (FIA) da FAE/USP, revela que cerca de 85% das corporações executam seus projetos ou programas sociais por meio de alianças, tanto com a comunidade diretamente quanto com instituições sociais. As empresas também se aliam para dar às ações sociais uma garantia maior de eficiência, uma estratégia que remete àquele ditado batido de que duas cabeças pensam melhor que uma.

Segundo Melo Neto e Froes (2002), a prática da responsabilidade social pressupõe uma atuação eficaz da empresa em duas dimensões: a gestão de responsabilidade social interna e a gestão de responsabilidade social externa. A responsabilidade social interna preocupa-se com o público interno da empresa, seus funcionários e dependentes, com ênfase nas áreas de educação, salários e benefícios, saúde e segurança. Já a responsabilidade social externa focaliza a comunidade mais próxima à empresa ou o local onde ela está situada, facilitando o desenvolvimento desta comunidade através de ações como doação de recursos, parcerias com órgãos públicos e ONGs, apoio a diferentes tipos de projetos sociais e prestação de serviços voluntários

pelos funcionários. Segundo Melo Neto e Froes (2002), a prática da responsabilidade social, tanto interna quanto externa, vem sendo cada vez mais valorizada no meio empresarial. Tal fenômeno pode ser confirmado pelo aumento da atenção que tem sido dada às campanhas de marketing social e aos balanços sociais das empresas, situações nas quais os ganhos e investimentos financeiros, ligados às práticas sociais, são calculados.

Além disso, segundo Melo Neto e Froes (2002), a responsabilidade social já é objeto de processos de certificação; assim como a qualidade (ISO 9000) e o meio ambiente (ISO 14000) já são certificados, agora é a vez da certificação social.

“O objetivo é atestar a responsabilidade social da empresa, comprovar o exercício pleno da sua responsabilidade social interna e externa, conferindo-lhe a condição de empresa-cidadã, e demonstrar que seus produtos são socialmente corretos”. (Melo Neto & Froes, 2002, p.174)

Hoje existem, no mundo, algumas normas de certificação social, tais como a BS 8800, que pretende garantir condições adequadas de saúde e segurança aos trabalhadores; a “Social Accountabitily 8000” (SA 8000), criada em 1997 pelo “The Council on Economic Priorities Accreditation Agency – CEPAA”, e que tem o objetivo de assegurar que na produção de determinado produto não existam condições anti-sociais, como trabalho infantil, escravo ou discriminatório; e a AA 1000 criada pelo Institute of Social and Ethical Accountability em 1999, e que ampliou seu escopo de avaliação social

empresarial e tem como objetivo monitorar as relações entre a empresa e a comunidade na qual está inserida (Melo Neto & Froes, 2002).

No Brasil, o Instituto Ethos de Responsabilidade Social (www.ethos.org.br) vem contribuindo para que a avaliação da responsabilidade social empresarial se desenvolva. Estando ciente da dificuldade que é avaliar as ações sociais das empresas e certo de que a criação de uma metodologia de análise seria um bom começo, este Instituto criou indicadores sociais que podem ser usados para avaliação. Os Indicadores Ethos de Responsabilidade Social são compostos por 155 indicadores divididos em 7 grupos: valores e transparência, público-interno, meio ambiente, fornecedores, consumidores, comunidade, governo e sociedade. As empresas brasileiras têm começado a se preocupar com a sua responsabilidade social e estão se familiarizando com as exigências da certificação social, algumas já se adequando às exigências, outras em processo de certificação social, e poucas já certificadas.

Outro fator que tem influenciado para o aumento da preocupação com a responsabilidade social empresarial e com sua certificação é o fato de existir no Brasil, atualmente, pelo menos seis projetos de lei que regulamentam a responsabilidade social empresarial. Destes projetos de lei, segundo o Instituto Ethos de Responsabilidade Social (2003), o mais significativo é o Projeto de Lei nº 1305/2003, de autoria do deputado federal Bispo Rodrigues, que dispõe sobre a responsabilidade social das sociedades empresariais e dá outras providências à respeito do tema.

Tal Projeto de Lei pretende estabelecer normas de transparência e controle da responsabilidade social das empresas que atuam no país. Entre os

objetivos desta lei estão o estabelecimento de regras de transparência e controle da responsabilidade social; a criação de condições para tornar socialmente ética e transparente a atuação das empresas junto à comunidade na qual esta inserida; a preservação e consolidação da imagem e reputação das empresas e dos empresários no país e no exterior como agentes éticos e socialmente responsáveis e o estabelecimento da obrigatoriedade de publicação do balanço social da empresa como mecanismo de controle e transparência da responsabilidade social. A proposta apresentada pretende obrigar todas as empresas com mais de 500 funcionários a seguir as determinações especificadas. Para tanto, tal lei exigirá que as empresas criem comissões de ética e responsabilidade social para que determinem internamente sobre o tema, e que publiquem anualmente seu balanço social. A partir desta lei ficará determinado que compete ao Conselho Nacional de Responsabilidade Social – CNRS, vinculado ao Ministério da Assistência e Promoção Social, a regulamentação, controle e disposições a respeito da responsabilidade social empresarial no Brasil.

Apesar de todo o incentivo, Kofi Annan, no Fórum Econômico de Davos em 1999, lançou o Global Compact convidando os empresários a pararem de se preocupar com a promulgação de leis e normas a respeito de Responsabilidade Social e conduzirem efetivamente suas empresas de forma socialmente responsável (Instituição Sair da Casca, 2004). Além disso, Borger (2001) afirma que

“a responsabilidade social começa onde a lei termina. Uma empresa não está sendo socialmente responsável se ela apenas se conforma com os requisitos mínimos legais, porque isso é o que cada bom cidadão deve fazer”.
(Borger, 2001, p.21)

2.4 Voluntariado Empresarial

Relembrando, a prática da responsabilidade social empresarial de gestão externa é desenvolvida muitas vezes através de atividades voluntárias que costumam ser nomeadas de voluntariado empresarial.

“Voluntariado empresarial é um conjunto de ações realizadas por empresas para incentivar e apoiar o envolvimento dos seus funcionários em atividades voluntárias na comunidade. A expressão é também utilizada para designar a prática do voluntariado em si, desde que se trate de um grupo de voluntários ligados diretamente a uma empresa (funcionários efetivos ou terceirizados), ou indiretamente (familiares dos funcionários, ex-funcionários e aposentados)”. (Goldberg, 2001, p. 24)

Segundo Garay e Mazzilli (2003), as empresas tem incentivado programas de voluntariado com o objetivo de estimular seus funcionários a atuarem junto ao campo social, possibilitando assim que esta área de atuação se beneficie das técnicas de gerenciamento e administração.

Segundo Goldberg (2001), no Brasil a prática do voluntariado empresarial começou a ser significativo na segunda metade dos anos 90, juntamente com a ascensão do tema do voluntariado e da atuação social das empresas; porém é comum em países como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e Austrália. A experiência internacional propõe que a meta satisfatória é que 10% do corpo de funcionários das empresas participem de seus programas de voluntariado, engajando-se livre e espontaneamente, de forma eventual ou constante, executando atividades relacionadas às suas habilidades profissionais específicas ou outras completamente distintas. Ainda segundo a autora, a “liberdade para escolher como atuar e se atuar é um aspecto-chave, caso contrário estaríamos tratando de uma diversificação das responsabilidades profissionais dos funcionários e não de voluntariado” (Goldberg, 2001, p.25).

Coordenar um programa de voluntariado é, essencialmente, gerenciar e dar suporte às atividades de um grupo de cidadãos dentro de um contexto de trabalho. Um programa de voluntariado empresarial precisa do suporte da organização para efetivar-se no dia a dia da empresa; mesmo que o princípio seja por apoiar as atividades voluntárias de seus funcionários em seu tempo livre, há diversas ocasiões em que a equipe de voluntários precisa se reunir para encaminhar questões em conjunto, o que muitas das vezes só é possível ao longo do expediente; principalmente, porque atuar em grupo faz parte da essência do voluntariado (Goldberg, 2001).

Mesmo o trabalho em grupo sendo a essência do voluntariado, Goldberg (2001) afirma que não se pode esquecer que cada pessoa tem sua forma de

atuar nesse tipo de trabalho e que é a soma das diferentes maneiras de exercer tal atividade é que constituem o grupo em toda a sua complexidade. Assim, complementa a autora, a melhor maneira de definir como atuar é identificar as potencialidades de colaboração de cada um, as necessidades da comunidade e colocar a criatividade em ação.

Assim como diferentes formas de atuação, cada pessoa tem seus motivos para ser voluntário; Garay e Mazzilli (2003) afirmam que a ação voluntária costuma estar ligada a solidariedade, benevolência, afeto, compreensão e responsabilidades para com os outros, sendo também possibilidade de autotransformação e de transformações sociais. Ser voluntário é, ainda, uma forma de treinamento, que oportuniza o exercício da liderança e do senso de responsabilidade, o que é possível a partir da espontaneidade que esse tipo de ação envolve. Os autores afirmam ainda que a prática do voluntariado possibilita o desenvolvimento de maior facilidade e desenvoltura na resolução de dificuldades no/do dia a dia, inclusive com soluções mais criativas, maior iniciativa, busca de maior proximidade nas relações interpessoais, aceitando melhor as contribuições vindas de outras pessoas, assim como a disseminação, nos ambientes em que convivem, de valores e da cultura da responsabilidade social.

Assim pode-se afirmar, conforme Goldberg (2001), que o voluntariado empresarial é uma empreitada que traz ganhos para a empresa, a comunidade e os funcionários. Do lado social, permite reduzir dificuldades que aflijam verdadeiramente a comunidade, resultando em melhorias na qualidade de vida, ajudando a construir uma sociedade mais saudável e trabalhando, em última

instancia, em favor da perpetuação das atividades da empresa. No âmbito dos negócios, programas de voluntariado empresarial auxiliam no desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais, promovem a lealdade e satisfação com o trabalho, ajudam a atrair e a reter funcionários qualificados.

2.5 Responsabilidade Social Empresarial: Projeto Embarcação

A seguir será apresentado um projeto que, por motivos éticos, receberá o nome fictício de Projeto Embarcação; este é um projeto de responsabilidade social empresarial, de empresa multinacional de capital europeu (que será nomeada Empresa), elaborado e executado por colaboradores internos e externos da referida empresa, sendo todos voluntários. O Projeto Embarcação é desenvolvido em comunidade popular carente vizinha à Empresa. Esta comunidade localiza-se na periferia de município do interior paulista, bairro no qual não há saneamento básico, as ruas não são asfaltadas e as casas são bastante simples apesar de serem de alvenaria.

O Projeto Embarcação começou, no primeiro semestre de 2002, com ação filantrópica, sendo a primeira atividade uma campanha de doação de agasalhos e alimentos; os colaboradores internos fizeram doações e eles próprios foram entregá-las aos moradores da comunidade. No entanto, muitas famílias que receberam essas doações disseram que não precisavam de roupas e comida, que isso eles tinham, que o que eles precisavam eram melhorias nas condições de vida.

Com isso os coordenadores do Projeto Embarcação perceberam que o melhor caminho não seria o do assistencialismo/filantropia e sim o da educação e da promoção de cidadania. A partir deste momento começou-se a pensar em possibilidades de proporcionar desenvolvimento pessoal para a população daquela comunidade.

A coordenação do projeto e alguns colaboradores-voluntários decidiram, então, começar um projeto de promoção de educação e cidadania para crianças e adolescentes daquele bairro, acreditando que atividades esportivas poderiam ser um bom caminho para atingirem o objetivo; considerando a prática esportiva como ato educativo e possibilidade de exercício de cidadania.

Alguns colaboradores-voluntários tinham vontade de criar uma “escolinha de futebol” para os meninos do bairro; e assim foi feito; criou-se, em outubro de 2002, a “escolinha de futebol” para meninos de 7 a 14 anos. Daí em diante o Projeto Embarcação só cresceu, em outubro de 2003 foi criada a “escolinha de balé”, que em agosto de 2004 virou “escolinha de dança”, que atende às meninas entre 7 a 14 anos; em abril de 2004 foi criada a “escolinha de capoeira” que atende meninas e meninos; e em junho de 2004 a “escolinha de xadrez” da qual participam apenas meninos, pois as meninas não apresentaram interesse; as “escolinhas” de capoeira e xadrez são atividades chamadas complementares e opcionais, por isso participam delas apenas algumas das crianças que freqüentam as de futebol e de dança. Nas “escolinhas”, além das atividades de futebol, dança, capoeira e xadrez são oferecidas também atividades lúdico-educativas. Todas as atividades são organizadas e dirigidas pelos 25 colaboradores-voluntários.

As “escolinhas” são realizadas semanalmente, aos sábados, sendo as de capoeira e xadrez das 9:00 às 11:00 horas e as de futebol e dança das 14:00 às 17:00 horas, sempre é servido um lanche aos participantes no final das atividades vespertinas. A “escolinha de futebol” acontece em campo gramado, cedido, vizinho à empresa e à comunidade, enquanto as “escolinhas” de capoeira, xadrez e de dança e as atividades lúdico-educativas são desenvolvidas dentro da própria empresa, no refeitório, na área de lazer, em uma das salas de reunião e na sala de treinamentos, que possui um grande espelho e equipamentos de áudio e vídeo.

Atualmente, a “escolinha de capoeira” atende 30 meninas e meninos com idades entre 7 e 14 anos; a “escolinha de xadrez” atende 14 meninos que tem entre 7 e 14 anos; a “escolinha de futebol” atende 61 meninos de idades entre 7 e 14 anos, que são divididos em dois grupos: os meninos menores (de 7 a 10 anos) e os meninos maiores (de 11 a 14 anos) os grupos se alternam no campo de futebol, ficando cada um deles metade do tempo de atividades treinando futebol e a outra parte em atividades lúdico-educativa. Na “escolinha de dança”, que atende 49 meninas com idades entre 7 e 14 anos, também existe a divisão em grupo das meninas menores (de 7 a 10 anos) e das meninas maiores (de 11 a 14 anos) e nesta atividade os grupos de meninas se revezam ficando cada um deles metade do tempo em atividades de dança e a outra metade em atividades lúdico-educativas, muitas vezes junto com os meninos. É importante ressaltar que as atividades lúdicas, a capoeira, o xadrez, o futebol e a dança são apenas caminhos para que se chegue ao

objetivo principal do Projeto Embarcação, que é “criar cidadãos comprometidos com sua comunidade através da educação”.

Há no projeto uma equipe de psicólogas, composta por três profissionais; duas realizam atividades de acompanhamento escolar das crianças e adolescentes, fazendo visitas às escolas e encaminhamentos necessários; e a outra que supervisiona os voluntários e a equipe de psicólogas, além disso as três realizam atendimentos clínicos as crianças, adolescentes e famílias do projeto.

Estou envolvida no Projeto Embarcação desde outubro de 2002, já tendo participado de algumas atividades junto às crianças e adolescentes; também conheci algumas famílias, quando ajudei no cadastramento das crianças. Desde agosto de 2003 tenho participado como supervisora do grupo de voluntários, baseando meu trabalho na proposta de supervisão de apoio psicológico, sei que há momentos em que fico aquém e outros em que vou além dessa proposta, por isso afirmo que apenas me baseio nela.

Reúno-me com os voluntários semanalmente, durante uma hora, para a supervisão, a qual coordeno e facilito. As reuniões de supervisão acontecem na própria empresa, e todos os voluntários são convidados a participar. Nessas reuniões são pensadas e discutidas as atividades oferecidas no Projeto Embarcação, sendo feitas a programação e a avaliação das mesmas. Além disso, nesses encontros, há uma preocupação em ouvir e acolher as vivências e experiências dos voluntários, para que cada um deles possa compreender e viver melhor cada nova experiência. Assim, a proposta desta atividade é

retomar, pensar e reelaborar com o grupo as experiências de cada um e de todos na prática do voluntariado.

3. Compartilhando o método

Segundo Richardson e colaboradores (1999), pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos pesquisados e, neste caso, pela pesquisadora, já que, segundo Gil (1999), a pesquisa participante se caracteriza pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa.

3.1 Para que

O objetivo, nesta pesquisa, foi descrever possibilidades de atuação do psicólogo clínico em um projeto de responsabilidade social empresarial, a partir de experiências vividas por participantes do Projeto Embarcação.

Para se chegar a este objetivo foram percorridas as seguintes fases: descrição do Projeto Embarcação e suas atividades; descrição da experiência dos participantes do Projeto Embarcação; descrição da atuação da psicóloga no Projeto Embarcação; explicitação das reflexões da psicóloga, a partir de seu trabalho no Projeto Embarcação e elaboração de possibilidades de atuação de psicólogo clínico em projetos de responsabilidade social empresarial.

3.2 Com quem

Participaram dessa pesquisa, além da própria psicóloga/pesquisadora envolvida, sete voluntários do Projeto Embarcação que fazem parte do grupo

de supervisão. Foram escolhidos voluntários que tem bastante conhecimento e prática neste projeto e articulam bem suas idéias.

Participantes que colaboraram com este estudo seguindo os critérios de inclusão (os nomes são fictícios para preservar suas identidades):

Paulo, 41 anos, coordenador do projeto, voluntário desde março de 2002.

Valéria, 32 anos, coordenadora do projeto, voluntária desde junho de 2003.

Marcos, 23 anos, voluntário do projeto desde março de 2003.

Renato, 30 anos, voluntário do projeto desde outubro de 2002.

Lílian, 37 anos, voluntária do projeto desde fevereiro de 2003.

Roberto, 39 anos, idealizador do projeto, voluntário desde setembro de 2002.

Luis, 37 anos, idealizador do projeto, voluntário desde setembro de 2002.

A participação de todos foi vinculada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1).

3.3 Como

A pesquisadora realizou entrevistas com voluntários do Projeto Embarcação, para a execução inicialmente foi feito um contato pessoal com os participantes para esclarecimentos sobre a pesquisa e solicitação de consentimento.

Foram realizadas entrevistas semi-dirigida, nas quais foram percorridos os temas constantes do roteiro (Anexo 2) sendo iniciadas pela questão disparadora. Foi realizada 1 (uma) entrevista com cada um dos voluntários que colaborou com a pesquisa; foi feito registro áudio gravado, com transcrição na íntegra das verbalizações, que são apresentadas no Anexo 3. As entrevistas aconteceram na própria Empresa, em sala preservada, entre os dias 13/05/2004 e 24/06/2004. Sempre em sala reservada e estando presentes apenas a pesquisadora e o participante entrevistado.

“A entrevista face a face é fundamentalmente uma interação humana, na qual estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos, interpretações e constituição de sentido para os protagonistas, entrevistador/es e entrevistado/s. Da mesma forma que quem entrevista tem/busca informações, quem é entrevistado também está processando um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o interlocutor e organizando suas respostas para aquela situação”. (Szymanski, 2000, p.195)

Assim, ainda segundo Szymanski (2000), se consideramos a entrevista como uma interação, será sempre uma intervenção já que o ser humano nunca é neutro para outro ser humano. E além da influência mútua, o que é considerado intervenção é o resultado de um processo de tomada de consciência suscitado pela atuação do entrevistador, no sentido de explicitar sua compreensão da fala do entrevistado, tornando presentes e dando voz às idéias que foram expressas.

Além das entrevistas foi feito diário de campo com anotações e registros de todas as atividades e observações participantes desenvolvidas pela pesquisadora, que atua como supervisora do grupo de voluntários no Projeto Embarcação; o diário de campo foi escrito sempre no mesmo dia das ocorrências nele registradas.

No diário de campo, são registradas as informações pertinentes à vida cotidiana dos membros do grupo pesquisado e à sua dinâmica. Esse registro ultrapassa a descrição objetiva, neutra e isenta de apreciações do pesquisador sobre os acontecimentos. Ao contrário, a avaliação do profissional sobre os episódios, sua dinâmica e natureza, assim como sobre os efeitos provocados apresenta-se de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa (Freitas, 1999). Neste trabalho os diários de campo são compostos por anotações de observação participante da pesquisadora que, segundo Gil (1999), consiste na participação ativa na vida de um grupo; o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de membro do grupo, assim, pode-se definir a observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento do grupo a partir da participação em sua vida.

A partir de seus registros de diários de campo a pesquisadora criou um texto, que recebeu o nome de Registros e Reflexões (Anexo 4), no qual fez uma síntese contendo as situações mais significativas segundo sua própria avaliação.

Como material para análise e discussão, foram utilizados, os registros pessoais da pesquisadora e as verbalizações das entrevistas, a partir dos quais foram encontradas vivências acerca da temática central da pesquisa. Para a

análise dos dados foi empregada a Fenomenologia que, segundo Amatuzzi (1996), pressupõe que o vivido seja um caminho rico e importante para o conhecimento.

Inicialmente foi feita, pela própria pesquisadora, a transcrição das entrevistas seguindo a proposta de Araújo (2001) que afirma que se deve fazer um esforço “para que aquilo que será lido contenha movimento, volume, ritmo e intensidade pelo empréstimo de riqueza visual a imagem escrita do que foi obtido oralmente” (p. 148); isso quer dizer que as falas foram transcritas literalmente, inclusive contendo erros de pronuncia, repetição de palavras e momentos de silêncios. Em seguida, foram grifadas as frases mais significativas, de cada depoimento, que poderiam resumir os pontos a serem observados; posteriormente as frases foram agrupadas por temas, criados a partir dos objetivos preestabelecidos na pesquisa; logo após tais frases foram reescritas pela pesquisadora a partir de sua compreensão, sendo seguidas pela apresentação do trecho literal em destaque privilegiando os momentos mais significativos; este procedimento foi repetido em cada uma das entrevistas, recebeu o nome de análise das entrevistas e será apresentado em seguida. A partir da análise de cada entrevista foi feita uma síntese, isto é, a pesquisadora reorganizou os temas encontrados nas entrevistas criando um texto que apresenta pontos em comuns a todos as falas e outros que são particulares nas diferentes verbalizações dos entrevistados. E por fim a pesquisadora, a partir dessa síntese e de seus registros pessoais, propôs uma discussão a respeito da temática e dos objetivos deste trabalho, podendo assim concluí-lo.

4. Compartilhando a análise das entrevistas

Entrevista I

Visão de Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Paulo tem grande preocupação com o futuro da responsabilidade social empresarial no Brasil, receia que a proposta seja deturpada e que se torne modismo e mau uso de dinheiro e de mão de obra voluntária.

“responsabilidade social já tá razoavelmente definido, mas no Brasil é relativamente novo, a prática é nova, mas tá virando, o que me preocupa (...) é começar a deturpar esse negócio, porque agora virou moda (...) então começa a deturpar novamente o conceito de responsabilidade social”.

O início do Projeto Embarcação

Paulo conta que o projeto começou com ação filantrópica, com a qual não se obteve o resultado esperado. A população manifestou que não era disso que precisava. Depois de repensada as propostas, iniciaram-se atividades esportivas com objetivos educacionais.

“acho que começamos como todo mundo começa: campanha do agasalho, campanha de alimentação... e foi um desastre, (...) nós até que arrecadamos bastante coisa. Na empresa não se fazia nada disso. Mas a frustração dos voluntários (...) depois que você deu a roupa e a comida, (eles) descobriram que não era isso que estavam precisando... Então nós decidimos fazer alguma coisa mais voltada para a área de educação. Começamos a

pensar o que seria um projeto de cidadania (...). Foi, então, que surgiu a idéia da escolinha de futebol. A escolinha de futebol era para atrair as crianças; e depois que estiverem atraídas pelo esporte, a gente iria começar a fazer um trabalho de educação”.

Visão do Projeto Embarcação

Este é um projeto baseado em parcerias internas, com funcionários, e externas, com outras empresas, colaboradores e com a comunidade.

“o aspecto legal do projeto é que ele é aberto (...) aos funcionários, e aberto a qualquer outra pessoa que tenha essa mesma vocação, ou que tenha essa mesma filosofia. Para fazer parte da responsabilidade social, a gente sempre quis ter parceiros (...); e aí foram convidadas empresas, fornecedores e clientes da Empresa, para participarem”

Um dos objetivos do projeto é ser iniciador do processo de mudança social deixando que as pessoas envolvidas, tanto os voluntários quanto os da comunidade, se responsabilizem por ele.

“A Empresa quer ser (...) uma mola propulsora mesmo, nós não queremos ser os donos (...) essas pessoas podem continuar fazendo com ou sem Empresa, (...) o grande objetivo (...) é formar as pessoas da comunidade para que no futuro elas sejam as responsáveis por esses projetos”.

Segundo Paulo estão surgindo novos líderes, no projeto, que podem vir a assumir o comando, o desenvolvimento e dêem continuidade ao projeto.

“outras lideranças despontando, e a gente tem permitir que essas lideranças cresçam e se possível assumam (...) se tem lideranças surgindo agora que possam assumir esse negócio, ótimo”.

Participação no Projeto Embarcação

A matriz da empresa solicitou que fosse desenvolvido um projeto de responsabilidade social, e Paulo se ofereceu para desenvolver e coordenar esse projeto, pois já tinha participado de experiências similares.

“O (...) projeto, começou com uma solicitação da matriz (...). Como eu já tinha participado de atividades similares, anteriormente, eu me propus, (...) a ser o coordenador”.

Paulo está muito satisfeito com a experiência, diz que é muito enriquecedora, e que está aprendendo a atuar na liderança desse tipo de empreendimento.

“tem sido uma experiência muito viva e uma experiência muito rica esse projeto (...) ele é muito gratificante (...) isso tem sido uma experiência bastante rica, eu tenho aprendido não só como voluntário(...) mas como atuar na liderança”.

Relação entre Empresas e Projetos Sociais

Paulo acredita que a parceria com empresas é fundamental para projetos de responsabilidade social, pois a empresa investe seu conhecimento em planejamento e organização.

“não é porque tem uma atividade voluntária, que não tem que ter o mesmo nível de seriedade, de planejamento e organização que tem dentro da empresa (...) a empresa contribui com o know-how que tem de organização, de planejamento”

A preocupação da coordenação do projeto, segundo Paulo, deve ser com a motivação e o engajamento dos voluntários e da diretoria da empresa; afinal são eles que fazem o projeto, os voluntários no dia-dia, e a diretoria na viabilização do mesmo.

“20 pessoas (voluntários), que não tem nenhuma obrigação formal de participar, mas que ao mesmo tempo tem uma responsabilidade enorme perante o projeto, e aí passa pelo aspecto de organização, de motivação. (...) O desafio é fazer com que as pessoas se engajem nisso... mas para se engajar nisso, é fundamental que a direção da empresa esteja engajada”.

Segundo Paulo, não é possível desenvolver um projeto de responsabilidade social empresarial se a direção da empresa não estiver engajada.

“não existe responsabilidade social, eu não acredito, que exista responsabilidade social numa empresa, se desde o presidente, se desde o presidente da empresa não tiver engajado nisso, não comparar a idéia”.

Paulo afirma que o engajamento da direção da empresa é percebido quando diretores e gerentes apóiam a participação de seus subordinados nas atividades, mesmo não havendo privilégios para funcionários que são voluntários.

“na medida em que eles (diretores) apóiam os funcionários de seus respectivos departamentos a participarem, isso é bem-vindo na empresa, não que isso, não que isso dê algum privilégio a eles, mas que os diretores sabem exatamente quem participa e quem não participa também é um fato”.

Paulo acredita que para os funcionários é muito importante que tal projeto exista, pois se não houvesse essa oportunidade eles procurariam outros projetos independentes para serem voluntários; além disso, funcionários que se sentem bem onde trabalham tem interesse em participar desse tipo de projeto.

“o funcionário precisa disso,(...) porque senão ele vai doar esse tempo dele, ou esse talento dele em outro local (...) o funcionário que é feliz onde ele trabalha, ele sempre quer fazer algo mais e pode ser através da responsabilidade social”.

Paulo afirma que este projeto tornou-se referência dentro do grupo, pois tem colaboradores internos e externos participando do voluntariado estabelecendo parcerias; por incentivar a formação de cidadãos através da educação e por ter um custo tão baixo em relação ao tamanho da população atendida.

“o nosso projeto virou referência para a Empresa no mundo (...) o que a Empresa valoriza muito é o aspecto de estarem participando funcionários e não funcionários da Empresa, é o aspecto das pessoas estarem engajadas, é o aspecto de ter parcerias, é o aspecto do custo ser ridículo, diante do tamanho, do número de pessoas que são beneficiadas, é o aspecto da população que a gente escolheu, serem crianças e adolescentes, é o aspecto de ter um enfoque muito claro de cidadania, da formação de cidadãos através da educação,. e isso é reconhecido pela empresa”.

Segundo Paulo, inicialmente a responsabilidade social era subordinada ao departamento de recursos humanos, porém hoje é um negócio independente, o que faz com que seja necessária tanta seriedade e empenho quanto em qualquer outro setor da empresa, e isso só é possível se houver organização e planejamento.

“A responsabilidade social que antes deveria ser (...) um apêndice do departamento de recursos humanos, hoje tem vida própria, é muito mais abrangente que o departamento de recursos humanos, não depende do departamento de recursos humanos e é respeitada dessa forma; tanto é que cresceu tanto que a gente vai ter que se reorganizar para atender a demanda da responsabilidade social”.

O projeto social é, segundo Paulo, mais um dos negócios da empresa e como tal deve gerar lucro, que neste caso é promover desenvolvimento, crescimento, educação e cidadania para a população atendida.

“aqui todo dia a gente tenta reduzir custos e vender por um preço maior, e para isso envolve uma série de aspectos, envolve inovação tecnológica, envolve motivação de pessoas, envolve racionalização de custos, envolve uma série de coisas que tem, que ao mesmo, que para gerar esse resultado”.

Para Paulo, como existe a preocupação em gerar resultados, a empresa torna-se mais eficiente que o Estado na execução deste tipo de atividade, afinal é mais organizada, mais objetiva, mais racional e mais econômica que o poder público.

“as empresas são muito melhores organizadas que o Estado, sempre, as empresas são muito mais objetivas, as empresas são muito mais racionais e as

empresas fazem muito mais com menos dinheiro (...), por isso a empresa é muito mais eficaz que o Estado”.

Na opinião de Paulo, a parceria entre empresas e Estado pode ser interessante para o projeto, porém não é imprescindível.

“(O Estado) pode abrir muitas portas no sentido de abrir novos caminhos para gente, não que a gente necessite do apoio poder público, mas é muito bom ter o poder público como parceiro, até porque muitas coisas podem ser feitas através dele”.

Papel do Psicólogo em Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Paulo acredita que o psicólogo possui conhecimentos que deve transmitir aos voluntários, seu papel é de formar, informar e dar suporte técnico a estas pessoas; por isso é importante a participação destes profissionais em tais projetos.

“o pessoal viu que você é uma referência técnica para gente, é a pessoa que pode esclarecer dúvidas do grupo que a gente às vezes não tem subsídio, e você pode fazer isso baseada na sua experiência, mas também baseada na experiência dos outros, já que você tá estudando especificamente sobre o assunto (...) eu acho importante a participação do psicólogo clínico”.

O psicólogo é responsável, segundo Paulo, por esclarecer posicionamentos diferenciando ações filantrópicas de projetos de responsabilidade social empresarial.

“você veio, começou a colocar essas coisas claramente, a diferenciar filantropia de assistencialismo de responsabilidade social, ficou muito mais simples a nossa atuação, e também ficou mais eficaz, por que hoje a gente

sabe como evitar o assistencialismo e evitar a filantropia (...) por isso eu acho que a função do psicólogo clínico não é só de orientação ou de suporte aos voluntários, mas ele também tem essa função de esclarecer o conceito, a definição”.

Paulo afirma que o psicólogo é a pessoa responsável por fazer questionamentos, pensar e fazer perguntas que nunca foram feitas antes.

“depois que você entrou, você começou a fazer questionamentos, fazer perguntas, que a gente inclusive não se questionava, por um motivo muito simples, não tinha formação para isso, e é nítido o quanto o grupo cresceu com estes questionamentos”.

Na opinião de Paulo o psicólogo é o facilitador nos momentos de tomada de decisão.

“você ajuda muito no aspecto da tomada de decisão, quando tem a dúvida, quando falta argumentação, a gente recorre muito a Bruna”.

Em alguns momentos Paulo diz que teve receio a respeito do papel e da postura da psicóloga, questionando se estava sendo adequada, mas posteriormente percebia que sim, que eram ações efetivas.

“às vezes eu acho que o fato de você estar (...) questionando as atitudes, colocando alguns dos voluntários na parede para se definirem em relação a este ou aquele tema (...) às vezes eu fico com receio, falando esse vai desistir do projeto, e é ao contrário, as pessoas se fortalecem”.

Sua presença é importante no desenvolvimento dos voluntários, pois o psicólogo é facilitador do processo de auto-conhecimento.

“a psicologia clínica pode... fazer uma grande diferença, na formação e na informação dessas pessoas, no auto-conhecimento, na forma de atuar e na atitude”.

Já que, segundo Paulo, o psicólogo é mediador na promoção de motivação, e responsável por proporcionar esclarecimentos, seu trabalho possibilita maior o discernimento com relação à função de cada um e do grupo de voluntários, tornando assim o projeto mais eficiente e eficaz.

“o papel do psicólogo é muito importante, no sentido de fortalecer os voluntários, na medida que você tem voluntários mais motivados, mais bem esclarecido, mais fortalecido e, principalmente, com discernimento de qual a função dele, é óbvio que o projeto é mais eficiente e mais eficaz”.

Segundo Paulo, o psicólogo contribui com a definição do foco, da maneira adequada de agir em relação à comunidade atendida.

“a psicologia clínica contribui colocando, ensinando a colocar o foco da maneira correta (...) não basta a gente se organizar e tá muito bem planejado, mas indo na direção errada”.

Paulo acredita que alguns voluntários ainda não entenderam a proposta de trabalho da psicologia no projeto, por isso alguns aproveitam melhor dessa atuação profissional que outros.

“o interessante é que o grupo não caminha junto nessa formação, no nosso grupo a gente vê quantas pessoas que já estão, que tão em diferentes níveis (...) de ter entendido a proposta, então aqueles que realmente já entenderam até procuram mais o psicólogo, aqueles que ainda tem alguma dúvida tem mais receio do psicólogo”.

Entrevista II

Visão de Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Valéria acredita que projetos de Responsabilidade Social devem ser desenvolvidos por equipes que contem com profissionais de diferentes áreas, pontos de vista e enfoques, isto é, deve haver interdisciplinaridade.

“responsabilidade social eu acho que tem que ter um pouquinho de cada coisa, um pouquinho de cada pessoa, um pouquinho de cada cargo, cada função, para que uma complemente a outra”.

Visão do Projeto Embarção

Valéria acredita que o projeto possa e deva crescer muito e que apesar da desorganização atual, e do desejo de fazer mais do que é viável, é possível melhorar e continuar crescendo.

“o projeto, ele tá... caminhando para um lado legal... tem muito o que melhorar (...) ainda estamos muito desorganizados, precisamos nos organizar muito mais, senão nós não vamos dar conta (...) nós temos que terminar, acertar mais um pouquinho, tem mais alguns pontos para se resolver... e depois a gente tenta crescer mais, eu acho que esse projeto a tendência dele é crescer”.

Segundo Valéria, o estabelecimento de parcerias, inclusive com o poder público, é o melhor caminho para o desenvolvimento desse tipo de projeto, e é o que possibilita o seu crescimento.

“a gente tem, tem que estar atrás de psicólogo de (...) de prefeitura, de tudo quanto é lugar que a gente pode ir atrás de algum recurso a gente tem que estar atrás”.

Valéria acredita que o grupo de voluntários está precisando ser motivado e que psicologia poderia desenvolver estratégias que levassem a este resultado.

“a gente precisa trabalhar bastante, para que a gente consiga motivar mais a equipe, porque eu acho que ela tá começando a se desmotivar de novo a gente precisar dar um, uma levatada nesse pessoal (...) a gente tem muita coisa ainda para mexer”.

Participação no Projeto Embarcação

Valéria começou a participar do projeto para conhecer, entrou para ver como era, começou desenvolvendo as atividades que eram necessárias.

“eu entrei para conhecer... para ver como era (...) eu achei que, que seria interessante eu começar, eu tentar trabalhar com esse (...) com esse ponto da responsabilidade (...) eu comecei a participar numa festa junina que teve o ano passado, foi a primeira vez que eu vim conhecer o grupo, foi muito legal”.

Apesar de Valéria nunca ter imaginado trabalhar com crianças, está muito satisfeita por saber que está podendo promover educação e desenvolvimento para as crianças participantes.

“nunca tive a intenção de trabalhar com crianças... só que foi um projeto assim, que me encantou, que eu achei interessante, que eu podia dar um pouquinho de mim (...) e a gente pode de uma maneira ou de outra ajuda-los a ter um pouquinho mais de conhecimento da vida, não só conhecimento geral, conhecimento da vida”.

Quando entrou no projeto acreditava que poderia promover o desenvolvimento de seu filho, apresentando-lhe uma realidade diferente da sua.

“eu achei interessante (...) para a educação do meu, do meu filho, que eu poderia trazê-lo para ele ver uma realidade que não é a dele, a dele é um pouquinho diferente”.

Valéria acreditava também que poderia se desenvolver pessoalmente a partir da convivência com outras pessoas e da relação grupal que se estabelece entre os voluntários.

“pensei em mim também, que eu poderia ajudar e poderia crescer, poderia aprender com eles e com o grupo que trabalha, então você acaba, você trabalhando em equipe você acaba aprendendo muita coisa, primeiro a ter paciência, segundo a saber respeitar, e isso acho que a gente precisa aprender constantemente”.

Valéria foi envolvendo-se cada vez mais e atualmente tem função de coordenadora; acredita que isso se deva a sua preocupação como a definição e cumprimento de regras.

“essa parte de, de controle, de regras e tudo mais eu procurei me envolver mais, no entanto que eu cobro muito (...) vamos manter as regras (...) esse lado de coordenar, de liderar, tudo mais, é meu, e eu, e se ninguém me breca eu vou embora, eu vou em frente, então eu tenho, por isso que eu comecei, eu passei mais, meio que entre aspas que a coordenar”.

Quando iniciou sua participação, Valéria não imaginava nem almejava ocupar a função de coordenadora.

“não tenho intenção de liderar, de coordenar, faço o que acaba aparecendo, não é minha, não é minha intenção, mas acaba acontecendo”.

Acredita que ser coordenadora é uma tarefa que tem gratificações e dificuldades; afinal é difícil satisfazer todos do grupo.

“eu acho que existem dois lados, o lado que te favorece e o lado que não te favorece (...) só que isso acaba sendo natural, não adianta você não muda as pessoas (...) você tem esses dois lados, tem aquelas pessoas que gostam e aquelas que vão te, vão te criticar”.

Relação entre Empresas e Projetos Sociais

Valéria acredita que a empresa apóia o desenvolvimento do projeto e a participação dos funcionários no mesmo, possibilitando o uso de recursos e de tempo para a preparação e execução de atividades.

“a empresa, a minha chefia, a minha gerência, o meu trabalho (...) então para isso me facilita muito, e a empresa não me obriga a não fazer, ela me disponibiliza tudo que eu preciso, de tempo, de equipamento, de tudo”.

Valéria acredita que projetos desenvolvidos por empresas são viáveis e necessários já que não se deve esperar que o poder público resolva todos os problemas sociais sozinho. Se cada um fizer a sua parte, que não precisa ser muito grande nem onerosa, é possível promover uma mudança social.

“não adianta a gente ficar esperando do governo, para mudar o país, acho que depende de cada um de nós, e uma empresa é bem estruturada, tem condições de ajudar, tem condições de se envolver num projeto social e fazer muita coisa, não precisa ser com grandes quantidades de dinheiro, não precisa ser fazendo coisas monstruosas, não... um pouquinho de, de boa vontade... de voluntários, de boa vontade da própria empresa, você consegue fazer um monte de coisa”.

Papel do Psicólogo em Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Segundo Valéria, o psicólogo orienta os voluntários a respeito da forma de atuação com as crianças, da maneira mais adequada de ação. Em momentos de dúvidas durante essa atuação ajuda na tomada de decisões e atitudes.

“eu acho que a função do psicólogo na responsabilidade social ajuda, e muito em como a gente vai poder agir em determinadas situações, na maneira de nos orientar como a gente vai agir tanto com as crianças, tanto com o grupo em si (...) principalmente em algumas horas que você não sabe que atitude você deve tomar”.

Valéria afirma que o psicólogo é facilitador dos processos de auto-conhecimento dos voluntários, tendo papel importante de suporte, para que

estes consigam desenvolver o trabalho junto à comunidade e a realidades tão diferentes.

“eu acho que me ajudou (...) comigo mesma, como é que eu posso agir em determinados momentos quando alguém fala alguma coisa (...) eu acho que psicólogo ajuda e muito, e eu acho que tem que ter um trabalho bem legal por trás, principalmente, para a gente ter estrutura para agüentar... porque querendo ou não, você pega uma, um pessoal carente, uma equipe, um projeto onde você tá trabalhando com crianças carentes, você precisa de um apoio”.

Valeria acredita que a psicologia pode desenvolver estratégias que motivem o grupo de voluntários.

“a gente precisa trabalhar bastante, para que a gente consiga motivar mais a equipe, (...) não sei te dizer qual seria a solução, mas a gente tem muita coisa ainda para mexer, e com certeza a ajuda sua é primordial”.

Entrevista III

Visão de Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Marcos diferencia de forma clara projetos de responsabilidade social de outros filantrópicos, afirma preferir e acreditar mais nos socialmente responsáveis, apesar de não descartar a necessidade de existência dos

filantrópicos, principalmente, em se tratando de um país com políticas públicas filantrópicas.

“o país ao invés de investir em educação, em cultura (...) o país prega, quem tá governando o país já tá pregando que é melhor você dar o peixe do que ensinar a pescar... (...) as empresas que simplesmente doam, que doam o dinheiro, tem que existir, o país não conseguiria existir sem elas, muita coisa seria pior sem elas, porém eu acho que tem muito mais a se fazer do que só isso, o papel da empresa perante a sociedade é da responsabilidade social da empresa é essencial pro desenvolvimento do país, tanto da empresas que simplesmente doam o dinheiro, fazem as doações, como as empresas que doam tempo e, e conhecimento”.

Marcos afirma que no Brasil ainda há grande preocupação com o marketing social.

“aqui no Brasil isso é bem problemático, pelo que a gente vê a maioria das empresas faz por marketing, (...) a maioria das empresas aqui no Brasil, ou algumas empresas aqui no Brasil fazem isso por marketing... aí não vale a pena, (...) não que essas empresas que fazem por marketing estão fazendo mal, mas não tão fazendo tudo de bom”.

Marcos acredita que projetos de responsabilidade social podem promover, efetivamente, cidadania e consciência social, o que gera muitos benefícios para a comunidade.

“se você consegue formar cidadãos conscientes da responsabilidade deles perante a sociedade, a sociedade toda tem muito a ganhar, se você consegue pegar uma população que tá a margem da sociedade e consegue mostrar para eles que eles podem fazer parte da sociedade como um todo (...) se você consegue realmente formar cidadãos comprometidos com o futuros,

comprometidos com o país e comprometidos com eles próprios, com certeza isso será engrandecedor”.

Marcos afirma que é responsabilidade de todos os cidadãos a promoção de transformações sociais e a única forma de efetivar isso e mudar o futuro seria através das crianças.

“acredito que seja responsabilidade de todos nós fazer com que algo de bom aconteça (...) eu acredito que não tem como você mudar a situação atual do país e do mundo em geral sem ser pelas crianças, então eu acredito que seja plantando hoje para ter bons frutos amanhã (...) as crianças são quem tem o poder de estar mudando alguma coisa, é essencial que a gente faça alguma coisa relacionado a isso”.

Visão do Projeto Embarcação

Marcos acredita que o projeto esteja cumprindo seus objetivos e que esteja conseguindo realmente promover o desenvolvimento das crianças atendidas, que ainda pode melhorar, porém já está obtendo resultados.

“quem participa do projeto vê que as crianças a cada dia tem uma atitude diferente, a cada dia elas conseguem mostrar algo que, que faz a gente acreditar que realmente tá valendo a pena; acho que estamos no caminho, tem muito a melhorar sem dúvida nenhuma, mas acredito que estamos no caminho”.

Participação no Projeto Embarcação

Marcos participa do projeto por gostar muito de crianças e por acreditar que não se deva esperar que o poder público promova as mudanças sociais

necessárias e que cada cidadão deva fazer a sua parte e ser responsável pela sociedade.

“eu sempre tive paixão por criança... e eu fui criado com a seguinte idéia não espere que os outros façam, faça você; então para mim o projeto (...) é a diferença entre esperar um futuro melhor e fazer um futuro melhor (...) eu tenho paixão por criança, eu adoro criança, sempre gostei, e eu acredito que se cada um fizer a sua parte ao invés de ficar esperando dos outros, acredito que a gente possa fazer algo melhor pelo país”.

Marcos diz que seus objetivos pessoais coincidem com os do projeto e que acredita que deva ser assim, mesmo conseguindo definir algumas de suas metas.

“o objetivo pessoal é o mesmo objetivo do projeto, se você faz parte do grupo, falar de objetivo pessoal, o que seria objetivo pessoal, talvez, vir aqui e me divertir com as crianças, conhecer as crianças, conhecer as dificuldades de cada uma (...) nada diferente disso”.

Apesar de Marcos não conseguir definir claramente quais são seus objetivos pessoais com relação ao projeto, diz que se sente motivado em participar.

“objetivo pessoal quando você fala em responsabilidade social é extremamente complicado, o que é objetivo pessoal quando você tá pensando na sociedade, na verdade o meu objetivo pessoal eu alcanço se as crianças mostram que tá valendo a pena”.

Marcos afirma estar fazendo o melhor que pode, porém não é capaz de avaliar sua participação, dizendo que isso cabe aos outros voluntários.

“a melhor maneira que eu saberia fazer, se tá certo ou se tá errado eu não sei, você que pode falar melhor, mas é dá melhor maneira que eu saberia fazer; eu aprendi muito com o projeto, para mim tá sendo excelente, o que eu estou trazendo pro projeto já não sei, tem que perguntar para as outras pessoas”.

Relação entre Empresas e Projetos Sociais

Marcos acredita que existam problemas em diferenciar as ações do projeto das ações da empresa.

“eu acredito que a gente tenha muito problema em conseguir diferenciar o projeto da empresa, saber que são coisas diferentes, saber diferenciar isso aí”.

Segundo Marcos, projetos de responsabilidade social humanizam as empresas que os promovem, o que as aproxima de seus funcionários que, por isso, sentem-se motivados por trabalhar nessas organizações que promovem o bem estar social, situação que naturalmente gera maior produtividade e em consequência maior lucro.

“o projeto motiva sim os funcionários, porque tudo que faz com que a gente pense que a empresa tá fazendo algo de bom para alguém humaniza a empresa, faz com que as pessoas que trabalham aqui dentro, acreditem que a empresa não tá aqui só para ganhar dinheiro, e logicamente isso aí aproxima mais a figura empresa do funcionário (...) enquanto negócio se você tem funcionários motivados, você tem funcionários que produzem mais, isso é mais do que sabido já”.

Marcos afirma que o projeto não pode ter como objetivo só o aumento no lucro da empresa, pois se os funcionários percebem que a empresa está incentivando o projeto simplesmente visando lucro deixam de apoiá-lo.

“não pode ser esse o objetivo do projeto, se os funcionários notam que a empresa tá fazendo aquilo em benefício próprio, para benefício da empresa só, aquilo deixa de ser motivante para as pessoas que tão participando do projeto, ou seja, se a empresa mostrar para mim que ela só quer lucro com o projeto social, aquilo ali logicamente vai deixar de ser, vai deixar de ser motivante”.

Papel do Psicólogo em Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Marcos afirma que o psicólogo é responsável por dar suporte aos voluntários na maneira de agir junto às crianças e nas melhores formas de promover o desenvolvimento das mesmas.

“a responsabilidade do psicólogo nesse projeto, a principal responsabilidade seria de estar dando suporte, suporte aos voluntários, porque os voluntários são pessoas que nunca lidaram com crianças dos outros (...) eu acredito que esse suporte seja essencial para a gente conseguir fazer um bom trabalho com as crianças”.

Marcos afirma que o psicólogo deve ajudar os voluntários a trabalharem em equipes, facilitando e melhorando a relação entre eles.

“a responsabilidade do psicólogo nesse projeto (...) a parte de como lidar com o grupo em geral dos voluntários (...) na responsabilidade social cada um tem seus, os seus objetivos, apesar de que o foco principal é o mesmo, mas cada um tem as suas idéias (...) então são pessoas diferentes, então tem essa parte também de como lidar com esse grupo, então tem a parte de como lidar como o grupo”.

Segundo Marcos, o psicólogo é responsável, ainda, pela promoção de desenvolvimento pessoal dos voluntários, o que leva a melhoria de suas vidas pessoal e profissionalmente.

“o psicólogo nesse projeto (...) ajuda bastante as pessoas a se conhecerem, então acredito que seja essencial pro crescimento de cada um; isso se reflete um pouco na parte profissional também, logicamente, porque as pessoas crescem como, como indivíduos, então, logicamente, isso vai tá influenciando na parte profissional, mas acredito que seja principalmente na vida de cada um”.

Marcos acredita que seria interessante o psicólogo se preocupasse mais com as dificuldades individuais de cada voluntário, e que desenvolvesse um programa de atendimentos individuais.

“todos nós temos nossos conflitos próprios, então acredito que influencie bastante e que seja essencial que o psicólogo esteja atento a isso e esteja trabalhando em cima disso aí (...) então existem pessoas que para elas é essencial que alguém faça elas pararem para pensar, então para essas pessoas, logicamente que sem o psicólogo elas não conseguiriam parar para pensar”.

Entrevista IV

Visão do Projeto Embarcação

Renato acredita que o projeto pode promover mudanças sociais a partir de suas atividades com as crianças e isso motiva os voluntários e o trabalho.

“você pode dar uma chance, pode mostrar para, para as pessoas, no caso para as crianças que existem outros lados, que existem, não existem, tem um horizonte, que pode ter outros objetivos do que o dela na comunidade dela”.

Renato acredita que os voluntários estão cada vez mais engajados e preocupados com a qualidade de seu trabalho, assumindo mais efetivamente suas responsabilidades.

“todo mundo tá procurando profissionalizar assim, fazer, é voluntário, é voluntário é, mas tem que ter responsabilidade (...) quando pega para fazer você tem que, realmente, se envolver... dar o melhor de si”.

Renato afirma que apesar do projeto ter certa autonomia e dos voluntários serem responsáveis por suas ações e desenvolvimento, o projeto social é parte da empresa e é esta que pode estabelecer regras e limites.

“o projeto hoje é feito pelos voluntários mesmo, isso que é uma coisa legal, que os voluntários fazem o projeto, decidem, então você tem voz ativa, você pode dar sua opinião (...) tem uma autonomia, é lógico, é lógico que a autonomia não é completa, não é um ser livre, completamente livre (...) num projeto que você tem numa empresa que os voluntários fazem, é lógico que a empresa pode sim colocar aí seus limites, impor os seus limites”.

Participação no Projeto Embarcação

Renato já havia participado de ações sociais, porém nunca de projetos. Diz que sempre gostou e que acredita que deva fazer alguma coisa pelas outras pessoas.

“eu sempre gostei de ajudar (...) naquilo que eu vejo que tá ao meu alcance, e sempre gostei de estar envolvido com, com pessoas, participei de, já muitas vezes de corais, porque eu gosto de cantar, então lá estava envolvido com pessoas, e lá no coral fazia alguma coisa em prol de outras pessoas (...) então já participei mas não em projeto social, e sim envolvido com pessoas”.

Por sempre ter gostado de fazer algo em prol de outras pessoas, assim que Renato conheceu a proposta deste projeto se interessou bastante e começou a fazer parte.

“sempre gostei, e sempre na minha, minha vida teve isso de ajudar alguém de alguma forma, e quando eu ouvi o coordenador do projeto (...) falando que a Empresa estava pensando, que eles tavam tentando resgatar voluntários para o projeto (...) entrei no projeto”.

Renato acredita que o projeto possa crescer muito ainda e com isso beneficiar uma população ainda maior, por isso sente-se satisfeito e motivado a continuar.

“no projeto eu me sinto satisfeito, motivado para continuar porque vejo que pode, isso pode tomar uma forma muito maior, acho que tem, tem crescido, mas acho que pode crescer muito mais, então isso me motiva, o fato que isso pode crescer mais, que você pode atingir mais pessoas, atingir de maneira mais, mais forte as pessoas”.

Relação entre Empresas e Projetos Sociais

Segundo Renato, projetos desenvolvidos por empresas são uma boa estratégia de promoção social, pois viabilizam ações e possibilitam que muitas pessoas participem dessas atividades.

“como a empresa tem um nome, tem uma estrutura, eu posso usar dessa estrutura, para poder ajudar outras pessoas... enfim de, de alguma forma, então se outras empresas também disponibilizassem isso, eu tenho certeza que tem muitas pessoas que também tem uma vontade, e talvez falte o recurso”.

Acredita que projetos desenvolvidos por empresas são realmente efetivos, pois tem respaldo de recursos e da credibilidade de seu nome, além disso, a empresa pode facilitar o estabelecimento de parcerias que são importantes e fortalecem o projeto.

“tem o nome da empresa, então para você abrir portas em outros lugares é muito mais fácil do que você montar uma, um grupo de cidadãos lá, de moradores de bairro (...) por você estar levando o nome dela, ela realmente te, te dá essa força, a abertura de portas para conseguir parceiros, para, enfim tudo que você precisa mesmo monetariamente, quando você precisa de fundo para usar, então a empresa te dá”.

Papel do Psicólogo em Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Renato nunca tinha tido contato com psicólogos, não conhecia essa forma de atuação profissional, e acreditava ser desnecessária, diz, no entanto

que tem achado interessante ter um profissional cuidando dos voluntários e do projeto e colocando seu ponto de vista a partir de conhecimentos teóricos.

“eu nunca tive um contato com um psicólogo (...) achava que nunca era necessário, enfim nunca tive contato mesmo com psicólogo (...) já no projeto então é minha primeira experiência, com psicologia (...) achei que realmente é muito válida, importante... por ter alguém vendo, analisando... uma pessoa que estudou, que conhece, olhando de fora e podendo dar opiniões”.

Segundo Renato, o psicólogo tem a função de ouvir o que as pessoas têm a dizer, acolher suas falas e apresentar seu ponto de vista de forma esclarecedora e séria a partir de seus conhecimentos teóricos e práticos.

“ouvir, ouvir muito, ouvir muito o que todo mundo tem a dizer, dar o seu ponto de vista... e (...) tem sido dado não simplesmente, como uma coisa largada, aérea, com base, com fundamentos, com experiências, muitas delas vividas, outras delas lidas, através de, enfim através mesmo da formação”.

Renato afirma que o psicólogo tem, ainda, a função de esclarecer dúvidas, dar opiniões e, às vezes, estabelecer regras e impor limites.

“é necessário que, que tenha alguém para ir esclarecendo algumas dúvidas (...) alguém para por o pé no chão, alguém para às vezes ditar algumas, tomar as rédeas em alguns, em alguns pontos e, realmente, eu acho sempre, que cabe, que cabe o psicólogo”.

A presença de psicólogos, segundo Renato, possibilita que além da vontade dos voluntários haja um profissional para orientar estas pessoas e seu trabalho no projeto.

“vontade todo mundo tem (...) só que ninguém sabe exatamente o que fazer, como fazer e nesse caso junto com todo mundo e tendo em vista a

psicologia ajudou a realmente profissionalizar fazer uma coisa mais profissional mesmo, dentro do projeto”.

Renato acredita que a participação de psicólogos no projeto lhe possibilitou maior credibilidade e respeito quando comparado com outros projetos, além de torna-lo diferente dos demais.

“pessoas que eu vejo que chegam no projeto e olham para ele e falam que ele é diferente (...) e quando você fala para alguém que faz parte de um projeto social e junto tem psicólogas também que fazem acompanhamento, a turma olha diferente, percebe que tem profissional de verdade trabalhando, que conhece, que entende (...) dá uma cara, dá mais responsabilidade, dá mais, dá credibilidade”.

Renato acredita que o psicólogo tem a função de facilitar o conhecer os outros, e as diferenças interpessoais e possibilitar melhor relacionamento grupal e promover integração.

“as pessoas se conheceram melhor (...) você conheceu seu outro voluntário, o grupo, talvez, porque como cada um vem por um motivo para responsabilidade social, então muitas vezes se você não entender o , motivo do outro talvez vai ter um atrito, uma competição não saudável, principalmente, nesses pontos acho que foi fundamental a presença da psicologia”.

Entrevista V

Visão de Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Lilian acredita que se em sua infância pobre tivesse tido uma oportunidade dessas, de ter um projeto de responsabilidade social, teria sido muito bom.

“eu penso que se eu tivesse na minha infância um... tido uma responsabilidade social dessa, eu acho que tinha sido tudo (...) eu vejo assim, ser pobre é comum, isso sabe, desde que você passa a ter uma educação, mas se na época eu tivesse tido uma responsabilidade social”.

Lílian afirma que o projeto faz muito bem às crianças, promove desenvolvimento efetivo e que por isso não pode acabar.

“eu acho que para essas crianças isso aqui a gente nunca vai poder (...) acabar, a gente não pode, de jeito nenhum, a gente vai ter que ter força de vontade para sempre levar, (...) isso daqui, para elas é muito importante, é muito divertido (...) eu vejo assim, a maneira de comportamento, assim, comportamento, quando elas chegavam aqui e (...) agora elas são mais comportadas, elas sentam, elas esperam”.

Participação no Projeto Embarcação

Lílian começou a participar do projeto, pois estava em busca de atividade que pudesse lhe dar prazer e a oportunidade de sair da rotina e de casa aos sábados. Estava em busca de crescimento pessoal e de momentos de liberdade.

“para mim é como um crescimento (...) vir aos sábados aqui, para mim é uma fuga, deixar de, de tantas coisas lá minhas particulares (...) então eu, eu

tinha que fazer alguma coisa que eu gosto, então o projeto fez com que eu tirasse um pouco aquilo (rotina) do sábado”.

Lílian diz que conseguiu atingir seu objetivo e hoje tem seu espaço e tempo dedicados para essas atividades, e que é respeitada por isso.

“já consegui, é mais ou menos arrancar a minha liberdade, é ter tido assim, adquirido a minha liberdade, que acho que isso é meu (...) uma mudança na minha vida (...) e eu saio no sábado e não dou satisfação, é meu, eu vou, venho aqui e faço (...) eu estou fazendo para mim, para mim, não para agradar as pessoas, isso é meu”.

Lílian diz que as crianças do projeto foram fundamentais nesse processo de crescimento pessoal.

“para mim é como um crescimento, para mim, simplesmente para mim (...) essas crianças foram assim... tudo... e é base para mim”.

Lílian diz preferir desenvolver atividades diretamente com as crianças no projeto, que não gosta e não tem habilidades para a coordenação.

“o que eu gosto de fazer são assim coisas mais práticas (...) eu já gosto mais assim de fazer alguma coisa prática ali na hora, eu corro atrás eu faço (...) ir lá e resolver, eu faço, agora planejar alguma coisa aí eu já tenho mais dificuldade”.

Relação entre Empresas e Projetos Sociais

Lilian acredita que para que um projeto social aconteça e se desenvolva é necessário que haja patrocinadores, assim se a empresa não desenvolve essa função é preciso procurar outros que o façam.

“estar ligado a empresa, eu acho que ajuda, ajuda a desenvolver (...) se a gente não estivesse ligado a nenhuma empresa, a gente ia ter que depender de sair a procura de um, mais ou menos patrocinador”.

Lílian acredita que o projeto social possa trazer benefícios para a empresa em termos de segurança e possibilidades de marketing, porém diz nunca ter pensado muito sobre esse assunto.

“para a empresa (...) o que eles ganham, é marketing, não sei, isso eu já não conseguiria te responder direito (...) nunca pensei, por que eles tão fazendo, o que eles querem, o que eles vão ganhar, eu já parei para pensar assim, trabalhando com as crianças (...) jamais alguém daí vai, se tiver alguém que quiser entrar, que quiser, bagunçar (...) segurança mesmo, tendo eles como parceiros”.

Papel do Psicólogo em Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Lílian não conhecia psicólogos e nem o trabalho realizado por estes profissionais, hoje acha interessante e importante que haja esse tipo de atenção no projeto.

“eu não conhecia nada de psicólogos, nunca fui (...) para mim foi muito interessante. Quanto aos psicólogos aqui dentro do projeto, se tem que ter ou não eu desconheço, mas eu acho que é necessário”.

Lílian diz que por mais que muitas vezes não concorde com os psicólogos e que os critique, acredita que estes profissionais são a base de atuação do projeto, dão suporte para o seu desenvolvimento e que por isso tais profissionais não podem deixar de existir no projeto.

“tem que ter crítica tem, como a gente teve nas reuniões (...) eu vejo o seguinte vocês tem que estar aqui porque vocês são um pilar de sustentação, um pilar de sustentação para os voluntários, por mais que (...) sempre tem, uns deixam de achar certo outros não, mas vocês são importantes, vocês são os pilares para nós (...) eu vejo isso que, não pode vocês falarem que agora acabou, tem que ter”.

Houve momentos em que Lílian criticou e discordou da postura e das atividades dos psicólogos do projeto, diz que fez isso por não entender a proposta de trabalho e que agora entendeu e sente-se melhor.

“Críticas tivemos, aquela reunião (...) eu acho que posteriormente na reunião que eu tive (...) então isso que eu achava errado, e eu acho que até foi bem colocado (...), então agora eu entendi”.

Segundo Lílian, os psicólogos dão muito apoio ao projeto por terem uma visão diferenciada das situações, até por estarem “olhando de fora” o que acontece e com isso podem dar apoio aos voluntários.

“vocês tem visão, eu acho que vocês conseguem enxergar, não sei se é porque a gente tá direto aqui, acaba não tendo, mas acho que você (...) vocês tem a cabeça mais aberta, vocês vêem isso de outro jeito, de outra forma”.

Lílian afirma que o psicólogo, por ser um profissional qualificado, preocupa-se e desenvolve funções diferentes das dos outros voluntários, dedicando, assim, seu tempo a isto.

“sem vocês aqui (...) mas a gente não ia ter tempo, não ia ter disponibilidade de nada, de correr atrás das crianças, a gente não tem base, eu não tenho base formação para isso”.

Lílian propõe que sejam desenvolvidas atividades e atendimentos individuais aos voluntários, para que possa haver orientação na forma de cada um agir.

“eu não acharia nada ruim se um dia você chegasse para mim e falasse para gente conversar (...) um trabalho individual (...) isso também ajudaria bastante (...) de repente você consegue enxergar nos voluntários uma coisa que ele pode fazer (...) facilitaria o trabalho dos voluntários também, acho que seria legal”.

Entrevista VI

O início do Projeto Embarcação

Segundo Roberto, o início do projeto foi difícil, pois as pessoas envolvidas tinham muita vontade de desenvolver o projeto, porém nenhuma experiência ou formação técnica.

“no começo éramos somente pessoas inexperiente e com força de vontade de querer dar um pouco de si a alguém, a quem precisa, no começo foi muito difícil, porque nós não tínhamos uma orientação (...) porque nós não

somos formados em nada, somos funcionários da empresa (...) nós não tínhamos nenhuma experiência”.

Roberto afirma que no início eram poucos voluntários e estes tinham que se arriscar para conseguir desenvolver as atividades e o projeto, assim como organizar e cadastrar as crianças.

“na época foi meio complicado porque nós começamos “dando a cara a tapa” (...) o controle era só, a gente tinha feito um cadastro (...) éramos só nós e tínhamos que “dar a cara a tapa” mesmo, brincar com as crianças, tentar divertir, então as idéias iam surgindo, conforme foram surgindo ia se aprimorando, foi se aperfeiçoando”.

Visão do Projeto Embarcação

Roberto afirma que o projeto está desenvolvendo-se e com isso os voluntários estão adquirindo experiência, e apesar do crescimento ser significativo ainda tem muito a se desenvolver.

“vai passando os anos, com a convivência a gente vai se aperfeiçoando, a gente vai adquirindo mais experiência, tanto de vida como de vivência mesmos (...) e ainda tem muito, acho que nós não estamos nem na metade do que nós podemos fazer”.

Roberto acredita que o Projeto é coordenado e executado pelos voluntários, e diz que os outros participantes compartilham dessa idéia.

“eu acredito que todos os funcionários, todos os voluntários, estão sabendo que esse trabalho aqui é nosso, nossa arma, isso aqui mostra, não é a empresa, é o funcionário, são os voluntários, voluntários que trabalham, voluntários que conduzem isso aqui”.

Segundo Roberto, já que o projeto é desenvolvido pelos voluntários e que tem crescido rapidamente é necessário que aumente o número de pessoas envolvidas.

“somos nós, então, por isso que cada vez mais nós tentamos envolver mais funcionários da empresa, nesse trabalho, porque não é o trabalho, não é a empresa, somos nós mesmos (...)por isso mesmo que nós estamos cada vez mais, buscando mais voluntários (...) e acho que temos muito o que crescer, muito o que aperfeiçoar”.

Participação no Projeto Embarcação

Este é a primeira vez que Roberto faz parte de um grupo de voluntários de um projeto social, diz que sempre gostou desse tipo de iniciativa e tinha vontade de participar.

“é primeira vez que participo de uma ação social, de uma responsabilidade social (...)eu sempre gostei de assistir, na televisão toda parte social eu gosto de assistir, mas eu nunca cheguei a participar (...)nunca cheguei a ir e doar aquelas horas”.

Roberto está envolvido com o projeto desde o início, diz que parte disso se deve ao fato do projeto ter começado como escolinha de futebol e dele ser um dos responsáveis pelas atividades esportivas dos funcionários dentro da empresa.

“nós pegamos a parte mais fácil de fazer, que seria o futebol, então foi a mais fácil de tratar e de ser atrativo era o futebol, e como aqui na empresa eu entre aspas também mexo muito com a parte esportiva aqui na empresa, dos funcionários, então eu acabei me envolvendo”.

Roberto gosta muito deste trabalho, lhe faz muito bem, é muito gratificante e enriquecedor, além disso, durante as atividades com as crianças consegue se concentrar nisso de forma a se desligar das atividades e rotina corriqueiras.

“é um trabalho gostoso o que a gente faz com essas crianças, é gratificante, é um trabalho que você esquece todos os seus problemas , tudo fica lá fora (...) nessas horas parece que você desliga de tudo, eu mesmo me desligo (...) não me preocupo com mais nada”.

Relação entre Empresas e Projetos Sociais

Roberto acredita que a empresa facilita o ingresso de seus funcionários em atividades sociais.

“aqui na firma acho que foi bem mais um, um meio campo, um, uma ligação (...) então por isso que eu achei que ficou fácil, porque a empresa ofereceu”.

Segundo Roberto, projetos sociais tem gastos muito altos, por isso é necessário que haja um patrocínio, sendo a empresa este patrocinador fica mais fácil do que se fosse necessário buscar isto fora.

“não adianta a empresa somente dando o nome e não dar um suporte e nem um apoio, porque no trabalho que nós estamos fazendo existe um custo muito alto, muito alto mesmo (...) o investimento, o investimento que a empresa está dando é muito, é muito importante (...) porque se não tiver um apoio financeiro (...) nós estaríamos batendo na porta... de um empresário (...) para trazer o apoio financeiro dele”.

Roberto afirma que além do apoio financeiro a empresa oferece incentivo aos voluntários estimulando a formação dessas pessoas.

“o apoio que dá para os voluntários, o treinamento que está dando para os voluntário; (...) eles sabem das nossas deficiências, mas tudo que nós pedimos para eles quanto a investimento nos voluntários não foi negado”.

Roberto diz que sempre houve uma grande preocupação para que o projeto não tivesse apenas o objetivo de promover a empresa, que não fosse usado apenas como campanha de marketing, e que tivesse efetivamente a preocupação de promover desenvolvimento para crianças.

“na época, foi bem, um questionamento muito grande que nós fizemos aqui (...)foi essa nossa grande briga aqui, se era somente um oba-oba ou se era para valer (...) se o que a gente tava pensando era igual ao que a empresa tava pensando, para gente poder caminhar junto (...) nós sempre pensamos que seria sério mesmo, não seria um marketing”.

Segundo Roberto, uma forma de confirmação de que o projeto é sério e não tem apenas o objetivo de promover a empresa é o fato de que ele é desenvolvido e executado pelos voluntários, estes são os responsáveis por seu desenvolvimento.

“a responsabilidade social é dos funcionários (...) a empresa só está dando um apoio, para nós, para nós fazermos o que é preciso na responsabilidade social, nós damos a direção que tem que dar, daí nós temos certeza que não é, que não é um marketing da empresa”.

Roberto afirma que atualmente este projeto é referência no grupo do qual a empresa faz parte, se diferencia dos outros projetos pela quantidade de

peessoas envolvidas, todos voluntários, e pelo fato de serem estes os responsáveis pelo projeto.

“o trabalho que sempre se promoveu aqui, foi sempre diferente do das outras companhias da nossa empresa, que contrata profissionais da área, e não envolve os funcionários da empresa no trabalho, contrata pessoas, contrata profissionais (...) aqui a Empresa quis ser diferente de todos, os funcionários fazem a proposta de trabalho (...) e está tendo grande repercussão no grupo, porque (...) é uma das empresas que tem maior número de voluntários participando do projeto (...) e cada um sabe que isso aqui é nosso, não é da empresa, é nosso, a empresa somente foi o facilitador”.

Papel do Psicólogo em Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Roberto afirma que os psicólogos que têm cumprido o papel de orientar os voluntários no trabalho com as crianças.

“foi muito bom o trabalho da psicologia, para também dar esse suporte e uma orientação para nós (...) um suporte técnico para a gente, de como a gente deve conversar com as crianças”.

Roberto afirma que os psicólogos têm orientado os voluntários em sua atuação com as crianças; e tem desenvolvido um do trabalho de auto-conhecimento com os voluntários .

“a psicologia não só já ajudou, como está ajudando em muitas questões de orientação (...) a partir do momento que nós tínhamos também que nos conhecer, nós temos que auto nos conhecer (...) para gente poder trabalhar com as crianças, então a psicologia ajuda, ajudou muito no trabalho”.

Entrevista VII

Visão do Projeto Embarcação

Luis diz que o projeto cresceu muito nesse período em que existe, porém pode crescer mais, no entanto ainda está bastante desorganizado e os voluntários ainda estão despreparados para esse tipo de trabalho.

"acho que ainda falta mais do grupo, para gente conseguir um objetivo, ainda somos bastante desorganizados (...) a gente cresceu bastante já, falta, eu acho que falta, e só depende da gente para fazer esse negócio funcionar direito".

Luis diz que esse projeto se diferencia, é referência no Grupo e tem sido elogiado em todos os lugares onde é apresentado.

"nós temos apoio do exterior que vê com olhos de felicidade esse tipo de trabalho, porque aonde foi apresentado esse trabalho lá fora, até hoje, vamos dizer assim, pelo que eu sei, tudo funcionou direito".

Participação no Projeto Embarcação

Luis diz que sempre teve desejo de participar de projeto social, porém não tinha tido oportunidade, acredita que a empresa ajudou muito neste sentido, apesar de ter tido bastante receio no início.

"eu sempre tive a vontade, e sempre me preocupava em participar em algum momento em alguma ação nesse sentido, até quando surgiu a responsabilidade social eu ainda fiquei um pouco assustado (...) o jeito que a

empresa está atuando nesse projeto de responsabilidade social está facilitando bastante”.

Luis é um dos criadores do projeto, como sempre teve vontade de ajudar pessoas carentes e gosta muito de futebol, achava que poderia unir as duas propostas e desenvolver um projeto, aproveitou a oportunidade já que a empresa estava disposta a apoiar a criação de um projeto social.

“Essa idéia surgiu através mesmo, eu gosto muito de futebol, eu sempre fui voltado a essa área (...) e eu sempre quis ajudar de alguma maneira esse tipo de pessoas (...) essa iniciativa começou comigo e começou com o Joaquim, que começou junto comigo na época, nós começamos juntos, e com o Paulo e em seguida a gente convidou o Roberto para iniciar”.

Desde o início, Luis tinha a preocupação de que o projeto não fosse apenas de recreação e lazer para as crianças, que também promovesse educação e cidadania, porém teve bastante receio que não desse certo.

“ao mesmo tempo eu queria ter crianças educadas, trabalhando também, não queria só jogador de futebol, queria ter também crianças que tivessem um pouco de cabeça para agir no dia-dia, mas o início foi bastante preocupante, eu fiquei muito assustado, com medo de iniciar e não dar certo”.

Luis sente muito orgulho de participar desse projeto de responsabilidade social e por isso comenta sobre ele em todos os ambientes que tem acesso.

“eu me gabo muito, isso eu falo para todo mundo, isso eu falo para todo mundo mesmo, onde eu estou eu falo da responsabilidade social (...) é meu troféu de entrada onde eu estou é eu falar de alma aberta desse trabalho que eu faço”.

Luis acredita que ser voluntário de projeto social traz benefícios, dentro e fora da empresa, mesmo não sendo este o objetivo quando se começa a trabalhar, acaba acontecendo naturalmente.

“não vim aqui para ganhar nenhum recurso para mim na empresa, nem lá fora, é claro que lá fora você acaba se refletindo com o projeto, você trabalhando numa ação social você vai ter um resultado lá fora , ou até às vezes dentro da empresa, as pessoas tem uma outra visão (...) você vai ter esse marketing pessoal seu”.

Luis conta que teve dificuldades em lidar com as diferenças pessoais entre os voluntários e por isso pensou em desistir do projeto, depois mudou de idéia.

“eu já pensei em desistir uma vez (...) mas eu repensei, e não eram algumas pessoas que iam me fazer mudar a idéia que eu tinha tido há um ano e meio atrás, há um ano atrás, então eu peguei e continuei, e vou continuar”.

A maior motivação de Luis para participar do projeto são as crianças, o contato com elas a relação, a troca.

“a sua animação você tem que arrumar a hora que você chega aqui, com as crianças, essa é a sua carga de bateria que você tem que ter, as crianças tem que te motivar, mesmo discutindo ou rindo com elas, elas é que são a sua carga de bateria”.

Um dos grandes desejos de Luis é que as crianças cresçam, se desenvolvam e quem sabe possam um dia ser colegas de trabalho dos voluntários.

“daqui a pouco tem criança trabalhando dentro da Empresa, e a hora que você menos esperar o cara tá dentro da Empresa trabalhando, e você não

vai nem acreditar que aquela criança, foi uma criança do projeto, isso sim seria uma glória, você ver uma criança trabalhando aqui dentro ou em outra empresa”.

Relação entre Empresas e Projetos Sociais

Luis acredita que no início a empresa era o alicerce do projeto e que hoje a base de tudo são os voluntários.

“a empresa tava bem ali, vamos dizer, eu era a torre e a empresa era o piso, então depois que a coisa começou a rodar mesmo a empresa passou a ser a torre e nós sermos o piso, e aí conseguimos, até hoje, chegar onde estamos”.

Luis acredita que para o projeto existir os voluntários são muito importantes, porém a participação da empresa é fundamental.

“não é só a vontade da gente que faz a coisa acontecer, que a iniciativa da empresa, também, em fazer acontecer o projeto e andar e funcionar até facilita para gente que participa (...) então hoje eu vejo que a empresa é essencial para esse tipo de projeto”.

Segundo Luis, a empresa é o promotor financeiro do projeto, além disso, disponibiliza recursos internos.

“em parte financeira, parte de elaboração de documentos que a gente faz dentro da empresa (...) você vê a empresa aí nos ajudando nesse aspecto (...) quando você fala em responsabilidade social, eles levam muito a sério”.

Luis acredita que se a empresa sair da parceria, da organização do projeto, ficará muito difícil continuar desenvolvendo-o e será necessário procurar novos patrocinadores.

“eu acredito que se a empresa sair fora desse projeto hoje, eu acredito que a gente vai perder muito, vai ficar sem muitas forças (...) acho que se ela sair a gente pode até conseguir andar ainda, a gente vai andar, mas vai ter mais dificuldade, vai ter que correr atrás de outros, de outros, como podemos chamar, de outros patrocinadores”.

Luis afirma que a empresa e o projeto precisam ser efetivamente parceiros, pois nesse tipo de projeto ambos são beneficiados.

“empresa facilitando para gente fazer o projeto e nós ao mesmo tempo ajudando a empresa a empresa não, o próprio Grupo (...) então é essencial que a empresa esteja do nosso lado (...) não é a empresa que é nossa ferramenta, nós é que somos ferramenta da empresa para que a responsabilidade social funcione”.

Segundo Luis, o projeto tem muitas pessoas envolvidas e tem o apoio da empresa, por isso tem tudo para continuar crescendo e se ampliando.

“Só depende da gente mostrar para empresa que tem condições de fazer o projeto crescer mais ainda, então hoje se a gente for olhar, a gente tem muita gente envolvida, começa pelas psicólogas, depois vem (...) representante da diretoria, temos pessoas do ‘chão de fábrica’”.

Luis afirma que apesar da empresa ser uma parceira importante e apoiar o projeto este é apenas uma parte dela e muitas vezes as atividades profissionais dos voluntários dificultam sua participação no projeto.

“A gente tem sim dificuldades com os nossos voluntários de repente por causa do trabalho (...) nós temos funcionários que não conseguem, querem participar da reunião de responsabilidade social mas está em horário de trabalho, não conseguem participar, então são esses tipo de coisas que, não é que a empresa coloca que eles não podem, é que é o dia-dia deles, a responsabilidade social sempre foi dito que é uma coisa a parte”.

Papel do Psicólogo em Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Luis acredita que os psicólogos têm a função de orientar os voluntários em seu trabalho com as crianças, afinal são profissionais preparados para isso.

“eu tento aprender a medida do possível através de informações, através de vocês que já são, que estão preparadas para dizer como a gente pode agir com uma criança”.

5. Compartilhando a síntese das entrevistas

Visão de Projetos de Responsabilidade Social Empresarial

Os entrevistados diferenciaram claramente os projetos de responsabilidade social dos filantrópicos. Afirmaram preferir e acreditar mais nos projetos socialmente responsáveis, apesar de alguns não descartarem a necessidade de existência dos filantrópicos. Alguns afirmaram que o Brasil é um país essencialmente assistencialista, isto é, um país que investe em políticas de assistência social filantrópicas e que promove discursos que incentivam tais práticas. Segundo estes, no Brasil ainda há grande preocupação com o marketing social, o que quer dizer que muitas empresas desenvolvem ações sociais mais preocupadas com a publicidade que estas ações podem gerar do que com a efetivação de transformações sociais. O coordenador do Projeto Embarcação, por essas e por outras razões, relatou ter grande preocupação com o futuro da responsabilidade social empresarial no Brasil, por recear que a proposta seja deturpada e que se torne modismo e mau uso de dinheiro e de mão de obra voluntária.

Os voluntários entrevistados, em sua maioria, afirmaram que é responsabilidade de todos os cidadãos a promoção de transformações sociais e que a melhor forma de efetivar isso e mudar o futuro seria através de projetos voltados às crianças. Disseram acreditar que projetos de responsabilidade social podem promover, efetivamente, cidadania e consciência social, o que

gera muitos benefícios para a comunidade atendida por eles e para toda a sociedade.

A coordenadora do Projeto Embarcação relatou acreditar que projetos de responsabilidade social devem ser desenvolvidos por equipes formadas por profissionais de diversas áreas, pontos de vista e enfoques, isto é, deve haver interdisciplinaridade. Segundo alguns dos entrevistados, uma alternativa para que isso aconteça é através de parcerias, sejam elas estabelecidas com profissionais liberais, com empresas e até com o poder público.

Uma das entrevistadas contou que teve uma infância pobre e que acredita que se nesta época tivesse tido uma oportunidade de participar de um projeto de responsabilidade social, teria sido muito bom.

Visão do Projeto Embarcação

Os entrevistados contaram que a matriz da Empresa solicitou que fosse desenvolvido um projeto de responsabilidade social, assim criou-se o Projeto Embarcação que começou com ação filantrópica, com a qual não se obteve o resultado esperado; depois de repensadas as propostas, iniciaram-se atividades esportivas com objetivos educacionais. Os voluntários que participam do projeto desde o início, contaram que o princípio foi bastante difícil, pois eram poucas pessoas envolvidas e estas tinham muita vontade de expandir o projeto, porém não tendo nenhuma experiência ou formação técnica, tiveram que se arriscar para conseguir desenvolver as atividades e o projeto.

A maioria dos entrevistados afirmou concordar que as atividades esportivas são apenas uma das formas de promover educação e cidadania às pessoas envolvidas; e que é evidente que as crianças participantes do Projeto Embarcação aproveitam muito bem essa oportunidade e por isso tal iniciativa não deveria acabar. Além disso, segundo seu coordenador, um dos objetivos do Projeto Embarcação é ser iniciador do processo de mudança social deixando que as pessoas envolvidas, tanto os voluntários quanto a comunidade, se responsabilizem por ele; e afirmou que isso já vem acontecendo, pois estão surgindo líderes espontâneos, que podem vir a assumir o comando, o desenvolvimento e dar continuidade ao projeto

Os entrevistados afirmaram que o Projeto Embarcação está se desenvolvendo e com isso os voluntários estão adquirindo experiência, e que eles estão cada vez mais engajados e preocupados com a qualidade de seu trabalho, assumindo mais efetivamente suas responsabilidades. Contaram que atualmente a divisão de tarefas entre os voluntários tem acontecido de forma espontânea, e que cada um deles tem sido responsável pelas funções que prefere e tem maior habilidade; e com isso o projeto é coordenado e executado pelos voluntários, e tem grande autonomia em relação à Empresa, no entanto afirmam que ele é parte da empresa e é esta que determina as regras e limites. Um dos voluntários, inclusive, afirmou ser bastante difícil diferenciar as ações do projeto das ações da Empresa. E outro garantiu que apesar da Empresa ser uma parceira importante e apoiar o projeto este é apenas uma parte dela; e que muitas vezes as atividades profissionais dos voluntários dificultam sua participação nas atividades.

Os entrevistados afirmaram que atualmente o Projeto Embarcação é referência no Grupo do qual a Empresa faz parte, e tem sido elogiado em todos os lugares onde é apresentado, isso porque ele se diferencia dos outros desenvolvidos por empresas do mesmo Grupo por sua forma de atuação. Segundo estes voluntários isso acontece porque este projeto tem colaboradores internos e externos participando do voluntariado e estabelecendo parcerias; tem um grande número de pessoas envolvidas, todas voluntárias e que são co-responsáveis pelo projeto; a empresa oferece incentivo aos voluntários estimulando a sua formação; o projeto objetiva a formação de cidadãos através da educação.

Nos relatos dos entrevistados há discordância apenas no que diz respeito ao investimento financeiro que é feito no projeto, os coordenadores do projeto disseram que o investimento é baixo quando se considera que são atendidas muitas crianças e adolescentes no projeto; já outros voluntários afirmaram que o investimento é alto.

Participação no Projeto Embarcação

O coordenador do projeto é o único dos voluntários que relatou ter participado anteriormente de atividades similares; todos os outros entrevistados afirmaram que esta é a primeira experiência. A maioria deles contou que começou a participar do Projeto Embarcação para conhecer e descobrir como poderiam ser úteis, pois afirmaram acreditar que cada pessoa deva fazer sua parte na promoção de mudanças sociais no país. Alguns voluntários disseram que se aproximaram do projeto por gostarem muito futebol e/ou de crianças,

outros por acreditam na promoção de desenvolvimento e crescimento pessoal, já que estão convivendo com pessoas tão diferentes. Seja qual for o motivo de ingresso no projeto, todos os voluntários relataram estar bastante satisfeitos em participar do Projeto Embarcação, afirmaram que as atividades são muito gratificantes e que quando estão envolvidos nelas, com as crianças, conseguem se desligar da rotina do dia-dia esquecendo-se de suas dificuldades corriqueiras.

Alguns voluntários do projeto Embarcação, inclusive, afirmaram que sempre tiveram vontade de participar de projetos sociais e que só começaram porque tiveram o incentivo da empresa; outros completam afirmando que para os funcionários é muito importante que tal projeto exista, pois se não houvesse essa oportunidade eles procurariam projetos independentes para serem voluntários.

Relação entre Empresas e Projetos Sociais

Segundo os entrevistados a parceria com empresas é fundamental para projetos de responsabilidade social, pois as empresas investem seu conhecimento em planejamento e organização. Alguns voluntários afirmaram que para que um projeto social aconteça e se desenvolva é necessário que haja patrocinadores, assim se a empresa não tiver essa função é preciso procurar outros que o façam. E disseram ainda que só é possível desenvolver um projeto de responsabilidade social empresarial se a direção da empresa estiver engajada; este engajamento é percebido, segundo eles, quando

diretores e gerentes apóiam a participação de seus colaboradores nas atividades, mesmo não havendo privilégios para aqueles que são voluntários.

Os entrevistados afirmaram que projetos sociais desenvolvidos por empresas são uma boa estratégia de promoção social, pois viabilizam ações e possibilitam que muitas pessoas participem dessas atividades. Além disso, disseram que projetos desenvolvidos por empresas podem ser realmente efetivos, pois tem respaldo de recursos e da credibilidade de seu nome e a empresa pode facilitar o estabelecimento de parcerias que são importantes e fortalecem o projeto.

Alguns entrevistados disseram acreditar que projetos de responsabilidade social humanizam as empresas que os promovem, o que as aproxima de seus funcionários que, por isso, sentem-se motivados por trabalhar nessas organizações que promovem o bem estar social, situação que naturalmente gera maior produtividade e em conseqüência maior lucro; alguns voluntários afirmaram, também, que o projeto social pode trazer benefícios para a empresa em termos de segurança e possibilidades de marketing. No entanto relataram que o projeto não pode ter como objetivo o aumento do lucro, da segurança ou das possibilidades publicitárias da empresa, pois se os funcionários percebem que a empresa está incentivando o projeto simplesmente visando benefício próprio deixam de apoiá-lo.

Os voluntários afirmaram que no Projeto Embarcação a promoção da Empresa não é um dos objetivos, pois há efetivamente a preocupação de promover o desenvolvimento de crianças. Segundo eles uma forma de confirmação de que o projeto é sério e não tem apenas o objetivo de promover

a Empresa é o fato de que ele é desenvolvido e executado pelos voluntários, estes são os responsáveis por seu desenvolvimento. Disseram que outro fator importante é que a Empresa apóia o desenvolvimento do projeto e a participação dos funcionários, possibilitando o uso de recursos e de tempo para a preparação e execução de atividades.

Segundo um dos voluntários, no início do Projeto Embarcação a Empresa era o alicerce, hoje a base de tudo são os voluntários, porém a participação da Empresa é fundamental, afinal ela é o promotor financeiro do projeto.

O coordenador do Projeto Embarcação ressaltou que inicialmente, dentro das empresas, a responsabilidade social era subordinada ao departamento de recursos humanos, porém hoje é um negócio independente, o que faz com que seja necessária tanta seriedade e empenho quanto em qualquer outro setor da empresa, e isso só é possível se houver organização e planejamento. Assim, sendo mais um dos negócios da empresa deve gerar lucro, que neste caso é promover desenvolvimento, crescimento, educação e cidadania para a população atendida e será denominado lucro social. Afirmou que como existe a preocupação em gerar resultados, a empresa torna-se mais eficiente que o Estado na execução deste tipo de atividade, afinal é mais organizada, mais objetiva, mais racional e mais econômica que o poder público. Segundo ele a parceria entre empresas e Estado pode ser interessante para os projetos, porém não é imprescindível.

Papel do Psicólogo em Projeto de Responsabilidade Social Empresarial

Segundo o coordenador do Projeto Embarcação, o psicólogo possui conhecimentos que deve transmitir aos voluntários, seu papel é de formar, informar e dar suporte técnico a estas pessoas. O psicólogo é responsável por esclarecer posicionamentos diferenciando ações filantrópicas de projetos de responsabilidade social empresarial.

Para a maioria dos entrevistados o psicólogo é a pessoa responsável por fazer questionamentos, pensar e fazer perguntas que nunca foram feitas antes; é o facilitador nos momentos de tomada de decisão; e segundo um dos voluntários, às vezes, deve estabelecer regras e impor limites. Muitos afirmaram, também, que o psicólogo contribui com a definição do foco e da maneira adequada de agir em relação à comunidade atendida; esclarecendo dúvidas e orientando os voluntários a respeito da forma de atuação com as crianças e da maneira de promover o desenvolvimento das mesmas; tendo papel importante de suporte, para que estas pessoas consigam desenvolver o trabalho junto à comunidade e a realidades tão diferentes; afinal são profissionais preparados para isso.

Os entrevistados afirmaram que a presença de psicólogos possibilita que além da vontade dos voluntários haja um profissional para orientar estas pessoas e seu trabalho no projeto, pois o psicólogo é responsável por proporcionar esclarecimentos, seu trabalho possibilita maior o discernimento com relação à função de cada um e do grupo, tornando assim o projeto mais eficiente e eficaz. Afirmaram que a participação de psicólogos no Projeto

Embarcação lhe possibilitou maior credibilidade e respeito quando comparado com outros projetos, além de torna-lo diferente dos demais.

Os voluntários afirmaram que o psicólogo é facilitador do processo de auto-conhecimento dos voluntários, e da promoção de desenvolvimento individual dessas pessoas, o que leva a melhoria de suas vidas pessoal e profissional. Um dos voluntários ressaltou que o psicólogo tem a função de ouvir o que as pessoas têm a dizer, acolher suas falas e apresentar seu ponto de vista de forma esclarecedora e séria a partir de seus conhecimentos teóricos e práticos. Além disso, a maioria deles relatou concordar que o psicólogo ajuda os voluntários a trabalharem em equipe, possibilitando conhecerem uns aos outros, e as diferenças interpessoais e melhorando a relação entre eles, o que facilita o relacionamento grupal e promove maior integração. Dois voluntários completaram dizendo que seria interessante que o psicólogo se preocupasse mais com as dificuldades pessoais de cada voluntário, e que desenvolvesse um programa de atendimentos individuais, podendo inclusive orientar na forma de cada um agir. A coordenadora do Projeto Embarcação afirmou acreditar que a psicologia deva investir mais em estratégias que motivem o grupo de voluntários.

A maioria dos voluntários afirmou que tem achado interessante e importante ter um profissional cuidando deles e do projeto e colocando seu ponto de vista a partir de conhecimentos teóricos de psicologia, inclusive aqueles que relataram que nunca tinham tido contato com psicólogos, que não conheciam essa forma de atuação profissional, e acreditavam ser desnecessária. Alguns participantes afirmaram que os psicólogos dão muito

apoio ao Projeto Embarcação por terem uma visão diferenciada das situações, até por estarem “olhando de fora” o que acontece e com isso podem apoiar aos voluntários. Ressaltaram ainda que o psicólogo, por ser um profissional qualificado, preocupa-se e desenvolve funções diferentes das dos outros voluntários, dedicando seu tempo a isto.

Uma das voluntárias disse que por mais que muitas vezes não concorde com os psicólogos e que os critique, acredita que estes profissionais são a base de atuação do projeto, dão suporte para o seu desenvolvimento e que por isso tais profissionais não podem deixar de existir no projeto. O coordenador do Projeto Embarcação contou que houve momentos em que teve receio a respeito do papel e da postura da psicóloga, questionando se estava sendo adequada, porém posteriormente percebeu que suas ações eram efetivas. Ele afirmou acreditar que alguns voluntários ainda não entenderam a proposta de trabalho da psicologia no projeto, por isso alguns aproveitam melhor dessa atuação profissional que outros.

Os voluntários afirmaram que o Projeto Embarcação cresceu muito nesse período em que existe; está cumprindo seus objetivos e está conseguindo realmente promover educação, cidadania e desenvolvimento às crianças atendidas; contudo pode crescer mais, e melhorar, uma vez que ainda está desorganizado e os voluntários se sentem despreparados para esse tipo de trabalho. E acreditam que o trabalho de psicólogos pode facilitar e orientar na organização e preparação dos voluntários para esse crescimento.

6. Compartilhando a discussão

O Projeto Embarcação, assim com tantos outros, começou a partir de práticas esportivas, isso aconteceu por seus idealizadores concordarem com Melo-Neto & Froes (2002) que afirmam que a prática esportiva é amplamente difundida em todas as classes sociais, faixas etárias e comunidades, e alcança lugares e populações que o Estado não consegue alcançar. O esporte é um veículo de educação, sua prática implica na assimilação de valores como respeito ao próximo, regras de convivência, disciplina e muitas outras. Através do esporte atitudes são repensadas, novos comportamentos são adotados e o senso de responsabilidade se aguça; o esporte permite a seus praticantes a definição de metas e melhoria da visão de futuro. Os projetos que lidam com esporte e cidadania não se limitam a desenvolver talentos e revelar craques, objetivam principalmente transmitir valores de cidadania, através da propagação e do conhecimento dos direitos sociais, civis e políticos.

Este projeto tem sido viabilizado por seus integrantes acreditarem que cada cidadão é co-responsável pela transformação social do país. Esta proposta vem de encontro ao estudo “Parceria, pobreza e cidadania”, realizado em 1999 pelo Banco Mundial, que sugere que haja participação direta da sociedade civil na identificação e na análise dos problemas sociais assim, como na gestão dos projetos (Melo-Neto & Froes, 2002), sem que isso desonere e desresponsabilize o Estado de suas obrigações.

Alguns voluntários afirmaram que empresas são mais eficientes e eficazes que o Estado na execução de projetos sociais, pois têm “know-how”

em organização e planejamento de ações e preocupam-se com o retorno dos investimentos feitos. Foi ressaltada, ainda, a crença de que o Brasil ainda é um país essencialmente assistencialista. Estas afirmações são pertinentes já que segundo Melo Neto & Froes (2002), em estudo realizado pelo IPEA em 1999 constatou-se que o Brasil não é um país que gasta pouco com a área social, o problema é que gasta mal; e segundo Marcelo Neri, economista deste instituto, o grande problema é que o país ainda não conseguiu aplicar seus recursos de forma eficaz, e a maior parte dos investimentos é feito em programas assistencialistas.

Segundo os voluntários, uma solução para garantir a eficiência é o estabelecimento de parcerias entre a iniciativa privada e o Estado, como acontece nesse projeto, a parceria compreende a soma de esforços e envolve empresas privadas, o governo, ONGs e a sociedade civil, e pode acontecer de diferentes formas (Melo Neto & Froes, 2002). É importante notar que há a percepção da efetividade do projeto e de que sua possibilidade de gerar transformações é maior que a dos projetos promovidos pelo Estado, visto que as empresas têm conhecimento e experiência em promover e gerar lucro; o Projeto Embarcação é considerado mais um dos negócios da Empresa e como tal deve gerar lucro social.

Garay e Mazzili (2003) ressaltam a importância de os projetos sociais/voluntariado terem o apoio de um instrumento empresarial, representativo da atuação social, numa forma de a empresa interagir com organizações da sociedade civil, grupo de cidadãos e de seu entorno. O Projeto Embarcação é baseado em parcerias com colaboradores internos e

externos, com outras empresas e com a comunidade. Para que um projeto de responsabilidade social seja efetivo é necessário que as pessoas que fazem parte dele tenham a mesma visão das questões sociais e acreditem que é responsabilidade de todos a transformação social.

Alguns voluntários ressaltam que projetos de responsabilidade social podem trazer benefícios em termos de marketing indireto e de segurança patrimonial, além de aumentar a produtividade da empresa que o desenvolve, pois seus colaboradores sentem-se bem em trabalhar numa organização que se preocupa com o bem estar social. Borger (2001) constata que “a responsabilidade social empresarial estimula os funcionários, estimula a sua participação, eleva o seu moral e o seu prestígio” (p. 240), a autora afirma, ainda, que os funcionários costumam manifestar sentimento de orgulho em trabalhar em empresas que investem em projetos sociais. Além disso, segundo um dos participantes do projeto, “o funcionário que é feliz onde ele trabalha, ele sempre quer fazer algo mais, e pode ser através da responsabilidade social”, isto quer dizer que além do projeto de responsabilidade social da empresa motivar os colaboradores internos, aqueles que estão satisfeitos na e com a organização na qual trabalham tem prazer e sentem-se dispostos a serem parceiros em ações sociais.

Os voluntários contam ter ingressado no Projeto Embarcação por diferentes motivos, sempre ligados a objetivos e crenças pessoais, que são muito semelhantes aos listados por Kohan em 1965, tais como: desejo de ajudar, de ser útil, de sentir-se reconhecido, sentimento de responsabilidade frente a injustiças sociais, interesse em capacitar-se em temas de bem-estar

social, desejo de aliviar o sofrimento de outras pessoas, auto-realização, desejo de romper com a rotina, satisfação em exercitar sua profissão, tentativa de recuperação de uma perda e possibilidade de uso dos talentos e das capacitações; e outros apresentados por Penner e Finkelstein em 1998, como experiências de vida, circunstâncias, motivos pessoais e necessidades sociais (Garay e Mazzili, 2003).

A maioria dos voluntários relata que tinha vontade de engajar-se em projetos sociais e que não o fazia por não saber onde e como começar e que a empresa foi responsável na viabilização de seu projeto pessoal. Alguns ressaltam que se outras empresas também disponibilizassem isto, seria possível promover efetivas transformações sociais.

É interessante notar como no Projeto Embarcação o grupo foi se apropriando das ações; apesar delas terem sido propostas e iniciadas pela Empresa, hoje são coordenadas e executadas pelos voluntários. A Empresa criou a exigência de execução e os voluntários tomaram-na para si e a estão realizando. É interessante notar também a honra e o prazer com que essas pessoas contam que o projeto é referência no Grupo e como se sentem participantes dessa vitória. Vale ressaltar que o grupo consegue diferenciar o fato da Empresa apoiar o projeto e investir nele e na formação de seus voluntários sem considerar que possa ser dona dele ou que deva contratar pessoas para sua execução.

Os voluntários vêem a Empresa como organizadora e mantenedora do Projeto Embarcação reafirmando por diversas vezes que os participantes são efetivamente os responsáveis por ele. Os participantes acreditam no projeto e

na sua intenção social, e sem ter dúvidas dizem que a Empresa não tem objetivos publicitários nesse projeto. Empresas que tem projetos efetivos de responsabilidade social não utilizam estratégias de marketing social, preocupando-se apenas com a promoção social (Veiga-Neto; Panhossi & Godoy, 2004).

Alguns voluntários afirmam que a Empresa atualmente é apenas mantenedora do projeto, no entanto deve-se ressaltar que além de investimentos financeiros é necessário que a empresa esteja disposta a disponibilizar tempo de expediente e recursos organizacionais a seus colaboradores voluntários pois, como vale lembrar, há diversas ocasiões em que a equipe de voluntários precisa se reunir para encaminhar questões em conjunto, o que muitas das vezes só é possível ao longo do expediente (Goldberg, 2001), assim como acontece no Projeto Embarcação. Para tanto é importante que a presidência e diretoria da empresa estejam engajadas no projeto social, mesmo que apenas apoiando-o, sem participar diretamente de suas ações.

Quando o tema é investimento financeiro no Projeto Embarcação existem discordâncias entre os voluntários, alguns acreditam que os gastos são muito altos, outros dizem que são baixos; esta discordância ocorre, provavelmente, devido a existirem diferentes referências pessoais em relação a dinheiro, a gastos e custos entre os voluntários e ao fato das despesas do projeto não serem detalhadas. Para se resolver esse problema uma saída possível seria fazer o balanço social que é o detalhamento do conjunto de gastos feitos pela empresa, exigidos ou não por lei, que afetam positivamente a

qualidade de vida das pessoas ligadas às empresas do grupo e a sociedade em geral; a elaboração do balanço social é feita a partir dos registros das despesas com responsabilidade social de gestão interna e externa (Melo Neto & Froes, 2002).

A maioria dos voluntários do Projeto Embarcação nunca havia participado de projetos sociais antes deste, não tinha experiência nesse tipo de atividade e tinha muitas dúvidas e questionamentos a respeito do que e como desenvolver as ações; a solução encontrada foi colocar na psicóloga, por ser uma profissional disponível e, neste caso, pesquisadora envolvida com o tema, a expectativa em relação a definição de formas de atuação e de possibilidades, indiretamente pedindo que ela se responsabilizasse pela tomada de decisões. Assim, coube a psicóloga exercer também as funções de consultora (aquela que dá conselho, isto é, opinião, ensina ou avisa quanto ao que cabe fazer) e de assessora (especialista em determinado assunto que auxilia na tomada de decisão com subsídios da área de sua especialidade). Talvez isso se deva, ainda, ao fato das relações estabelecidas no ambiente de trabalho se repetirem no projeto de responsabilidade social, a política da empresa tem muita influência na dinâmica do trabalho dos voluntários, muitos padrões se reapresentam.

Um dos participantes afirma que o envolvimento no projeto de responsabilidade social tem possibilitado melhorias aos voluntários em suas vidas pessoal e profissional e que acredita que não seria possível esse desenvolvimento sem auxílio da psicóloga, porém a pesquisadora percebeu no decorrer do trabalho como supervisora do grupo de voluntários que o fato de

participar de projetos de responsabilidade social (trabalhar em grupo, desenvolver ações em prol de outros, e ser co-responsável por transformações sociais) é suficiente para que haja desenvolvimento e crescimento pessoal dos voluntários. A presença do psicólogo pode facilitar este processo, torna-lo mais leve, porém não é essencial, sem ele os voluntários conseguiriam se desenvolver e crescer como pessoas. A participação em grupos de voluntariado leva as pessoas a descobrirem e usarem recursos internos antes não explorados, a conhecerem potencialidades até então desconhecidas e a aproveitarem melhor sua criatividade; podendo assim rever e reconstruir suas relações e dinâmicas pessoais e profissionais.

Em muitos momentos o papel da psicóloga no Projeto Embarcação foi de facilitadora das relações interpessoais e dos trabalhos do grupo de voluntários; alguns participantes expressaram suas dificuldades em trabalhar em grupos e afirmaram que a psicóloga colaborou nas situações em que as diferenças interpessoais poderiam interferir prejudicando o desenvolvimento do projeto. Segundo Goldenberg (2001), atuar em grupo faz parte da essência do voluntariado empresarial. Relatório do Ceats /USP sobre voluntariado empresarial revela que a diversidade e o imprevisto do trabalho voluntário criam condições que revelam talentos e potencialidades desconhecidas pela empresa; em paralelo, o prazer gerado com a participação e o sentimento de “pertencer ao grupo” possibilita que os voluntários criem laços mais fortes com a empresa e que se tornem mais cooperativos.

Alguns participantes ressaltaram que o psicólogo tem a função de propor questionamentos e idéias não antes pensadas pelo grupo; essa idéia condiz

com afirmação de Bacchi (1999) de que o supervisor/psicólogo possibilita a compreensão do antes incompreensível, permitindo criações, novos caminhos e novas idéias.

Os participantes do Projeto Embarcação afirmam que a presença de psicólogos desenvolvendo atividades junto aos voluntários profissionaliza o projeto, possibilitando que este se diferencie de outras iniciativas desenvolvidas por empresas ou instituições, nas quais a ação voluntária ainda está associada a caridade e a concepções de assistencialismo e demagogia (Garay e Mazzili, 2003). Outro fator que pode estar contribuindo para essa profissionalização do projeto é o fato de haver uma estrutura empresarial dando-lhe suporte, pois, segundo Garay e Mazzili (2003), é esperado que nas organizações privadas, com sua forma de gestão calcada em princípios administrativos, possa haver a gestão do trabalho voluntário, assim como expectativa de que o voluntariado empresarial possa contribuir para a profissionalização do campo social.

Outro elemento importante para a profissionalização/capacitação do Projeto Embarcação seria a definição de normas e regras de funcionamento, uma vez que estas não estão completamente estabelecidas, e isto é motivo de queixa de alguns voluntários que dizem que seria necessário determiná-las claramente, e de outros que afirmaram que caberia a psicóloga ter estabelecido tais padrões. Segundo Borger (2001) a formalização da responsabilidade social empresarial por normas e padrões tem efeitos positivos na satisfação dos colaboradores porque esclarece o que se espera deles e organiza as ações; no entanto, padrões, regras e normas em excesso burocratizam os processos.

A busca pela profissionalização do projeto parece ser um indício de que a diferenciação teórica e prática entre filantropia e responsabilidade social tornou-se clara entre os participantes do Projeto Embarcação; uma das características de diferenciação entre estas duas categorias é que a primeira se baseia em caridade e benemerência enquanto a segunda preocupa-se com a sustentabilidade e com a participação responsável no social. Outros sinais de que tal diferenciação é efetiva neste projeto, é que está sendo desenvolvido um programa que tem preocupações com a comunidade e com a promoção de cidadania e existe entre os voluntários uma atenção para que a proposta não seja deturpada e que não haja mau uso do projeto, incorrendo em filantropia. Vale observar que coube a psicóloga/pesquisadora a apresentação e a diferenciação teórica destas categorias para o grupo de voluntários no início do projeto.

É verbalizado pelos voluntários que a psicóloga teve, também, um importante papel no suporte e facilitação de suas atividades junto a comunidade e a realidades tão diversas. Esta atuação da psicóloga fez-se necessária pois segundo Morato e colaboradores (1999), participar de processos de conscientização para gerar mudanças é sempre desgastante para qualquer profissional empenhado na relação de ajuda, neste caso os voluntários, que além de confrontar-se consigo próprios e com seus parceiros de trabalho deparam-se com um contexto sociocultural bastante diferente do seu.

A psicóloga, na função de supervisora do grupo de voluntários, teve um olhar distanciado e não-contaminado das situações que os voluntários vivem

com as crianças e adolescentes no decorrer do projeto e por isso pode facilitar o resignificar desses acontecimentos. Segundo Bacchi (1999), no momento de supervisão o voluntário experiencia uma situação protegida na qual pode reviver aquilo que foi vivido no seu dia-dia, assim a experiência é revivida sob outro enfoque e apresentada a alguém que é capaz de ouvi-la com certo distanciamento.

É importante que no momento de supervisão se estabeleça um clima de confiança entre supervisionandos e supervisores, que permita a expressão, reflexão, elaboração e busca de alternativas para as situações trazidas pelas pessoas e pelo grupo (Rocha, 1999); parece que no caso das supervisões de voluntários do Projeto Embarcação isso aconteceu, afinal a maioria dos participantes expressou que se sentiu ouvido e acolhido e que a psicóloga possibilitou o auto-conhecimento e desenvolvimento pessoal.

Além disso, a maioria dos voluntários apresentou a prática da psicóloga como incluindo a função de orientadora do grupo. Provavelmente isso se deva ao fato de o supervisor, segundo Lilienthal (2004), assumir ações que podem tanto ser terapêuticas quanto pedagógicas, lançando mão de todas as suas possibilidades para disponibilizar no outro seus recursos próprios. A ação terapêutica é entendida como a possibilidade de crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional (Rocha, 1999); já a educativa pode ser pensada a partir do sentido de educação apresentado por Bacchi (1999) como sendo

“algo que diz respeito à possibilidade de o homem habitar a sociedade em que vive, ou seja, processo que permite ao homem ‘humanizar-se’. Educar não é apenas ensinar ou corrigir, é fazer daquele indivíduo alguém capaz de ser responsável por si mesmo, no sentido de assumir sua própria identidade. É permitir que se aproprie da sua individualidade, do seu modo de ser no mundo. Portanto educar é uma tarefa que nos remete ao oferecimento de condições favoráveis para o desenvolvimento e crescimento.” (Bacchi, 1999, p. 217)

Assim, o processo educativo que não é simplesmente a transposição de informações, habilidades e atitudes; é um processo no qual as pessoas envolvidas são levadas a se posicionarem diante do que lhes é apresentado (Amatuzzi, 1990). A partir disso pode-se entender também a percepção da pesquisadora e a fala de um dos voluntários quando ressalta que alguns estão mais envolvidos e aproveitando melhor que outros a proposta de trabalho da psicóloga.

Vários voluntários do Projeto Embarcação disseram que não conheciam as possibilidades de atuação de psicólogos até a inserção da pesquisadora/psicóloga no projeto, alguns ressaltaram que pensavam ser desnecessária essa participação profissional, outros afirmaram ter criticado suas atitudes por desinformação e inexperiência. O convívio e as experiências compartilhadas possibilitaram aos voluntários pensar nesta prática como possível e necessária.

7. Compartilhando as considerações finais

Projetos de responsabilidade social empresarial podem ser uma alternativa para a resolução de problemas sociais do país, desde que a empresa assuma sua função de transformadora social e desenvolva-a de maneira séria e comprometida, considerando que benefícios como marketing, aumento de produtividade e segurança são conseqüências e não o objetivo primordial.

As empresas que promovem esse tipo de projeto social facilitam a seus colaboradores tornarem-se voluntários e realizarem seu desejo de participar diretamente de transformações sociais; e viabilizam, prática e financeiramente, a execução das ações. É importante que os voluntários, por desenvolverem atividades de ajuda a outras pessoas, tenham um momento no qual possam falar de si, de suas afeições e aflições geradas por este trabalho social. O psicólogo pode ser um facilitador eficiente desse processo.

Pode-se afirmar, então, que existe espaço para psicólogos em projetos de responsabilidade social empresarial. Esse profissional pode desenvolver diferentes atividades, tais como: facilitação e supervisão do grupo de participantes do projeto (na maioria das vezes voluntários); assessoria ao projeto, ajudando na tomada de decisões a partir de seus conhecimentos específicos sobre o assunto; consultoria para o projeto, preocupando-se em dar conselhos, dicas e opiniões; promoção de aconselhamentos e atendimentos clínicos focados em questões pessoais que possam ser desencadeadas pela participação no projeto (tanto equipe técnica e voluntários quanto população

atendida); desenvolver treinamentos junto aos participantes; fazer avaliações psicológicas; fazer encaminhamentos para serviços de saúde, educação, justiça e outros que se fizerem necessários; e ser parceiro que recebe os participantes encaminhados em seu consultório particular, ou em serviços públicos de saúde, sem ter contato direto com as ações do projeto. Fazer acompanhamento escolar, de crianças e adolescentes, também pode ser uma alternativa de inserção de psicólogos em projetos sociais de empresas; atividade esta que merece atenção e estudos específicos.

Frente a tantas possibilidades de atuação de psicólogos clínicos em projetos de responsabilidade social empresarial vale a pena ultrapassar os limites convencionais das práticas ditas clínicas e/ou educacionais e aproveitar da riqueza que cada uma dessas formas de pensar e agir possibilita para o encontro interpessoal em busca do bem estar das pessoas que encontramos nos caminhos da psicologia. Lembrando sempre que este é um jeito de olhar para o fazer da psicologia clínica e que há espaço e necessidade que outros jeitos sejam propostos e pesquisados.

Considero que as discussões desta pesquisa podem gerar novas questões, principalmente teóricas, a serem debatidas; no entanto, não cabe aqui fazer tais debates, já que a preocupação do presente estudo foi compartilhar a prática de uma psicóloga clínica e as idéias suscitadas por sua participação em um projeto de responsabilidade social empresarial.

8. Referências Bibliográficas

AMATUZZI, M.M. (1990). Para redizer a educação, *Boletim de Psicologia*, 40 (92/93), p. 21-27.

AMATUZZI, M.M. & Colaboradores (1996). *Psicologia na Comunidade: uma experiência*. Campinas: Alínea.

AMATUZZI, M. M. (1996) Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica, *Estudos de Psicologia*, vol. 13, n. 1, p. 5-10.

ARAÚJO, D. R. D. (2001) Como transcrever sua entrevista: técnica de editoração da transcrição de entrevista em pesquisa de abordagem compreensiva. *Psico*. v. 32, n. 01, p. 147-157, Porto Alegre.

BACCHI, C. (1999) Supervisão de apoio psicológico: espaço intersubjetivo de formação e capacitação de profissionais de saúde e educação. In: H.T.P. Morato, *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 210-221.

BENEDICTO, G. C. (1997) A responsabilidade social na empresa: exigências dos novos tempos. *Cadernos da FACECA*. Campinas, v.6, n.2, p. 76-84, Jul/Dez.

BORGER, F. G. (2001) *Responsabilidade Social: efeitos da atuação social na dinâmica empresarial*. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado.

DIAS, E. D. M. (1996) supervisão como aprendizagem: encontros e desencontros. *Psikhê*. n. 02, ano 02, p. 10-12, São Paulo.

FREITAS, M.F.Q. (1998) Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v.11, n. 1, p.175-189, Porto Alegre.

FREITAS, M.F.Q. (1999) O que fazer? Reflexões em psicologia social comunitária. In: P.R.M. MENANDRO; Z.A. TRINDADE; E.B. BORLOTI (orgs) *Pesquisa em psicologia: recriando métodos*. Vitória: UFES. Programa de Pós-Graduação em Psicologia: CAPES.PROIN.

FROTA, A. M.; HANADA, H.; ROCHA, M. C. & FRISCHER, R. (1999) Uma experiência de supervisão de apoio psicológico para educadores de rua. In: H.T.P. Morato, *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 305-317.

GARAY, A. B. S. & MAZZILLI, C. P. (2003) Uma análise do(s) significados do trabalho do voluntariado empresarial. *Revista eletrônica de administração – REAd*. edição 35, v. 09, n. 05, p. 1-17, set-out.

GIL, A.C. (1999) *Métodos e técnica de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 5 ed.

GOLDBERG, R. (2001) *Como as empresas podem implantar programas de voluntariado*. São Paulo: Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social

GOMES, A.M.A. (1999) *Psicologia Comunitária: uma abordagem conceitual. Psicologia: teoria e prática*. v. 1, n.2, p. 71-79.

GRAJEW, O. (2002) A arte do trabalho em grupo. *Guia de boa cidadania corporativa – Revista Exame*. São Paulo: Editora Abril, n.781, p. 22-24.

HERZOG, A.L. (2002) Algo em comum. *Guia de boa cidadania corporativa – Revista Exame*. São Paulo: Editora Abril, n.781, p.6-12.

INSTITUTO ETHOS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL – Disponível em: www.ethos.org.br, acessado em 01 de outubro de 2003, 14 de outubro de 2003, 28 de outubro de 2003, 04 de novembro de 2003, 05 de abril de 2004, 20 de abril de 2004 e 04 de outubro de 2004.

INSTITUTO SAIR DA CASCA – Disponível em: www.sairdacasca.com, acessado em 20 de abril de 2004, 22 de abril de 2004.

LILIENTHAL, L. A. (1999), Supervisão de apoio psicológico: a gestaltpedagogia no trabalho com educadores de rua. In: H.T.P. Morato, *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 263-304.

LILIENTHAL, L. A. (2004) *Educação: uma possibilidade de atenção em ação*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado.

MACEDO, R.M. (1986) Psicologia, instituição e comunidade. In: R.M. Macedo, *Psicologia e instituição: novas formas de atendimento*. São Paulo: Cortez, p.9-22.

MELO NETO F.P. & FROES, C. (2002) *Responsabilidade social e cidadania empresarial: a administração do terceiro setor*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2ed.

MORATO, H. T. P. (1996) Supervisão na formação de psicólogos: um recorte para a problematização das relações entre teoria e prática em psicologia clínica. *Boletim de Psicologia*, 105 (46), p. 31- 44, jul/dez.

MORATO, H. T. P. (1999) práticas psicológicas institucionais: formação de multiplicadores sociais e redes de apoio em saúde mental, *Interações*, v. 4, n. 7, p. 59-75, jan/jun.

MORATO, H. T. P. & Colaboradores (1999) Supervisão de apoio psicológico: espelho mágico para desenvolvimento de educadores de rua. In: H.T.P. Morato, *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 223-234.

PINTO, F. S. (2001) A abordagem terapêutica em supervisão. *Revista Brasileira de Psicodrama*. v. 09, n. 02, p. 81-88, São Paulo.

RICHARDSON, R.J. & Colaboradores (1999) *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Altas.

ROCHA, M.C. (1999) Supervisão de apoio psicológico como estratégia de aprendizagem experiencial na formação de educadores de rua: uma proposta. In: H.T.P. Morato, *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 251-262.

SABINO, F. (1976) *O encontro marcado*. Rio de Janeiro: Record, 16 ed., p. 145.

SILVARES, E.F.M. & MELO, M.H.S. (2000) A psicologia clínica e os programas preventivos de intervenção comunitária. *Boletim de psicologia*. v. 1, n. 113, p. 85-97.

SZYMANSKI, H. (2000) Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. *Psicologia da Educação (PUC SP)*. v. 10/11, p. 193-216.

TAVORA, M. T. (2002) Um modelo de supervisão clínica na formação do estudante de psicologia: a experiência da UFC. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 7, n. 1, p. 120 – 131, jan/jun.

VAISBAERG, T. M. J. A. (2001) A função social da psicologia clínica na contemporaneidade. *Psicologia: Teoria e Prática*. v. 03, n. 01, p. 93-99, jan/jun.

VEIGA-NETO, A. R.; PANHOSSI, K. R. & GODOY, A. F. M. (2004) Responsabilidade social em empresas privadas e sua relação com o terceiro setor. *Revista eletrônica de administração – REAd*. edição 39, v. 10, n. 03, p. 1-18, mai-jun.

Anexo 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora Responsável: Bruna Fenocchi Guedes

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC - Campinas

Eu, _____, RG: _____, abaixo assinado, tendo sido informado que a pesquisadora Bruna Fenocchi Guedes está conduzindo uma pesquisa cujo objetivo é descrever as possibilidades de atuação do psicólogo clínico em projetos de responsabilidade social empresarial a partir de experiências vividas por participantes de um projeto, aceito livremente participar desta pesquisa concedendo a ela até 3 (três) entrevistas sobre minha experiência no referido projeto. Sei, que não serei identificado e que meu nome será omitido. E estou sabendo, também, que posso deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem que isso prejudique minha participação no projeto de responsabilidade social ou na empresa. Sei, ainda, que esta pesquisa possibilitará um maior conhecimento a respeito da responsabilidade social empresarial, o que trará ganhos a todos os envolvidos neste projeto. Assim, autorizo o uso de tais entrevistas, no seu todo ou em partes, nessa pesquisa e em possíveis publicações. Sei que a qualquer momento posso me comunicar com a pesquisadora pelos telefones (11) 4022 4062 e (11) 9737 2594.

_____, de _____ de _____.

Bruna Fenocchi Guedes

Participante

ANEXO 2 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Pergunta disparadora:

Estou fazendo uma pesquisa sobre as possibilidades de atuação do psicólogo clínico em projetos de responsabilidade social empresarial. O que você pode me dizer sobre isso a partir de sua experiência nesse projeto?

Roteiro para entrevista

Como é sua participação neste projeto de responsabilidade social?

Como você vê esse tipo de projeto social desenvolvido por empresas?

Como você vê a participação de psicólogos em projetos de responsabilidade social empresarial ?

ANEXO 3 – ENTREVISTAS

Entrevista I

Nome: Paulo

Idade: 41 anos

Função: Coordenador do projeto

Entrada no Projeto: Março de 2002

Termo de consentimento apresentado, preenchido e assinado.

E: Você já está me analisando pela forma como escrevo e assino meu nome? (risos)

Tá aqui, tá autorizado.

P: Esta cópia é sua, aqui tem meus telefones se você precisar falar comigo. Então vamos lá.

Como você sabe, estou fazendo uma pesquisa sobre a atuação do psicólogo clínico em projetos de responsabilidade social empresarial, e queria saber o que você pensa disso a partir da sua experiência, a partir do que você conhece de projetos de responsabilidade social empresarial como você vê a atuação do psicólogo clínico.

E: Bruna, nós aprendemos, a saber, o que um psicólogo, qual a função que um psicólogo poderia ter ou não foi com você, é... pra gente ficou evidente, é um marco a sua entrada no projeto por duas razões, antes a gente fazia baseado na experiência de vida de cada um mas sem muita consideração em relação a maneira como a gente atuava com essas crianças, sem muito questionamento, a gente fazia mais por, eu não digo que seja por caridade, mas era mais em função da experiência de vida ou de formação que cada um tinha... **(Hum-hun...)**, é... depois que você entrou, você começou a fazer questionamentos, fazer perguntas, que a gente inclusive não se questionava, por um motivo muito simples, não tinha formação pra isso, e é nítido o quanto é... o quanto o grupo cresceu com estes questionamentos, né! Hoje fiz esse comentário com o Cláudio, que é o presidente da empresa, falando justamente sobre isso, que às vezes eu acho que o fato de você estar questionando, colocando... , questionando as atitudes, colocando alguns dos voluntários na parede para se definirem em relação a este ou aquele tema, é... , às vezes eu fico com receio, falando esse vai desistir do projeto, e é ao contrário, as pessoas se fortalecem, e nós tivemos um exemplo recente disso, que foi uma grata surpresa. Então, eu acho que o psicólogo, ele é... ele dá uma... o papel do psicólogo... ele é muito importante, no sentido de fortalecer os voluntários, na medida que você tem voluntários mais motivados, mais bem esclarecido, mais fortalecido e, principalmente, com discernimento de qual a função dele, é óbvio que o projeto é mais eficiente e mais eficaz. E o interessante é que o grupo... o grupo não caminha junto nessa formação, no nosso grupo a gente vê quantas pessoas que já estão, que tão em diferentes níveis de... de... não é de interação com você, que tão em diferentes níveis de... de ter entendido a proposta, então

aqueles que realmente já entenderam até procuram mais o psicólogo, aqueles que ainda tem alguma dúvida tem mais receio do psicólogo (**Hum-hun...**), mas quem acaba procurando mais e acaba, é aquele negócio quanto mais você bebe daquela água mais você sente o quanto bem te faz e mais você procura, e o que eu acho que tá acontecendo foi isso com... com você, o pessoal viu que você é uma referência técnica pra gente, é a pessoa que pode esclarecer dúvidas do grupo que a gente às vezes não tem subsídio pra, pra... e você pode fazer isso baseada na sua experiência, mas também baseada na experiência dos outros, já que você tá estudando especificamente sobre o assunto. Então, um passo gigantesco que foi dado nesse projeto, o seguinte, a gente tinha entendido desde o início que nosso caminho não era o assistencialismo, não era a filantropia, mas a gente decidiu, definiu isso por... por feeling, (**Hum-hun...**), não por conhecimento, e daí quando... você veio, começou a colocar essas coisas claramente, a diferenciar filantropia de assistencialismo de responsabilidade social (**Hum-hun...**), ficou muito mais simples a nossa atuação, e também ficou mais eficaz, por que hoje a gente sabe é... hoje a gente sabe como evitar o assistencialismo e evitar a filantropia, aprendendo a dizer não, isso eu acho que... foi um grande, uma... uma das muitas contribuições que você, que você deu, essa eu acho que é marcante, aprender a dizer não pra uma criança, ou pra um voluntário, sem ter medo de ser... de isso ter algum prejuízo (**Hum-hun...**), porque antes as pessoas tinham medo disso... e o que a gente acaba descobrindo é o seguinte, quanto mais a gente exige, quanto mais a gente tenta purificar, deixar o grupo mais puro em relação a atuação que é a responsabilidade social, mesmo que diminua o número de, de voluntários o grupo fica muito... muito mais fortalecido e se tem ações muito mais eficientes. Então pra mim, eu acho importante a participação do psicólogo clínico, nós aprendemos isso com você, mas eu acho muito importante pra ter a... a referência, não só da sua experiência, mas a referência técnica, falar *olha, responsabilidade social de acordo com o autor tal, ou de acordo com... com a literatura não é isso, em outra empresas, outras pessoas já passaram por isso*, então traz referências, mais ou menos assim que eu vejo essa participação.

P: Ótimo. Você fala do projeto, fala bastante coisa do começo do projeto (Hum-hun...), então conta um pouco como foi o começo do projeto, como você chegou no projeto, o que você faz no projeto hoje, enfim, como é você no projeto.

E: O projeto começou... o projeto, na verdade, começou com... uma solicitação da matriz na Noruega, mas nem eles sabiam o que era responsabilidade social, e desconfio que até hoje eles não saibam o que é, o que seja, mas enfim... aí pra atender um pedido da matriz, *vamos fazer um projeto de responsabilidade social*, e aí numa das reuniões perguntaram *quem gostaria de ser o coordenador?*, como eu já tinha participado de... de atividades similares, anteriormente, eu me propus, me propus a ser o coordenador do projeto, isso foi em março de 2002, e nós começamos a trabalhar, e fazer... e acho que começamos como todo mundo começa, campanha do agasalho, campanha de alimentação... e foi um desastre, desastre pelo que, nós até que arrecadamos bastante coisa, na empresa não se fazia nada disso, mas a frustração dos voluntários, depois que você, depois que você deu a roupa e a comida

descobriram que não era isso que estavam precisando... Então nós decidimos fazer alguma coisa mais voltada pra, pra área de educação, começamos a pensar o que seria um projeto de cidadania, começamos a avaliar a condição miserável que eles, que eles vivem, quanto a família da maioria, quantas famílias, independente se é criança ou adulto, as famílias são desestruturadas... e aí é um ambiente propício pra drogas, pra prostituição e outras coisas... Foi, então, que surgiu a idéia da escolinha de futebol, a escolinha de futebol era pra atrair as crianças, e depois que estiverem atraídas pelo esporte, a gente iria começar a fazer um trabalho de educação, e assim foi feito, as crianças começaram a aparecer, o futebol começou com 20 crianças, passou pra 30, pra 40, pra 50, pra 60, né! Aí nós tínhamos 60 crianças depois de 6 meses... e um pouco de atividade educacional... com isso outras pessoas foram se juntando, é engraçado, alguns foram... o processo é interessante, que as pessoas primeiro se interessam, porque... acho que todo mundo gostaria, ou sente a necessidade de fazer alguma coisa pelo próximo (**Hum-hun...**), principalmente, quando você é nitidamente uma pessoa... como é a palavra... você é privilegiado, e ser privilegiado no Brasil não precisa ser muita coisa (**Hum-hun...**) basta você ter um emprego em uma casa pra morar, que você já é considerado um privilegiado aqui... e o brasileiro por natureza é muito... então muita gente sentiu, se sentiu atraído pra fazer alguma coisa, mas a medida que o projeto foi tomando mais a cara de formação de cidadão, do que de passar tempo de, de criança jogando futebol... alguns foram ficando, outros foram chegando e outros foram saindo, que não se adaptaram a essa nova filosofia... e eu acho que o aspecto legal do projeto... é que é... primeiro ele é aberto, é aberto aos funcionários, e aberto a qualquer outra pessoa que tenha essa mesma... essa mesma vocação, ou que tenha essa mesma... essa mesma filosofia, pra fazer parte da responsabilidade social, pode participar... a gente sempre quis ter parceiros nisso, e aí foram convidadas empresas, fornecedores e clientes da Empresa, pra participarem, pra mostrar que... isso é... é bastante suportado pela Empresa, mas a Empresa quer ser, como se fosse uma mola propulsora mesmo, nós não queremos ser os donos disso, nós queremos é movimentar.. e pra isso, a gente pode usar o nome da , a marca Empresa, o nome Empresa, recursos da Empresa, e a influência da Empresa pra fazer isso, mas o mais importante é que tenha funcionários, tenha pessoas, o mais importante é que tenha pessoas envolvidas nisso, porque... essas pessoas podem continuar fazendo como ou sem Empresa (**Hum-hun...**), inclusive o grande objetivo disso, que não pode ser esquecido nunca é que, é formar as pessoas, e as pessoas da comunidade para que no futuro elas sejam as responsáveis por esses projetos... e a gente como agente... motivador passe para outros projetos, crie outras, outras oportunidades... mas tem sido uma experiência muito... viva e uma experiência muito rica... esse projeto... e muito gratificante, ele é muito gratificante, pelo aspecto de, de observar a transformação das crianças (**Hum-hun...**) são completamente diferentes do dia que elas chegaram e agora dois anos depois... no aspecto de educação, no aspecto de comportamento, no aspecto de interesse, no aspecto de desenvolvimento escolar, e a experiência tem sido muito rica porque... de conviver com cerca de 20 pessoas, que não tem nenhuma obrigação formal de participar, mas que ao mesmo tempo tem uma responsabilidade enorme

perante o projeto, e aí passa pelo aspecto de organização, de motivação... de gerenciamento do negócio... isso tem sido uma experiência bastante rica, eu tenho aprendido não só como voluntário, mas como... mas como atuar na liderança... e agora eu fico muito feliz de ver outras lideranças despontando, e a gente tem que ser humilde pra permitir que essas lideranças cresçam e se possível assumam... o fato é que sempre vai, vai haver espaço pra fazer outras coisas, então se tem lideranças surgindo agora que possam assumir esse negócio, ótimo vamos fazer outra coisa... Mas a experiência... é muito rica, a medida que o projeto foi crescendo... a parte do lado esportivo foi perdendo importância, e o lado educacional foi ganhando importância... isso é a maior prova de que a gente tá no caminho certo e de que teve muito da participação sua também, no sentido de tá esclarecendo, hoje, inclusive eu que era resistente a isso, eu reconheço que sempre pensei *que se não tiver futebol o suficiente, essas crianças não vão voltar sábado que vem*, e eu tenho visto o seguinte, que as crianças menores, nem pedem pelo futebol, o que eles querem é atividade educacional, eles querem atenção, o que eles querem é... o que eles mais procuram... até porque futebol eles tem a semana inteira na frente da casa deles... exatamente, e... então nesse aspecto tem sido um tremendo aprendizado... eu vejo as crianças com os olhos, com o olharzinho muito mais alegre quando eles estão jogando um jogo interativo, um jogo educativo no restaurante, do que jogando futebol, o que pra mim antes, eu tinha dificuldade de acreditar que isso pudesse acontecer... Aí voltando a primeira pergunta, como foi importante a participação do psicólogo clínico, pra alertar que isso era possível... então as atividades que foram, e hoje as atividades entre aspas esportivas, são muito mais, tem um foco muito educativo do que esportivo por si só, por exemplo o balé... não deixa de ser um esporte, mas também é um esporte que quem pratica é obrigado a se concentrar, é obrigado a... a... a se dedicar, tem que respeitar muito a professora, tem que, tem um trabalho de equipe, porque se uma faz num tempo diferente da outra, fica muito feio... a capoeira, também, tem esse aspecto de respeito pelo outro... mas o aspecto também de dança de esporte, agora tem a, tá aparecendo a possibilidade deles terem jogos de xadrez... então a coisa tá se, tá encaminhando pra que, é interessante porque a parte esportiva tá perdendo, tá perdendo espaço... talvez o que a gente possa fazer é o seguinte, é aumentar o tempo disponível pra essas crianças, na medida em que houver mais... voluntários e talvez a gente tenha que mudar a maneira da organização, e fazer desse, do sábado das 8:00 da manhã às 5:00 da tarde disponível pra essas crianças... **(Hum-hun...)** vontade não falta... ..

P: E também, o que pode ser viável quando tiver o espaço da escola...

E: Exatamente... inclusive... a escola finalmente começou a ser feita, hoje a Empresa tá fazendo uma doação de R\$3.000,00 pra escola... mas a escola tá, já tem fundo, já tá certo... mas enfim vai ser um espaço... Outra coisa interessante hoje, inclusive amanhã... pela primeira vez, uma pessoa, uma pessoa da Secretaria de promoção social da prefeitura, que é irmã do Julio, que é muito diferente dele, mas ela tem 15 anos que trabalha na Secretaria de promoção social já foi chefe das EMElS, já fez um monte de trabalhos de brinque..., **(brinquedoteca?)**, isso brinquedoteca, ela é voluntária no SESI e dá aula de alfabetização de adultos, então me parece ser uma pessoa engajada,

que além de ser engajada tá no lugar certo e que pode abrir muitas portas no sentido de abrir novos caminhos pra gente, não que a gente necessite da, do apoio poder público... **(Hum-hun...)**, mas é muito bom ter o poder publico **(claro!)** como parceiro, até porque muitas coisas podem ser feitas através dele, então por exemplo, ela , ela tem, ela já tava dando idéias, do tipo assim por que na escola, não faz um convênio com o SESI, o SESI tem um projeto de alfabetização de adultos, à noite na escola pode ser desenvolvido **(Hum-hun...)**, por que *que através do projeto de vocês a Secretaria de promoção social da prefeitura não pode pedir uma, uma padaria, uma mini padaria que o governo do Estado da gratuitamente pra essas comunidades, pra gerar, forma-se uma cooperativa, pra gerar renda...* e eu já fui além, depois, eu não disse pra ela , mas eu já comecei a pensar que se eles fizerem o pão, a Empresa pode comprar o pão deles, porque tem o restaurante aqui dentro, os salgadinho, quantas festas não tem aqui, nós temos 350 funcionários, todo dia tem um fazendo aniversário, dia sim dia não um faz festinha de aniversário, eles podem... mas eu só acho que pessoas como ela aparecem... espontaneamente, porque o projeto tem uma cara muito boa, e por isso que a gente não pode, nunca deixar... perder o foco nesse aspecto de que responsabilidade social é muito mais do que fazer algum tipo de doação... essa marca que nós estamos criando de responsabilidade social aqui... acaba repercutindo por causa disso, as pessoas querem ajudar, mas as pessoas, no Brasil... a gente é tão descrente de valores, que quando se encontra algo que é feito de forma séria, sem nenhum vínculo com nenhuma religião, com nenhuma, nenhum ponto de vista político, as pessoas querem participar **(Hum-hun...)**, olha só... quantos voluntários nós temos de fora da empresa **(Hum-hun...)**, compara, quem sabe essa não pode ser mais uma...

P: Então o que você tá dizendo que você acha muito interessante, muito válida a proposta das empresas estarem se envolvendo em projetos sociais?

E: Acho... existe até incentivo pra isso, não sei exatamente qual é a lei, mas já pedi pra contro, nosso departamento fiscal procurar saber, as empresas podem fazer isso sem nenhum custo, porque... até um determinado ponto é possível abater do imposto de renda, não é o caso da Empresa, porque a Empresa nem sabe que lei é... mas se houver essa possibilidade, nós vamos fazer, sabe pra quê? Pra aumentar a... pra aumentar o fundo disponível que a gente tem hoje... também não tem nada errado, já que é um incentivo, por que não usar? **(Hum-hun...)** Mas, o que eu acho que as empresas podem fazer, devem fazer, é que as empresas são muito mais, são muito melhores organizadas que o Estado, sempre, as empresas são muito mais objetivas, as empresas são muito mais racionais e as empresas fazem muito mais com menos dinheiro... esse é, é a nossa vida no dia-dia, todo dia aqui, todo dia a gente tenta reduzir custos e vender por um preço maior... e pra isso envolve uma série de aspectos, envolve inovação tecnológica, envolve motivação de pessoas, envolve racionalização de custos, envolve uma série de coisas que tem, que ao mesmo, que pra gerar esse resultado, por isso a empresa é muito mais eficaz que o Estado... você imagina, se cada empresa pudesse fazer, não precisa ser grandes projetos como a Petrobrás que gasta milhões com isso, né? E... e na verdade, eu acho que o maior desafio não é dinheiro, porque... o dinheiro que

se gasta, na verdade, é muito pouco... quase nada, quase insignificante pra empresa... o desafio é fazer com que as pessoas se engajem nisso... mas pra se engajar nisso, é fundamental que a direção da empresa esteja engajada também, não existe responsabilidade social, eu não acredito, que exista responsabilidade social numa empresa, se desde o presidente, se desde o presidente da empresa não tiver engajado nisso, não comprar a idéia, **(Hum-hun...)** é o mesmo princípio de qualidade... e segurança dentro das empresas, se o presidente da empresa não for preocupado com isso, esqueça, a empresa não vai ter qualidade, a empresa não vai ter segurança... responsabilidade social... é o mesmo caminho, se toda a direção da empresa não estiver engajada e apoiando isso, não vai ter responsabilidade social... o funcionário precisa disso, ele não, não basta, porque senão ele vai, ele vai doar esse tempo dele, ou esse talento dele em outro local... é importante também que até o ambiente de trabalho seja interessante **(Hum-hun...)** o funcionário que é feliz onde ele trabalha, ele sempre quer fazer algo mais... e... e pode ser através da responsabilidade social, então... fatores como comprometimento da diretoria... fatores como ambiente de trabalho, fatores como reconhecimento por isso... é fundamental para que isso tenha sucesso, também... nós tamos procurando essa fórmula, né? Nós tamos, nós acabamos de cometer um erro, no jornal da empresa, colocar o carimbo da responsabilidade social numa doação que foi feita pra um asilo de não sei aonde... mas é um aprendizado contínuo, mas que o presidente da empresa reconhece que ele errou... imagina... não creio que seriam todas as empresas, e não creio que seriam todos os presidentes que teriam esse tipo de comportamento... então, é um aprendizado contínuo isso... até porque responsabilidade social... já tá razoavelmente definido, mas no Brasil é relativamente novo... **(a prática é nova, né?)** a prática é nova... mas tá virando, o que me preocupa... o que me preocupa é o seguinte, começar a deturpar esse negócio, porque agora virou moda **(Hum-hun...)** tem programas de televisão, tem programas no rádio específicos sobre responsabilidade social... as empresas estão colocando carimbo de responsabilidade social... tem instituições filantrópicas que estão dando carimbo de responsabilidade social tipo a Abrinq, tipo a APAE, se você só, se você doa dinheiro, você recebe o selo... então começa a deturpar novamente o conceito de responsabilidade social... por isso eu acho que a função do psicólogo clínico não é só de orientação ou de suporte aos voluntários, mas ele também tem essa função de esclarecer o conceito, a definição... senão vai ser esclarecido, senão você sabe quem vai fazer, sabe quem vai acabar dando a definição final? É diretor de empresa, que nunca participou disso, é jornalista... presidente de instituições filantrópicas, diretoras de APAEs e por aí vai... **(Hum-hun...)** acho que vocês têm um papel importante nisso, pra esclarecer **(Sim.)** Quem sabe essa tese de mestrado não vira um livro como o título assim a... *responsabilidade social: mentiras e verdades* (risos)... *responsabilidade social: seja responsável faça responsabilidade social, ou responsabilidade social com responsabilidade* **(Hum-hun...)** quem sabe?

P: Bom, você falou agora a pouco da sua crença na necessidade da diretoria, das empresas, estar engajada, da presidência estar engajada... isso, aqui na Empresa, aqui nesse projeto, acontece? Vem acontecendo?

E: Aqui na Empresa isso acontece... isso acontece, tem um apoio, tem um apoio material e tem, que é o menos importante, cada diretor faz uma doação, quase que simbólica, mensal pro projeto, mas tem, o que é o mais importante, o apoio... digamos, institucional deles... na medida em que eles apóiam os funcionários de seus respectivos departamentos a participarem, isso é bem-vindo na empresa, não que isso, não que isso dê algum privilégio a eles, mas que os diretores sabem exatamente quem participa e quem não participa também é um fato... e que... ... e, mas a diretoria também tem aprendido com isso... cada vez que a gente tem a oportunidade de aprender, de fazer, de mostrar pra eles o quem tem sido feito, e a gente faz isso, geralmente, através de apresentações pro pessoal da Empresa que vem lá de fora... porque o nosso projeto, isso é importante, o nosso projeto virou referência para a Empresa no mundo... isso vem a confirmar a idéia de que a Empresa não sabe direito o que é responsabilidade social... mas o que, o que a Empresa valoriza muito... é o aspecto de estarem participando funcionários e não funcionários da Empresa... é o aspecto das pessoas estarem engajadas, é o aspecto de ter parcerias, é o aspecto do custo ser... ridículo, diante do tamanho, do número de pessoas que são beneficiadas, é o aspecto da população que a gente escolheu, serem crianças e adolescentes, é o aspecto de ter um enfoque muito claro de cidadania, da formação de cidadãos através da educação... e isso é reconhecido pela empresa... e é interessante que cada vez eles querem ajudar, eles ficam tão entusiasmados com isso que é comum ter, ter doações voluntárias de funcionários da Empresa(risos) lá de fora, né? **(Hum-hun...)** como a gente teve recentemente... mas a diretoria, definitivamente, apóia... apóia isso e se não fosse o apoio deles... (troca de fita) A responsabilidade social que antes deveria ser, que antes nasceu como, nasce, não é exatamente nasceu, mas a gente diria como um apêndice do departamento de recursos humanos, hoje tem vida própria... é muito mais abrangente que o departamento de recursos humanos... não depende do departamento de recursos humanos... e é respeitada dessa forma, tanto é que...cresceu tanto que a gente vai ter que se reorganizar... para atender a demanda da responsabilidade social... agora um aspecto importante desses, desses dois anos, é que acho que a gente cresceu... nós crescemos certo, mas também na velocidade certa, tudo que a gente fez... foi razoavelmente bem feito, digamos... e não gerou, não gerou frustração pra quem... pra quem... realizou as ações, e atraiu muito mais ainda as crianças e atraiu até outros voluntários, mas é porque foi tudo bem feito, quer dizer, hoje a gente poderia ter mais três quatro atividades **(Hum-hun...)** mas a gente só não aceita porque nós sabemos que não vamos ser capazes de fazer bem feito isso... e às vezes as pessoas tem dificuldade de entender isso **(Claro!)**, é um que traz um amigo porque o amigo é... é professora de axé, acha que a aula de axé tem que começar, tem que começar no sábado seguinte **(Hum-hun...)**, outro porque gostaria de dar aulas de xadrez, e acha que o xadrez tem que começar no sábado seguinte... **(Claro!)** então quer dizer, sempre... o que é fundamental, a gente já conversou sobre isso antes... não é porque tem uma atividade voluntária, que não tem que ter o mesmo nível de seriedade, de planejamento e organização que tem dentro da empresa... então olha que, que casamento legal, a empresa contribui com o know-how que tem de organização, de planejamento... e a psicologia clínica contribui... colocando,

ensinando a colocar o foco... da maneira correta... isso pode ajudar muito... não basta a gente se organizar e tá muito bem planejado, mas indo na direção errada, né? **(Sim)**... .. e novamente chegamos ao... a conclusão é sempre a mesma, o que faz a diferença... são as pessoas.. e as pessoas engajada, se são as pessoas que fazem a diferença, então vamos investir nas pessoas, como é que a gente investe nas pessoas? Investi na formação, na informação delas, aí a psicologia clínica pode... fazer uma grande diferença, na formação e na informação dessas pessoas, no auto-conhecimento, na forma de atuar, na atitude... inclusive tá na hora de pensarmos em outro treinamento pra reforçar...

P: **Ótimo Paulo! Quero te agradecer. Tem mais alguma coisa que você queira dizer?**

E: Quem tem que agradecer somos nós, principalmente, eu, porque se não fosse seu respaldo, a tua, a tua ajuda pra esclarecer... você ajuda muito no aspecto da tomada de decisão, quando tem a dúvida... quando falta argumentação... a gente recorre muito a Bruna, além do trabalho de formação, que você tem com os voluntários. Então quem tem que agradecer somos nós. Muito obrigado.

P: **Muito obrigada.**

Entrevista II

Nome: Valéria

Idade: 32 anos

Função: Coordenadora do Projeto

Entrada no Projeto: junho de 2003

P: Este é o termo de consentimento, peço que você leia e se concordar assine.

E: Hoje é dia 24?

P: Isso, dia 24.

E: Tá aqui.

P: Como você sabe, estou fazendo uma pesquisa sobre o papel do psicólogo clínico em projetos de responsabilidade social empresarial. Então, eu queria que você me falasse o que você pensa dessa história de ter psicólogos em projetos de responsabilidade social empresarial, a partir do que você conhece, da sua experiência.

E: Tá. Eu acho o seguinte, responsabilidade social eu acho que tem que ter um pouquinho de cada coisa, um pouquinho de cada... pessoa, um pouquinho de cada cargo, cada função, pra que uma complemente a outra... eu acho que a função do psicólogo na, na responsabilidade social ajuda, e muito é... em como a gente vai poder agir em determinadas situações, na maneira de nos orientar como a gente vai agir tanto com as crianças, tanto com o grupo em si, que a gente pode ter “n” problemas (**Hum-hun...**), e... como que isso, como que um psicólogo pode é... mudar minha manei... é... me fazer agir de maneira correta pra, pra trabalhar (**Hum-hun...**), eu acho que precisa, é necessário... a gente não tem uma experiência de, como pessoas... eu no meu caso que tenho, que trabalho com máquinas (risos) então pra trabalhar com pessoas é totalmente diferente (**Hum-hun...**), então eu acho que a gente precisa desse tipo de apoio (**Hum-hun...**), tá?!

P: Fala um pouco, pra mim, da tua participação no projeto. Como você começou, o que você faz, como é pra você estar no projeto.

E: Tá. O projeto pra mim... foi muito legal porque eu comecei partindo de uma apresentação do próprio Paulo dentro da fábrica, num “café com segurança” onde ele estava convidando... os funcionários a serem voluntários da empresa, da... do projeto...aí ele nos mostrou o que tanto existia... né?! com relação ao projeto dentro da, da Empresa... eu achei super interessante (**Hum-hun...**),e... como se trata de crianças, e é de uma faixa legal, principalmente, onde meu filho quase entra nela (risos), então eu achei que, que seria interessante eu começar, eu tentar trabalhar com esse... (**Hum-hun...**), com esse lado de... com esse ponto da responsabilidade... é... eu comecei a participar numa festa junina que teve o ano passado, foi a primeira vez que eu vim conhecer o grupo, foi muito legal, né! a participação do pessoal foi muito legal e... você se encanta pelas crianças...né! você vê aquelas crianças bagunçando, brincando, dando risada e tudo mais e você começa a ver que... um... um tipo de vida totalmente diferente do seu (**Hum-hun...**), e isso me encantou... e foi aí que eu resolvi começar a, a mexer... como eu sempre sou muito xereta e vou atrás das coisas

(risos) e começo a fuçar em tudo... então a parte de organização, o Renato começou a fazer, a parte de organização de carteirinhas e tudo mais e eu entrei no meio (**Hum-hun...**), como envolvia sistemas, informática, não sei o que, eu entrei no meio, *vamos fazer lista de chamada*, eu entrei no meio, então essa parte de, de controle, de regras e tudo mais eu procurei me envolver mais, no entanto que eu cobro muito... pelo menos do meu grupo, de... vamos manter as regras, vamos, se é pra, se é pra contar que uma falta é suficiente pra, por mês pra cada criança, eu quero exigir que essa criança venha sempre (**Hum-hun...**), não falte, eu tento manter, cumprir, fazer eles cumprir, fazer com que se cumpram as regras da melhor maneira possível, né! e é.. infelizmente é o meu, meu jeito de, de, de eu acabo tendo nesse lugar, esse lado de coordenar, de liderar, tudo mais, é meu, e eu, e se ninguém me breca eu vou embora, eu vou em frente (risos), tá, então eu tenho, por isso que eu comecei, eu passei mais, meio que entre aspas que a coordenar pelo menos o meu grupo (**Hum-hun...**), tá!, tento auxiliar os outros grupos... o outro grupo de maneira que for possível, da maneira que me pedem (**Hum-hun...**), mas não... procuro não interferir não nas, nas atitudes deles (**Hum-hun...**). O projeto pra mim é muito legal por ver as crianças bem... por saber que elas já mudaram muito de um ano pra cá, eu acho que a gente faz a diferença, do pouquinho que a gente dá, a gente faz, muda muito alguma coisa nas crianças... a gente faz a diferença mexendo um pouquinho com eles (**Hum-hun...**), eu acho que... com meu filho, quando meu filho nasceu, eu comecei a ler muito livro sobre... é... limites, né! *impor limites pra você e seu filho é importante* (**Hum-hun...**), *limites... limites sem trauma*, e tudo mais. E eu acho que a gente tem que dar limites pra essas crianças, e isso... me deixa muito, muito contente em vim trabalhar no projeto por isso, porque eu sei que eu posso dar limites pra eles (**Hum-hun...**), e eu posso leva-los a conhecer um pouquinho do mundo diferente do deles... eles têm um mundo sem regras, muitas vezes com pai e mãe que não tão nem aí com eles (**Hum-hun...**), e a gente pode... de uma maneira ou de outra ajuda-los a ter um pouquinho mais de... conhecimento da vida (**Hum-hun...**), não só conhecimento geral, conhecimento da vida. Então pra mim, foi muito, é legal demais no projeto, eu me sinto bem trabalhando nele, gosto, me envolvo o quanto posso é... tenho um chefe que...colabora também, que não é aquela pessoa que *pô você tá fora, você tá dentro do teu horário, tá fazendo alguma coisa*, não, eu tenho disponibilidade de fazer algumas coisas que algumas pessoas não tem... e eu acho que nisso da pra ajudar bastante (**Hum-hun...**).

P: Então, o que você está dizendo é que dentro da empresa te favorecem? Na função que você exerce, com o chefe que você tem (Com certeza!) tá te favorecendo a participar do projeto.

E: A empresa, a minha chefia, a minha gerência, o meu trabalho, né! por eu trabalhar na área de informática, então, ter acesso a, a internet livre pra você pesquisar o que for necessário, a fazer uma apresentação e tudo mais, então pra isso me facilita muito, e a empresa não me... não me... não me obriga a não fazer, ela me disponibiliza tudo que eu preciso (**Hum-hun...**), tá! de tempo, de equipamento, de tudo... (**Legal!**).

P: Então, pelo que você está me dizendo, é possível empresas apoiarem esse tipo de projeto.

E: Com certeza, eu acho que é o que mais se deve, o que deve crescer muito no país é isso, não adianta a gente, não adianta a gente ficar esperando do governo **(Hum-hun...)** pra mudar o país, acho que depende de cada um de nós, e uma empresa... é... bem estruturada tem condições de ajudar, tem condições de se envolver num projeto social e fazer muita coisa **(Hum-hun...)**, não precisa ser com grandes quantidades de dinheiro, não precisa ser fazendo coisas monstruosas, não... um pouquinho de, de boa vontade... de voluntários, de boa vontade de, da própria empresa, você consegue fazer um monte de coisa. E você vê isso é... pelas, pelas crianças daqui, que em um ano que eu tive com elas você nota uma diferença gigantesca, entanto que quando você sai com elas, elas sempre são elogiada, *que elas são comportadas, que elas isso, que elas aquilo*, e aqui a gente acha que não, né! que eles são uns pestinhas (risos) e que... não, só... acabam dando, acabam dando muito trabalho, mas quando você sai, você vê o quão diferentes eles são das outras crianças. Então eu acho que a gente tá colhendo fruto já, eu acho que tem muito mais a se colher... mas... a gente tem que ir com calma, e a empresa tem mais é que... que nos ajudar, que, que, vestir a camisa, levantar os braços e *olha, estamos indo...*

P: Legal! Você fala da mudança das crianças... Você já tinha participado de algum projeto social antes, (Não, não.) ligado ou não a alguma empresa...

E: Projeto social, não. Em época de adolescente e tal, participava muito de grupo jovem... minha mãe trabalhava com escola, então, e a escola que ela trabalhava era uma escola carente, então eu me envolvia muito com os problemas dela, né!, que ela tinha. E eu sempre fui xereta, então nas férias eu ia pra escola junto com ela, como ela era diretora de escola, tinha possibilidades de “n” coisas, então eu ia, eu tava junto com ela sempre e tal... e em grupo jovem a gente trabalhava muito com entidade carente, né!, mas assim a nível de projeto realmente, não. **(Hum-hun...)** Esse é o primeiro, dentro da empresa e tudo mais, esse é o primeiro... até pela estrutura, tentando montar, organizar uma estrutura tal, esse é o primeiro projeto **(Hum-hun...)**, e é muito dez, muito legal.

P: Queria que você me falasse um pouco como é. Você me falou já que é natural em você esse negócio de organizar, de querer liderar, (Hum-hun...) de, de colocar ordem (risos). Então eu queria saber, queria que você me falasse um pouco como você se sente fazendo tudo isso, e como é isso nesse grupo, como é pra você?

E: Sabe, eu acho que existem dois lados, o lado que te favorece e o lado que não te favorece... primeiro porque você tem assim alguns comentários às vezes que diz, né!, *poxa, só algumas pessoas tomam decisões e outras não (Hum-hun...)*, né!... Só que isso acaba sendo natural, não adianta você não muda as pessoas, mas... ao mesmo tempo, você tem assim, você percebe que eles te acham responsável, que gostam por você ser responsável, por você entregar as coisas... bem feitas **(Hum-hun...)**, as coisas às vezes prontas pra eles, né!, como por exemplo uma lista de presença, *olha a lista tá aqui é só você ir lá fazer a chamada, (Hum-hun...)*, às vezes você, existem pessoas que não gostam de fazer isso, não gostam de ir lá imprimir uma lista de chamada... então... você tem esses dois lados, tem aquelas pessoas que gostam e

aquelas que vão te, vão te criticar **(Hum-hun...)**, né!, mas eu... particularmente, levo isso na boa... não tenho intenção de liderar, de coordenar, faço o que acaba aparecendo **(Hum-hun...)**, não é minha, não é minha intenção, mas acaba acontecendo, né! Assim como em outras coisas que eu fiz, que eu faço **(Hum-hun...)**, acaba acontecendo isso... mas eu, a hora que eu vejo que as coisas estão ruins, ou que tá tudo sobre minha responsabilidade, ou... algo do gênero, eu acabo dividindo, né! Eu grito *Renato me ajuda aqui, Luis me ajuda ali*, **(Hum-hun...)**, entendeu? Eu acabo indo atrás de, de outras pessoas **(Hum-hun...)**, eu não procuro segurar tudo na minha mão não.

P: O que você tá dizendo é que quando você entrou, você não pensava em liderar (De maneira alguma!), em coordenar (Não, não.), que você entrou pra conhecer...

E: Eu entrei pra conhecer... pra ver como era, pra ver como era trabalhar com criança, porque, na realidade, eu nunca quis por exemplo ser... professora, desisti de fazer magistério (risos)... não tinha, nunca tive a intenção de trabalhar com crianças... só que foi um projeto assim, que me encantou, que eu achei interessante, que eu podia dar um pouquinho de mim... até mesmo pra... pra educação do meu, do meu filho **(Hum-hun...)**, que eu poderia trazê-lo pra ele ver uma realidade que não é a dele **(Hum-hun...)**, a dele é um pouquinho diferente, tá numa escola diferente, tem... família, tem uma estrutura familiar razoavelmente legal **(Hum-hun...)**, e é coisas diferentes das que ele teria, mas além dele pensei em mim também, que eu poderia ajudar e poderia crescer, poderia aprender com eles e com o grupo que trabalha, né! **(Hum-hun...)**, então você acaba, você trabalhando em equipe você acaba aprendendo muita coisa, primeiro a ter paciência, segundo a saber respeitar, né! e isso acho que a gente precisa aprender constantemente... quando você tá, tá trabalhando um conjunto, num grupo que tá envolvendo “n” pessoas... você cresce muito... tem muita coisa boa, e tem coisas ruins?, tem, mas eu acho que de tudo você tem que tirar bom proveito, então... pra mim isso é, é fantástico **(Hum-hun...)**.

P: Então você me diz que houve um crescimento, que você teve um crescimento (Sim.) em relação às pessoas, em relação ao projeto. E você acha que de alguma forma ter psicólogas no projeto te ajudou nesse crescimento?

E: Sim. Com certeza. Eu acho que me ajudou sim... principalmente em algumas horas que você não sabe que atitude você deve tomar, sei lá eu, com uma criança que, que tá tendo determinado problema, como você pode tentar um auxílio... comigo mesma, né!, como é que eu posso agir em determinados momentos quando alguém fala alguma coisa, às vezes você dá uma olhada assim pra psicóloga pra ver *o que eu falo, o que eu não falo* (risos), entendeu? **(Hum-hun...)** ... algumas coisas assim... eu acho que psicólogo ajuda e muito, tá! e eu acho que tem que ter um trabalho bem legal por trás, principalmente, pra gente ter estrutura pra agüentar... porque querendo ou não, você pega uma, uma, um pessoal carente, uma equipe, uma... um projeto onde você tá trabalhando com crianças carentes, com “n” problemas e tudo mais... você precisa de um apoio, sim... pra você saber... levar as coisas até determinado ponto, e isso o psicólogo ajuda, **(Hum-hun...)** o treinamento que a gente teve isso também, isso nos ajudou muito, entendeu, acho que é muito importante pra você a aprender a parar em certo ponto, a não ir em frente, vai levando

tudo pra você que daqui a pouco você tá, tá perdido, né! mesmo, os problemas das crianças, os problemas do grupo... os problemas da, da, do pessoal do projeto, tem que acabar separando isso, e eu acho que isso o psicólogo ajuda bastante.

P: Legal! Bom, de minha parte está ótimo, você tem mais alguma coisa que você tem vontade de falar?

E: Não. Eu acho que... o projeto, ele tá... caminhando pra um lado legal... tem muito o que melhorar, eu acho que agora no segundo semestre a gente tem tudo pra melhorar, as nossas atividades, nós estamos tentando, ainda estamos muito desorganizados, precisamos nos organizar muito mais, senão nós não vamos dar conta, nós estamos tentando abraçar o mundo e nós não temos condições, então nós temos que terminar, acertar mais um pouquinho, tem mais alguns pontos pra se resolver... e depois a gente tentar crescer mais, eu acho que esse projeto a tendência dele é crescer **(Hum-hun...)** a cada vez mais, principalmente, porque ele é muito bem visto perante o grupo, né!, o Grupo... então a gente tem, tem que tá atrás de psicólogo de, de, como fala, de prefeitura, de tudo quanto é lugar que a gente pode ir atrás de algum recurso **(Hum-hun...)** a gente tem que tá atrás, tá. Eu acho que a gente, o treinamento que nós fizemos como voluntários, né!, que nós fizemos, foi muito legal, a gente precisava ter outros tipos de treinamento do gênero **(Hum-hun...)**, pra que a equipe esteja bem, isso a gente precisa trabalhar bastante, pra que a gente consiga motivar mais a equipe, porque eu acho que ela tá... começando a se desmotivar de novo a gente precisar dar um, uma levantada nesse pessoal, não sei se é em nível de treinamento, em nível de papo **(Hum-hun...)**, em nível de que, não sei te dizer qual seria a solução, mas a gente tem muita coisa ainda pra mexer, e... com certeza a ajuda sua é primordial (risos) com certeza a gente precisa dela.

P: Obrigada.

E: Obrigada você.

Entrevista III

Nome: Marcos

Idade: 23 anos

Função: Voluntário

Entrada no Projeto: março de 2003

P: Bom, para começar, este é o termo de consentimento, peço que você leia e se concordar assine.

E: É só assinar aqui?

P: Isso, leia e assine.

E: Hoje é dia 3?

P: É.

E: Não é 4 não?

P: Não, é 3.

E: Pronto.

P: Essa cópia é sua.

E: Vamos lá.

P: Bom, como você sabe estou fazendo uma pesquisa sobre o papel do psicólogo clínico em projetos de responsabilidade social empresarial. Então o que eu quero hoje é que você me fale o que você pensa disso, o que você pensa a respeito do papel do psicólogo clínico em projetos de responsabilidade social empresarial a partir da sua experiência.

E: Hum-hun..., quer dizer... você quer que eu fale... o que a meu ver, qual é o papel da psicologia em geral ou do, do seu trabalho no projeto?

P: Da psicologia nesse projeto, da psicologia em projetos de responsabilidade de social, que você vai me falar a partir da sua experiência nesse projeto, fique a vontade e fale o que você quiser falar...

E: Eu acredito que a... a responsabilidade do, do psicólogo nesse projeto... principal, a principal, a principal responsabilidade seria de estar dando suporte, suporte aos, aos voluntários, porque os voluntários são pessoas que nunca lidaram com crianças dos outros, alguns tem filhos outros não, alguns tem experiência com criança, outros não. Então eu acredito que esse suporte seja essencial para a gente conseguir fazer um bom trabalho com as crianças... acho que a gente pode dividir em dois, em dois pontos... a parte de como lidar com as crianças em si, de como se portar com cada criança, quais são os problemas que cada criança tem, o que isso pode influenciar no futuro de cada uma... e a parte de como lidar com o grupo em geral dos voluntários, porque... nós somos pessoas que estamos acostumadas a trabalhar... a trabalhar juntas, a realmente... fazer o nosso trabalho, quer dizer, dentro da empresa você tem uma hierarquia, você tem pessoas a respeitar, você tem... regras já bem pré-estabelecidas, então o convívio, os objetivos já são mais ou menos traçados, já na responsabilidade social cada um tem seus, os seus objetivos, apesar de que... o foco principal é o mesmo, mas cada um tem as suas idéias, as suas... as suas... como se fala?... a semana passada tava com essa palavra na boca... cada um tem, cada um tem sua necessidade, **(Hum-hun...)**, então são pessoas diferentes, então tem essa parte também de como lidar com esse grupo, então a parte de como lidar com as crianças e tem a parte de como lidar

como o grupo, então acredito que o papel fundamental esteja em trono desses dois pontos...

P: Ok! Você está me dizendo que esse é o papel fundamental, além desse papel você vê outros papéis ou outras possibilidades, você tem outras idéias?

E: Bom, não digo outras idéias, mas eu acredito que dentro desses dois pontos tenha bastante coisa... dentro do ponto de como lidar com as crianças, existem aí infinitas, infinitas... infinitos assuntos que tem que ser abordados (**Hum-hun...**), a igualdade entre as crianças, como lidar com cada idade de criança, isso aí dá pra ficar conversando um bom tempo... e dentro da parte dos voluntários, eu acredito que... fora dessa parte de, como lidar como o grupo... ajuda bastante as pessoas a se conhecerem... então acredito que seja essencial pro crescimento de cada um... isso se reflete um pouco na parte profissional também... logicamente, porque as pessoas crescem como, como indivíduos, né! então, logicamente, isso vai tá influenciando na parte profissional (**Hum-hun...**), mas acredito que seja principalmente na vida de cada um... todos nós temos nossos conflitos próprios, então acredito que influencie bastante e que seja essencial que, que o psicólogo esteja atento a isso e esteja trabalhando em cima disso aí.

P: Então você tá dizendo que você acha que o psicólogo acaba, com o trabalho dele, influenciando na vida profissional e pessoal dessas pessoas. (Exato!) Você consegue diferenciar, de alguma forma, o que é que no trabalho do psicólogo que tá ajudando e o que é próprio do projeto? ... Qual é a influencia do projeto em geral e desse trabalho específico do psicólogo nessas mudanças, você consegue diferenciar isso?

E: Eu acho que...muitas vezes essas duas, esses dois pontos se fundem, né!... agora... é, é possível diferenciar, até que ponto é o psicólogo que tá fazendo essa mudança e até que ponto é o projeto em si que tá mudando?

P: É. O simples fato de estar participando do projeto...

E: Mas o simples fato de estar participando do projeto não faria com que as pessoas tivessem esse tipo de mudança...

P: Então era isso que eu queria entender. Se você acha que é possível acontecer esse tipo de mudança...

E: Sem a participação do psicólogo?

P: Isso, pelo simples fato de estar participando de um projeto social, (Não!) de estar fazendo algo diferente, de estar fazendo alguma coisa pelo outro...

E: Não, acredito que não... porque é essencial que... e que depende muito do, do, do.. depende muito de cada participante do projeto, o que acontece?, tem algumas pessoas que tem a, a, o costume de estar parando de tempos em tempos pra analisar a vida, pra analisar como tá levando as coisas (**Hum-hun...**), outras pessoas já não... então existem pessoas que pra elas é essencial que alguém faça elas pararem pra pensar, então pra essas pessoas, logicamente que sem o psicólogo elas não conseguiriam parar pra pensar, fariam somente por impulso... (**Hum-hun...**), acredito que noventa e nove vírgula nove por cento das pessoas que tão no projeto precisam dessa freada... provocada por alguém.

P: Ok! Como você veio para no projeto?

E: Como eu vim parar no projeto? Bom, eu sempre tive paixão por criança... e eu fui criado com a seguinte... idéia *não espere que os outros façam, faça você*, então pra mim o projeto é... eu sempre comento isso, é a diferença entre esperar um futuro melhor e fazer um futuro melhor. Sempre tive vontade de participar de algo do gênero, não participava antes porque não tinha tempo, porque eu tava estudando aos sábados, e aí quando eu tive chance de participar eu já comecei a vir, primeiro porque eu tenho paixão por criança, eu adoro criança, sempre gostei, não vejo a hora de chegar a hora de ter os meus... e segundo porque eu acredito que se cada um fizer a sua parte ao invés de ficar esperando dos outros, acredito que a gente possa fazer algo melhor pelo país.

P: Então o que você tá me dizendo é que pra você a grande motivação é estar com crianças, é a sua paixão por crianças, e tem a tua motivação social que é acreditar que dessa forma você tá ajudando a mudar o país, você tá ajudando a mudar o futuro dessas pessoas...

E: Acho que a motivação principal é a gente imaginar, ou esperar que a gente possa fazer alguma coisa pra melhorar a situação que a gente tá, porque acredito que seja responsabilidade de todos nós fazer com que algo de, de bom aconteça... não sei se porque eu gosto muito de criança, mas eu acredito que não tem como você mudar a situação atual do país e do mundo em geral sem ser pelas crianças... então eu acredito que seja plantando hoje pra ter bons frutos amanhã, mesmo que a gente não vá colher, porque provavelmente a gente não vai ver isso, mas sem dúvida nenhuma, as crianças são que tem, são quem tem o poder de tá mudando alguma coisa, é essencial que, que a gente faça alguma coisa relacionado a isso... como a empresa já tá dando a oportunidade pra nós de estar trabalhando com as crianças, junta o útil ao agradável, ainda mais por eu gostar de crianças, junta vários pontos bons.

P: Você fala dessa oportunidade que a empresa está dando, como você vê isso, das empresas estarem criando projetos, apoiando projetos sociais?

E: Aqui no Brasil isso é bem problemático, pelo que a gente vê a maioria das empresas faz por marketing, na Europa já é um pouco diferente, pelo menos as empresas que eu visitei, a, a direção da empresa tem uma certa... não sei se vocação, mas... não, não sei exatamente a palavra, mas as pessoas lá, principalmente a direção das empresas lá, parece que já nascem com isso, já faz parte da filosofia da empresa (**Hum-hun...**), então... lá na Europa... é bem diferente do Brasil, parece que realmente eles fazem porque eles querem ajudar o próximo, a maioria das empresas aqui no Brasil, ou algumas empresas aqui no Brasil fazem isso por marketing... aí não vale a pena, mas... no caso da Empresa, eu acho... que principalmente porque a gente não, não foca isso... não quer isso no projeto (**Hum-hun...**)... e tem algumas outras empresas que fazem projetos muito legais... não que essas empresas que fazem por marketing estão fazendo mal (**Hum-hun...**), mas não tão fazendo tudo de bom... mas no caso da Empresa e de algumas outras empresas é interessante, acho que faz parte do papel da empresa, porque não tem como uma empresa se sustentar no mercado tendo, sem ter realmente algo que motive os funcionários, que motive a sociedade em geral...

P: Então você coloca como uma das importâncias do projeto esse fato de estar motivando os funcionários a estarem participando...

E: Importância do projeto...

P: Isso. Pelo que você me diz uma das coisas que você acha importante nesses projetos desenvolvidos por empresas é a motivação dos funcionários...

E: É... na verdade, (risos) depende muito do ângulo que você olha, se você pensar... num projeto como o que está sendo desenvolvido aqui na Empresa... motiva os funcionários de uma certa forma. Agora tem outras, outras campanhas de responsabilidade social que ao meu ver são... de motivação assim... enorme pros funcionários, como é o caso da Petrobrás, a Petrobrás tem um programa de responsabilidade social deles, acredito que seja um dos maiores do Brasil e... eles focam muito essa parte de motivação do funcionário pela, pela... boa ação da coisa, a gente vê nas propagandas que eles procuram, a propaganda deles é voltada pro funcionário (**Hum-hun...**), e faz com que as outras pessoas olhem aquilo ali e falem: *é legal o que a Petrobrás faz, vamos comprar deles porque... eles fazem algo interessante*, mas você nas propagandas deles, ao eu ver pelo menos, é voltada bem pro funcionário, voltada pra motivação do funcionário... a gente não explora muito esse lado aqui na Empresa, mas eu acho que o projeto motiva sim os funcionários, porque... tudo que faz com que a gente pense que a empresa tá fazendo algo de bom pra alguém... humaniza a empresa... faz com que as pessoas que trabalham aqui dentro, acreditem que a empresa não tá aqui só pra ganhar dinheiro... e logicamente isso aí aproxima mais a figura empresa do funcionário... ..

P: Então você tá me dizendo que projetos sociais dentro das empresas podem facilitar a vida das empresas enquanto negócio?

E: Enquanto negócio sim... eu acredito que sim... enquanto negócio se você tem funcionários motivados, você tem funcionários que produzem mais, isso é mais do que sabido já... e um projeto social eu acredito que é seja uma forma de motivação... mas, não pode ser esse o objetivo do projeto ...

P: Como assim?

E: Se os funcionários notam que a empresa tá fazendo aquilo em benefício próprio, pra benefício da empresa só, aquilo deixa de ser motivante pras pessoas que tão participando do projeto... ou seja, se pra mim... se, se a empresa mostrar pra mim que ela só quer lucro com o projeto social, aquilo ali logicamente vai deixar de ser, vai deixar de ser motivante, porque o que eu falei de humanizar a empresa deixa de ser...

P: Certo...

E: Então... depende muito de como ele é... de como é abordado o assunto, mas sem dúvida nenhuma a empresa... pode usar disso muito bem isso pra motivação dos funcionários... sabendo usar, eu acredito que seja interessante... tudo que aproxima a empresa do funcionário, eu acredito que seja interessante...

P: Hum-hun... Você me falou das vantagens, ou do que tem de bom num projeto social de empresas pra empresa e pro social, pra sociedade, você faz algum tipo de diferenciação? Se isso é bom pra sociedade se não é, as empresas investirem nisso?

E: Se eu não acreditasse que é bom eu não estaria aqui, né! (risos) as pessoas... eu acredito tão envolvidas com isso, se você tem, se você consegue formar cidadãos conscientes da responsabilidade deles perante a sociedade... a sociedade toda tem muito a ganhar... se você consegue pegar uma população que tá... a margem da sociedade e consegue mostrar pra eles que eles podem fazer parte da sociedade como um todo... acredito que... todos tem a ganhar com isso... se você consegue realmente formar cidadãos comprometidos com o futuros, comprometidos com o país e... comprometidos com eles próprios... com certeza isso será engrandecedor **(Hum-hun...)**, então a empresa investir nisso pra sociedade é ótimo... até falamos agora pouco, se você... as empresas que investem, as empresas que praticam a benemerência... fazem de um jeito errado?, na nossa filosofia fazem, agora se eles deixarem de fazer? mesmo porque se você parar um pouco pra pensar, o próprio... país como Estado... já pratica isso, o país ao invés de investir em educação, em cultura, nós temos um presidente que... tem prazer em afirmar, e usa isso como propaganda, que é um dos países que mais tem... existe até uma palavra pra isso... não é distribuição de renda... bom, o repasse de, de renda, então quer dizer ao invés de, de... o país prega... quem tá, quem tá governando o país já tá pregando que é melhor você dar o peixe do que ensinar a pescar... **(Hum-hun...)**, então, é ruim?, sem dúvida nenhuma, agora se não fizer... sempre tem os dois lados da moeda... por exemplo as empresas que... que simplesmente doam, que doam o dinheiro, que doam isso, que doam aquilo, tem que existir, o país não conseguiria existir sem elas, muita coisa seria pior sem elas, porém eu acho que tem muito mais a se fazer do que só isso... o papel da empresa perante a sociedade é... da responsabilidade social da empresa é essencial pro desenvolvimento do país, tanto da empresas que simplesmente doam o dinheiro, fazem as doações, como as empresas que doam tempo e, e conhecimento, como a Empresa faz e como outras empresas fazem... **(Hum-hun...)**.

P: Bom, você fala do projeto da Empresa e faz essa diferenciação entre responsabilidade social e benemerência, e você acha que a Empresa tem conseguido alcançar os objetivos desse projeto?

E: Sim... nós temos... alguns dados, a parte da escola essas coisas, que são coisas mais concretas que, que podem mostrar isso, mas eu acredito que principalmente pelas crianças... quem participa do projeto vê que as crianças a cada dia... tem uma atitude diferente, a cada dia elas conseguem mostrar algo que, que faz a gente acreditar que realmente tá valendo a pena... eu acho que sim, acho que estamos no caminho... tem muito a melhorar sem dúvida nenhuma, mas acredito que estamos no caminho...

P: E os teus objetivos pessoais em relação ao projeto? Você tem alcançado?

E: Na verdade, objetivo pessoal quando você fala em responsabilidade social é extremamente complicado... o que é objetivo pessoal... quando você tá pensando na sociedade, na verdade o meu objetivo pessoal eu alcanço se... as crianças mostram que tá valendo a pena, a minha motivação é, por exemplo, eu chegar aqui e as crianças, eles mostrarem algo diferente que eles aprenderam conosco aqui no projeto... logicamente... isso faz com que a gente se motive, quer dizer, se você chega aqui, vê que a criança aprendeu alguma coisa, vê

que a criança tinha um problema e tá melhorando, sem dúvida nenhuma isso é uma motivação, com certeza você fala *tô atingindo meus objetivos...* agora isso é relativo, o objetivo pessoal é o mesmo objetivo do projeto, se você faz parte do grupo... falar de objetivo pessoal, o que seria objetivo pessoal... talvez... vir aqui e me divertir com as crianças, conhecer as crianças, conhecer as dificuldades de cada uma... tenho também... mas eu não tenho... objetivo, nada diferente disso.

P: Como tem sido a sua participação no projeto?

E: Complicada (risos)... da melhor maneira que eu saberia fazer... se tá certo ou se tá errado... eu não sei, você que pode falar melhor (risos)... mas é dá melhor maneira que eu saberia fazer... o que eu acredito que a gente tenha muito problema em conseguir diferenciar o projeto da empresa, saber que são coisas diferentes, saber diferenciar isso aí, mas... eu aprendi muito com o projeto, pra mim tá sendo excelente... o que eu estou trazendo pro projeto já não sei (risos)... tem que perguntar pras outras pessoas (risos)... auto-análise é muito difícil, viu?, é um outro estágio (risos)...

P: Quando falo da tua participação no projeto, não precisa nem ir tão a fundo, é da sua participação prática mesmo. Você tem alguma atividade que é especificamente sua?

E: Não. Na verdade até hoje... eu não tive, eu não... na verdade até hoje ninguém no grupo tinha... tinha alguma atividade cada um, tinha uma função dentro do grupo... nós começamos com isso a semana passada, acredito que agora a gente consiga melhor bastante... mas o que eu tenho feito, as apresentações geralmente sou eu que faço, a parte de organização durante a semana sou eu que faço, a parte de... bom, fazer a apresentação e apresentar sou eu que faço... ou no antigo grupo (**Hum-hun...**), e aí agora eu acredito que cada um vai ter uma função dentro da, da para a gente melhorar bastante (**Hum-hun...**).

P: Legal. Para mim está muito bom, queria saber se tem mais alguma coisa que você queira falar ou comentar a respeito do projeto, da sua participação ou da psicologia nesse projeto.

E: Não. Não acredito, o que eu tinha pra falar já falei, não tem mais nada, pelo menos que eu me lembre agora.

P: Então, muito obrigada.

E: Obrigado você.

Entrevista IV

Nome: Renato

Idade: 30 anos

Função: Voluntário

Entrada no Projeto: outubro de 2002

P: Bom, para começar, este é o termo de consentimento, peço que você leia e se concordar assine.

E: Hum-hun... Chic no último!... Então deixa eu completar e assinar... Que dia é hoje?

P: **Dia 7.**

E: Dia 7. Pronto tá assinado.

P: Então vamos lá. Como você sabe, eu estou fazendo uma pesquisa sobre a atuação do psicólogo clínico em projetos de responsabilidade social empresaria, (Hum-hun...), então eu queria saber o que você pensa sobre isso a partir da sua experiência.

E: A tá... Bom, como eu te falei, já te falei algumas vezes... eu nunca tive um contato com um psicólogo, e por não... assim por... pela família, assim por, enfim pela cultura familiar, nunca me interessei por isso, achava que nunca era necessário, **(Hum-hun...)**, enfim nunca tive contato mesmo com psicólogo, então sempre até tive uma...não é uma aversão, mas sempre falei *ele lá eu aqui e um abraço*, **(Hum-hun...)**. Já no projeto então é minha primeira experiência, com psicologia enfim, no projeto... e eu achei interessante... legal, e achei que realmente é muito válida, importante... por ter alguém vendo, analisando... uma pessoa que estudou, que conhece, olhando de fora e podendo dar opiniões e falar *olha, talvez por esse caminho seja melhor*, então como eu não tive uma outra experiência essa é a primeira **(Hum-hun...)**, então realmente eu achei que valeu a pena.

P: Então essa é a primeira experiência que você tem com psicólogos?

E: Isso.

P: E em projetos sociais, essa também é sua primeira experiência?

E: Em projetos sociais também, em projeto social de verdade também... eu sempre gostei de ajudar em, naquilo que eu posso, naquilo que eu vejo que tá ao meu alcance... e sempre gostei de tá envolvido com, com pessoas, participei de.. já muitas vezes de corais, porque eu gosto de cantar, então lá tava envolvido com pessoas, e lá no coral fazia alguma coisa em prol de outras pessoas, que era você ir cantar num asilo, cantar num solar de menores, enfim você levar alguma coisa, então já participei mas não em projeto social, e sim envolvido com pessoas, podendo levar algo diferente, no caso o canto, a música pras pessoas, pro conhecimento das pessoas. **Hum-hun...**

P: Então você já tem na sua vida esse hábito de trabalhar por outras pessoas, e como você chegou nesse projeto?

E: Nesse... Nesse foi, como... eu nem sei porque, talvez aquilo que você diz de culpa cristã, talvez sim, porque como eu tenho uma, uma religiosidade assim, realmente, um pouco mais forte na minha vida, que interfere sim, que interfere sim, **(Hum-hun...)**, eu seria totalmente diferente se não a tivesse **(Hum-**

hun...), então realmente interfere... então sempre gostei, e sempre na minha, minha vida teve isso de ajudar alguém de alguma forma, e quando eu ouvi o Paulo dando uma palestra a muito tempo, a dois anos atrás eu acredito, um ano e meio dois anos atrás, falando que a Empresa estava pensando, que eles tavam... tentando...resgatar voluntários pro projeto enfim, uma escola de futebol (**Hum-hun...**), logo de cara a escola de futebol eu achei uma coisa assim que como eu não tenho essa de, essa de futebol, não sou um esportista, desde criança nunca fui muito envolvido com futebol, a primeira impressão foi assim *vou, vou ver como que é, porque se for só escolinha de futebol, talvez eu possa até ter, dar alguma, alguma, alguma ajuda, mas se de repente mudar, isso mudar eu acho que vou, vou poder ajudar mais*, e isso que aconteceu, entrei no projeto, olhando, e daí eu vi que como o projeto, realmente, cresceu não virou só uma escola de futebol e, ainda bem, aí eu continuo.

P: **Então você tá no projeto desde que você viu a apresentação do Paulo, (Isso exatamente!) você não sabe exatamente quando foi isso?**

E: Não, não imagino, não sei, nossa eu sou horrível pra datas.

P: **Desde a época que era só escolinha de futebol?**

E: Desde a, isso, que era só escolinha de futebol... na verdade é, a primeira vez que teve, o primeiro grupo, o primeiro sábado eu não tava, tava o Luis, o Roberto, o Joaquim e tal, mas eu acredito que um mês depois, nem um mês depois eu já tava no projeto (**Hum-hun...**)...

P: **E o que você acha de a empresa estar te oferecendo essa oportunidade, como é isso pra você?**

E: É... Pra mim, a minha motivação é eu poder ver que eu posso ajudar alguém, e... como a empresa tem um nome, tem uma estrutura, eu posso usar dessa estrutura, da minha, e da minha ajuda pra poder transmitir isso pra outras pessoas, pra poder ajudar outras pessoas... enfim de, de alguma forma, então se outras empresas também disponibilizassem isso, eu tenho certeza que tem muitas pessoas que também tem uma vontade, e talvez falte o recurso, falta realmente a empresa falar *olha, vamos montar um projeto*. A Empresa de me dar, de fazer esse projeto e a gente ter a chance de poder fazer alguma coisa, porque como o projeto hoje é feito pelos voluntários mesmo, isso que é uma coisa legal, que os voluntários fazem o projeto, decidem, então você tem voz ativa, você pode dar sua opinião, dessa forma, conduzida dessa forma, eu tenho certeza que vai motivar mais pessoas e pra mim é, é, acho que é o auge, né!, você poder trabalhar numa coisa e tendo resultado numa coisa realmente numa coisa que é, que não é de brincadeira, que é de verdade. (**Hum-hun...**)

P: **E você acha que essa infra-estrutura da empresa influencia nisso?**

E: Ela influencia no sentido que... pra mim ela ajuda porque olha, você tem o nome da empresa, então pra você abrir portas no, no, em outros lugares é muito mais fácil do que você montar uma, um grupo de cidadãos lá de moradores de bairro (**Hum-hun...**), você não tem a mesma voz, mais forte do que quando você tá trazendo, representando uma empresa, então como o mercado, né!, marketing, dinheiro, então as pessoas vão olhar diferente pra você, porque talvez elas vão te ajudar de primeira, não, não pela, pela responsabilidade social e sim pela oportunidade que elas vêem em ter um contato com a empresa (**Hum-hun...**), depois é lógico você pode conquista-las

pra trabalhar em responsabilidade social, então por isso que quando é uma empresa, realmente, eu acho que você pode fazer mais, pode fazer mais porque realmente você é mais forte.

P: Você acha que a empresa dá essa força, da mesma forma que ela tem uma força de mercado, ela coloca essa força no social?

E: No social. Ela pode, ela, por você tá levando o nome dela, ela realmente te, te dá essa força, a abertura de portas pra conseguir parceiros, pra, enfim tudo que você precisa mesmo monetariamente, quando você precisa de fundo pra, pra usar, então a empresa te dá, agora cabe ao projeto ser, ter a visão de usar essa força nos lugares certos, da maneira correta. **(Hum-hun...)**.

P: Quando você diz que cabe ao projeto, você está diferenciando bem a direção da empresa e a direção do projeto?

E: Isso.

P: E aí quando você diz que são os voluntários que levam o projeto hoje, é nesse sentido? O projeto acaba tendo uma autonomia em relação à empresa?

E: Tem uma autonomia, é lógico, é lógico que a autonomia não é completa, **(Hum-hun...)**, não é um ser livre (risos), completamente livre... como, como nem tudo na vida a liberdade é sempre um, questionada, né!, então mesmo num projeto que você tem numa empresa que os voluntários fazem, é lógico que a empresa pode sim colocar aí seus limites **(Hum-hun...)**, impor os seus limites... na Empresa ainda não, não vi qual é o limite, a gente ainda não chegou nesse limite, **(Hum-hun...)**, mas eu acredito que possa ter um dia, de a empresa falar *olha, aí não, esse é o limite*, e... e não acho que, que seja diferente... tudo na vida, a liberdade é uma questão, aquilo que você fala que você pode fazer o que você quer, nunca, mesmo dentro do projeto, tendo voluntários podendo decidir, acredito que tem um limite, mas... por enquanto a gente não chegou nesse limite.

P: Você conhece projetos de outras empresas você tem contato com outros projetos ligado a empresas?

E: Bom, conheço de nome, **(Hum-hun...)**, de nome alguns, por curiosidade, entrar em alguns sites e conhecer o projeto por aquilo que eles apresentam no site, tipo o Instituto Airton Senna, como é... aquele que faz calçados, lá... esqueci... Azaléia, Azaléia... por aquilo que eles apresentam no site, **(Hum-hun...)**, você vê que é uma coisa realmente, também é forte, tem uma estrutura... muito mais que a nossa hoje, hoje, uma estrutura muito maior, tem mais gente profissional envolvida, eu diria que eles são uma empresa de responsabilidade social, não simplesmente a responsabilidade social de voluntários, é uma empresa de responsabilidade social, **(Hum-hun...)**, então conheço de visita isso.

P: E quando você fala nisso de profissionais, de uma empresa, você acha que tem lugar pro psicólogo nesse tipo de profissionalização do social?

E: Sim. Acredito que tenha, porque... é sempre, é necessário que, que tenha alguém pra ir esclarecendo algumas dúvidas **(Hum-hun...)**, e como nesse caso, na maioria desses casos eles vão tá voltando muito... voltando pro lado das crianças, profissionalizando isso, às vezes é esquecido... alguém pra por o pé no chão, alguém pra... às vezes ditar algumas, tomar as rédeas em alguns, em alguns pontos e, realmente, eu acho sempre, que cabe, que cabe o

psicólogo... não conheço psicólogo em outras áreas, né!, mas como nessa área, essa experiência acho que cabe sim psicólogo dentro desses, e acredito que até mais, mais, vão precisar muito mais de um psicólogo realmente nessa área, talvez, não sei se ele vai ficar nessa função somente psicologia, talvez nessa função e mais alguma outra **(Hum-hun...)**, mas cabe, realmente cabe.

P: O que você tá chamando de função psicologia?

E: (risos) Essa função, essa função que eu vivi **(Hum-hun...)**, que eu vivi até agora, que é aquela função de você... ouvir, ouvir muito, ouvir muito o que todo mundo tem a dizer, dar o seu ponto de vista... e quando ele é dado... deve... tem sido dessa forma, tem sido dado não simplesmente, como uma coisa largada, aérea **(Hum-hun...)**, com base, com fundamentos, com experiências, muitas delas vividas, outras delas lidas, através de, enfim através mesmo da formação, então é disso é essa, é essa função, é essa função que eu vejo **(Hum-hun...)**, e tirando isso também tem o, no projeto da Empresa, por exemplo, que eu achei que, que no caso a psicologia tomou pra si, eu acho que essa é, eu acho que de todas, de tudo que a gente fez, de tudo que o projeto fez isso foi uma das coisas que mais, que mais valorizou o projeto que foi a, que foi o acompanhamento das crianças, então eu acho que de tudo que foi feito esse acompanhamento, no caso feito pela, pelo pessoal da psicologia **(Hum-hun...)**, eu acho que foi assim o que talvez, foi o que mudou o projeto, mudou a cara do projeto, o que valoriza o projeto **(Hum-hun...)**, e até mesmo pras crianças, eu acho que eles sentiram que é muito mais sério depois disso, depois que eles viram alguém lá na escola, alguém falando a respeito deles, conversando com eles.

P: Então você acha que a psicologia colaborou com a concretização do projeto?

E: Isso. Profissionalizou, eu acredito, assim, profissionalizou, o que... vontade todo mundo tem **(Hum-hun...)**, vontade todo mundo tem e, e muito, e se perguntar pra todo mundo sobre, sobre ser voluntário, doar alguma coisa, doar alguma coisa, você vai ver que todo mundo tem vontade de doar alguma coisa **(Hum-hun...)**, e quando se trata dos voluntários, todos que chegaram todos sempre tiveram, tiveram vontade de fazer essa doação, só que dispersaram, ninguém sabe exatamente o que fazer, como fazer e nesse, nesse caso junto com todo mundo e, e tendo em vista a, a psicologia ajudou a, a realmente profissionalizar fazer uma coisa mais profissional mesmo, dentro do projeto.

P: Então você acha que foi importante nesse projeto e seria em outros?

E: Acredito que sim, se foi importante nesse que eu tenho como experiência em outros com certeza.

P: Legal, acho que é isso.

E: Ah! Tem uma outra coisa que eu acho que é interessante, não, é porque é assim, sobre outros projetos, que agora que eu lembrei, agora que eu lembrei ... tem, eu trouxe um amigo meu na semana retrasada aqui, que ele é do Projeto do Tietê, enfim um projeto de responsabilidade social do Tietê e mais alguns projetos, e não só ele, mas outras pessoas que eu vejo que chegam no projeto e olham pra ele e falam *poxa, ele é diferente!* **(Hum-hun...)**, ele é melhor, é... e por mais que os voluntários, nós achamos que não tá ainda, não tá bom, mas as pessoas tem olhado de fora e tem falado *poxa, tá muito bom!*... então eu acho que foi fundamental essa, a presença, e eu acho que foi

fundamental, e... nesse, no caso desse amigo meu, não tem, não tem essa estrutura (**Hum-hun...**), a tem, e quando você fala pra alguém *olha, faço parte de um projeto social e junto tem psicólogas também que fazem acompanhamento*, a, a turma olha diferente, poxa, tem profissional de verdade, trabalhando que conhece que entende, então acho que por isso também acho que vale a pena.

P: **Dá uma cara diferente pro projeto?**

E: Dá uma cara, dá mais responsabilidade (**Hum-hun...**) ... dá mais, dá credibilidade (**Hum-hun...**), só isso.

P: **Legal! Mais alguma coisa que você queira falar?**

E: Não... eu aprendi, aprendi a falar sobre psicologia, naquela reunião que tivemos sobre, com os voluntários, que foi dada por um psicólogo... lá, lá eu, eu também aprendi, aprendi algumas coisas (**Hum-hun...**), algumas delas tenho guardadas como por exemplo uma que eu achei importante que é quando você falar num grupo, a gente usa o *a gente*, eu uso o *a gente*, todo mundo usa o *a gente* invés de usar o *eu*, e isso eu achei um ponto legal, importante, também, também lá eu acredito que depois daquilo deu uma motivada no grupo... as pessoas se conheceram melhor (**Hum-hun...**), puderam, puderam ter um, um, conhecer algo... fora do que conhecem só aqui no projeto nas horas que se encontra de terça na reunião (**Hum-hun...**), então eu acredito que foi um ponto importante pro projeto também, que você conheceu seu outro voluntário (**Hum-hun...**), o grupo, talvez, porque como cada um vem por um motivo pra responsabilidade social, então muitas vezes se você não entender o , motivo do outro talvez vai ter um atrito, uma, uma, uma competição não saudável, (**Hum-hun...**), não saudável, então, principalmente, nesses pontos acho que foi fundamental a presença da psicologia.

P: **Você fala dos motivos de cada um, no começo, você tinha falado sobre a sua vontade de trabalhar pelas outras pessoas, você tem conseguido se sentir satisfeito nesse projeto?**

E: Sim. Sim. Eu me sinto. Me sinto satisfeito... no projeto eu me sinto satisfeito, motivado pra continuar porque vejo que pode, isso pode tomar uma forma muito maior, acho que tem, tem crescido, mas acho que pode crescer muito mais, então isso me motiva (**Hum-hun...**),o fato que isso pode crescer mais, que você pode... atingir mais pessoas... atingir de maneira mais, mais forte as pessoas do que, simplesmente, você fazer uma doação de campanha do agasalho (**Hum-hun...**), ou de alimento, então você pode, realmente... você pode não, não mudar, mas você pode dar uma chance, pode mostrar pra, pras pessoas, no caso pras crianças que existem outros lados, que existem, não existem, tem um horizonte, que pode ter outros objetivos do que o dela na comunidade dela... então isso me motiva também, então por essa coisas eu me sinto, e por, e pelo projeto ser dessa forma, né!, pelo projeto ser dessa forma, ser... todo mundo tá procurando profissionalizar assim (**Hum-hun...**), fazer, é voluntário é, é, é voluntário é, mas tem que ter responsabilidade, eu, eu, eu tenho, eu acho que é obrigado algumas coisas, como a, a presença, a, a, você quando pega pra fazer você tem que, realmente, se envolver... dar o melhor de si, então por isso eu acho, por isso eu me sinto motivado.

P: **Muito bom. Muito obrigada.**

E: De nada.

Entrevista V

Nome: Lílian

Idade: 37 anos

Função: Voluntária

Entrada no Projeto: fevereiro de 2003

P: Bom, para começar, este é o termo de consentimento, peço que você leia e se concordar assine.

E: Pronto. Essa é minha?

P: É, é uma cópia sua e uma minha.

E: Então tá.

P: Bom, então vamos lá. Eu estou fazendo uma pesquisa sobre as possibilidades de atuação do psicólogo num projeto de responsabilidade social de uma empresa, qual é o papel do psicólogo, e eu gostaria que você me falasse o que você pensa disso a partir da sua experiência.

E: O que eu já vivi até agora?

P: Isso, o que você já viveu até agora, o que você pensa a respeito disso, o que você quiser falar a respeito do trabalho de psicólogos em projetos sociais de empresas.

E: Ah, Bruna! Eu não conhecia nada de psicólogos, nunca fui, talvez até precisaria mas nunca tive oportunidade, quando nos fizemos aquele treinamento **(Hum-hun...)**, até... é assustador vê, vê o que acontece, como você... coloca as coisas, desabafa, chora, pra mim foi muito interessante. Quanto aos psicólogos aqui dentro do projeto, se tem que ter ou não eu desconheço, mas eu acho que é necessário **(Hum-hun...)**, porque... enfim, tem que ter crítica tem, como a gente teve nas reuniões, falamos bastante, criticamos, eu falei bastante também... eu vejo o seguinte vocês tem que estar aqui porque vocês são um pilar... de sustentação **(Hum-hun...)**, um pilar de sustentação pra, para os voluntários... por mais que de vez em quando você tenha uma colocação assim de, de não ou de sim, uns não gostam, outros... sabe? **(Hum-hun...)**, sempre tem, uns deixam de, de achar certo outros não, mas vocês são importantes, vocês são os pilares para nós **(Hum-hun...)**, aqui dentro da responsabilidade... vocês tem visão, eu acho que vocês conseguem enxergar... não sei se é porque a gente tá direto aqui **(Hum-hun...)**, acaba não tendo, mas acho que você *(neste momento a entrevista é interrompida por Paulo e Valéria que entram na sala pra dizer oi)*, e eu acho isso aí, que você é o pilar aqui da responsabilidade social, não só você mas os psicólogos que acompanham **(Hum-hun...)**.

P: Quando você fala em pilar, em que sentido você está dizendo? No que a gente tá ajudando a sustentar?

E: No que você ajuda a sustentar? **(Isso!)** Até mesmo no início disso aqui Bruna, eu acho que... sem vocês aqui, tudo bem tava acontecendo, tava... mas a gente não ia ter... tempo, não ia ter... disponibilidade de nada, de correr atrás das crianças, a gente não tem base, eu não tenho base... formação pra isso, conhecimento pra... pras crianças, pras mães, pra ir nas escolas **(Hum-hun...)**, por isso que eu acho que vocês são os pilares, na formação do grupo, vocês

tem a cabeça mais aberta, vocês vêem isso de outro jeito, de outra forma **(Hum-hun...)**, é isso que eu enxergo. Críticas tivemos, hum-hum, naquela reunião, o que eu sempre disconcordei é quando a gente vai na reunião de terça-feira, eu falava assim *por que a gente tem que dar satisfação pra psicóloga*, era tipo uma satisfação **(Hum-hun...)**, *psicóloga, blá bla bla*, ficava falando as coisas pra psicóloga **(Hum-hun...)**, eu acho que posteriormente na reunião que eu tive, eu já achei mais assim, não era só falar para a psicóloga **(Hum-hun...)**, era falar pra todos o que aconteceu, não diretamente pra psicóloga, então isso que eu achava errado, e eu acho que até foi bem colocado, depois daquela reunião que foi todo mundo e cada um falou o que queria falar **(Hum-hun...)**, então agora eu entendi que não é colocar só pra psicóloga e sim pra todos os voluntários.

P: Além das reuniões, como é a tua participação no projeto? Desde quando você participa?

E: Eu não estou desde o começo, acho que eu fui entrar depois de uns... acho que já tinha uns cinco ou seis meses do projeto Bruna **(Hum, hum...)**, já tinha uns cinco ou seis meses, e... a minha participação no projeto, assim, você quer saber o que...

P: Como é pra você o projeto, tudo relacionado ao projeto, o que você pensou pra entrar, o que você pensa agora, o que você faz no projeto, como é você no projeto?

E: Eu, eu no projeto... pra mim é como um crescimento, pra mim, simplesmente pra mim **(Hum, hum...)**, entendeu, de... se eu for falar assim, eu acho que foi uma fuga até, viu Bruna, o projeto, vir aos sábados aqui, pra mim é uma fuga, de LÍlian deixar de, de tantas coisas lá minhas particulares **(Hum, hum...)**, então eu deixei um pouco, deixo de viver um pouco a LÍlian fora daqui, entendeu, aqui pra mim está sendo uma experiência... de pensar um pouco na LÍlian, entendeu... porque já chega a segunda a sexta que eu trabalho, que tenho, é uma **(Hum, hum...)**, e de sábado era assim, era... o meu trabalho, o dever, depois tinha que ir lá direto e reto ter que, o namorado enchendo o saco, era isso, mais ou menos isso **(Hum, hum...)**, então eu, eu tinha que fazer alguma coisa que eu gosto **(Hum, hum...)**, então o projeto fez com que eu tirasse um pouco aquilo do sábado, aquela coisa, falar assim *eu gosto de fazer alguma coisa, eu pra mim*, então essas crianças foram assim... tudo... e é base pra mim, e tem, e assim, eu no projeto, o que eu estou fazendo ainda não, ainda não estou fazendo muito, porque na verdade o que eu gosto de fazer são assim coisas mais práticas, já tipo assim, eu não sou uma Valéria que desenvolve lá, faz tudo, já não sou tão assim, eu já gosto mais assim colocar a LÍlian pra fazer alguma coisa prática ali na hora, eu corro atrás eu faço, entendeu, eu não deixo, se tem que ir lá e carregar uma cadeira, ir lá e resolver, eu faço **(Hum-hum...)**, agora planejar alguma coisa aí eu já tenho mais dificuldade...

P: Como você conheceu o projeto?

E: Foi aqui dentro mesmo, foi ... o Renato já desde o começo entrou **(Hum-hum...)**, a Valéria também, então... eu tenho muito contato com a Valéria, daí começou, ela *vamos, vamos, vamos participar*, daí eu entrei, entendeu, mas no começo não tinha aquela coisa de primeiro conhecer e tal **(Hum-hum...)**, daí eu já cheguei e entrei participando e isso já faz um tempo.

P: Como você vê o fato do projeto estar ligado a empresa?

E: Estar ligado a empresa, eu acho que ajuda, ajuda nós aqui a desenvolver, imagina se a gente não estava ligado a nenhuma, a empresa, a gente ia ter que depender de sair a procura de um, mais ou menos patrocinador (**Hum-hum...**), seria mais ou menos isso, aí seria mais difícil ainda, agora com a empresa dando assim a, a ajuda atrás, a ajuda, já colabora mais, né, a gente tem, quantas coisas a gente precisa da empresa, ela tá ajudando (**Hum-hum...**), acho que tem que ter, isso ajuda muito por tá ligado a empresa, não sei como seria sem... não sei.

P: E com relação às crianças, como você vê isso, o trabalho com as crianças?

E: Bruna, eu se, eu penso que se eu tivesse na minha infância um... tido uma responsabilidade social dessa, eu acho que tinha sido tudo, porque às vezes eu vejo a turma que fala *nossa, são crianças muito pobres*, sabe, e aí às vezes eu coloco em épocas da minha vida (**Hum-hum...**), eu também fui, entendeu, mais ou menos isso daí (**Hum-hum...**), entendeu, só que tivemos assim, minha mãe que passou muita educação, nós não caímos em, lados errados, entendeu, daí eu vejo assim, ser pobre é comum, isso sabe, desde que você passa a ter uma educação, mas se na época eu tivesse tido uma responsabilidade social, tivesse tido um sábado com uma, *nossa*, eu não tive, então eu acho que pra essas crianças isso aqui a gente nunca vai poder falar assim, é acabar, a gente não pode, de jeito nenhum, a gente vai ter que ter força e vontade pra sempre levar (**Hum-hum...**), entendeu, porque imagina essas crianças quando chega de sábado elas vem, isso daqui, eu não tive isso daqui (**Hum-hum...**), pra elas é muito importante... é muito divertido, acho que é até um passeio, um divertimento pra elas, isso aqui.

P: Você vê diferença nas crianças, de quando elas começaram no projeto até hoje?

E: Tem muita diferença, muita diferença... eu vejo assim, a maneira de comportamento, assim, comportamento, quando elas chegavam aqui e... principalmente na hora de servir os lanches era aquele atropelo, agora elas são mais comportadas, elas sentam, elas esperam, elas... têm, elas saem um pouco (**Hum-hum...**), mudou muito, muito, muito, as meninas, todas, os meninos, você percebe, entendeu, tudo é diferente... acho que um pouquinho cada um já, a gente já tá tranqüilo um pouquinho sim, eu até falei a semana passada pro Renato *imagina, se a gente, daqui a uns dias, ouvir aquele menino falar ou ouvir* (**Hum-hum...**), imagina o que vai ser pro projeto, *nossa*, ou o jeito que tá sendo colocado... muito, e vocês né, Bruna, as psicólogas que tão acompanhando, foi lá, por isso que eu falo que tem que ter vocês aqui (**Hum-hum...**).

P: Então você tá falando do trabalho que a gente desenvolve fora daqui, com as crianças, e o trabalho que a gente faz com vocês, com os voluntários, como você vê isso?

E: Eu vejo isso que, não pode vocês falarem que agora acabou, tem que ter, ou eu acho até mesmo, Bruna, que se tivesse como até trabalhar com os voluntários, vocês trabalham com as crianças, né, a gente trabalha com as crianças e tal, também de vez em quando ter esses treinamentos, trabalhar com os voluntários (**Hum-hum...**), entendeu, trabalhar com a gente também, eu

vejo isso, tem que ter, é importante, os treinamentos, eu acho, eu não acharia nada ruim se um dia você chegasse pra mim e falasse pra gente conversar, dar alguma, opinião, dar uma sugestão ou idéia pra Lilian, ou pra qualquer outro, entendeu (**Hum-hum...**), ou até falar *você fez errado, você fez certo*.

P: Você fala de um trabalho individual?

E: Isso, um trabalho individual, também (**Hum-hum...**), seria muito, poderia até falar *você é capaz de fazer aquilo*, eu acho que, ou medo das coisas, entendeu, mas você tem, você pode ter, sabe, fazer, *você pode*, isso também ajudaria bastante (**Hum-hum...**), talvez muitos talvez não coloquem pra fazer porque acha que não, mas isso também, os psicólogos podem estar vendo nos voluntários.

P: Você está dizendo que além do trabalho com o grupo todo, seria interessante fazermos trabalhos individuais, é isso?

E: Trabalhos individuais, entendeu.

P: Interessante, é uma possibilidade interessante.

E: O que, o que apegar eu, eu sou uma pessoa assim, eu tenho muito medo, não sei do que mas é um medo (**Hum-hum...**), eu sempre tive, uma barreira, eu tenho medo daquilo, sabe, de fazer algo e não dar certo (**Hum-hum...**), isso, nossa, isso acontece muito comigo, então de repente você consegue enxergar nos voluntários uma coisa que ele pode fazer, mas ele se retrai e não faz, entendeu (**Hum-hum...**), isso deveria também.

P: E você acha que isso poderia estar facilitando o trabalho dos voluntários?

E: Facilitaria o trabalho dos voluntários também, até porque tem muitos voluntários novos, acho que seria legal.

P: Interessante, vou pensar sobre isso. Você acha que pra empresa esse projeto traz algum benefício?

E: Pra empresa... tem, né, Bruna... tem na parte de, de... tem, eu não sei como eu vou colocar, como eles conseguem passar isso pra fora, a responsabilidade social, o que eles ganham, o que deixa, sabe, é marketing, não sei, isso eu já não conseguiria te responder direito, às vezes mesmo, quando tá todo mundo está querendo alguma coisa *é marketing, é só marketing, deixa*, sabe, acaba ouvindo isso, ou até da boca de qualquer um, *vai, pra eles tudo é marketing mesmo* (**Hum-hum...**), agora o que vai facilitar, o que deixa, o que eles ganham... isso eu não sei.

P: Isso é uma coisa que você nunca parou pra pensar?

E: É, nunca pensei, por que eles tão fazendo, o que eles querem, o que eles vão ganhar (**Hum-hum...**). Eu já parei pra pensar assim, sobre a Vila, trabalhando com as crianças, a empresa cresceu, então o que poderia ajudar eles... jamais alguém daí da Vila vai, se tiver alguém que quiser entrar, que quiser, bagunça, daí eles vão pensar *não eles tão fazendo bem pro nosso filho, por que a gente vai destruir* (**Hum-hum...**), isso, já também é que da pra ser uma, uma das vantagens que eles possam ter.

P: Você diz em termos de segurança mesmo, do prédio, dos funcionários?

E: Isso, segurança mesmo. Eles tendo eles como parceiros, mais ou menos isso, eles tão ganhando, entendeu, eles ajudando eles, por que eles vão destruir?, (**Hum-hum...**), e realmente, por que você acha que essa comunidade

vai, só tem que... nada pra destruir... talvez a empresa pense assim, não sei... ganhar eles pra ter algum retorno.

P: E aqui dentro, você sentiu alguma diferença entre os funcionários, depois que o projeto começou?

E: Daí eu já não senti nenhuma diferença, não. Eu fico na produção e é muito pouca gente que vem e comenta, é mais o pessoalzinho que está participando mesmo, os voluntários (**Hum-hum...**), nos funcionários não identifiquei nada.

P: Então só pra terminar, você me falou que no começo seu maior objetivo era fazer algo que você gostasse, ter um momento pra você, sair da sua rotina (Isso.) e como está, você está conseguindo?

E: Já consegui, é mais ou menos arrancar a minha liberdade, entende (**Hum-hum...**), é arrancar mesmo, é ter tido assim, adquirido a minha liberdade, que acho que isso é meu.

P: O projeto provocou uma mudança na sua vida?

E: Uma mudança na minha vida, você gosta, então, era difícil eu chegar pra, até pro meu namorado, no começo, *você vai ficar fazendo o quê?, o que vai trazer pra você ficar olhando o filho dos outros?*, aí hoje, hoje ele já fala assim *você gosta, então faça porque você gosta*, e eu saio no sábado e não dou satisfação, é meu (**Hum-hum...**), eu vou, venho aqui e faço. Eu gosto disso, eu vou e faço, e eu não conseguiria assim, em outras épocas chegar e pegar esse sábado assim, sabe (**Hum-hum...**), e agora não, então mudou isso pra mim, então mais coisas eu vou começar a adquirir, entendeu.

P: Então, proporcionou um crescimento mesmo. Você atingiu seu objetivo?

E: Exatamente, fazer alguma coisa pra, eu tô fazendo pra mim (**Hum-hum...**), pra mim, não pra agradar as pessoas, isso é meu... tá bom, mais alguma coisa?

P: Não, pra mim está ótimo, só se você quiser falar mais alguma coisa.

E: Não, acho que não tenho mais alguma coisa, é isso. Acho que é isso.

P: Então tá bom, muito obrigada.

E: De nada.

Entrevista VI

Nome: Roberto

Idade: 39 anos

Função: Voluntário – Idealizador do projeto

Entrada no Projeto: setembro de 2002

P: Para começar, este é o termo de consentimento, peço que você leia e se concordar assinie.

E: Pronto, está assinado.

P: Ok! Essa cópia é sua.

E: Então vamos lá. É a primeira vez que eu dou uma entrevista.

P: Primeira vez?

E: É. Então vamos lá.

P: Vamos lá. Como já te falei, estou fazendo uma pesquisa sobre o papel do psicólogo e as possibilidades de atuação de psicólogos em projetos de responsabilidades social em empresa. Então eu gostaria que você me dissesse, a partir do que você conhece, da sua experiência, o que você pensa disso.

E: Como, bom, eu, então é primeira vez que participo de uma ação social, de uma responsabilidade social, quando nós começamos aqui, no começo era somente pessoas inexperiente e com força de vontade de querer dar um pouco de si a alguém, a quem precisa (**Hum-hum...**), ... no começo foi muito difícil, porque nós não tínhamos uma, uma orientação por isso que nós solicitamos o apoio de uma pessoa já formada, ou qualquer pessoa que desse um suporte técnico pra gente, de como a gente deve conversar com as crianças, porque, porque, criança você sabe, educar os filhos da gente é fácil (**Hum-hum...**), a gente vê criar desde o nascimento, você tem a sua criação a sua formação, você pegar uma criança já com sete anos pra cima que já tem uma formação, já tem uma criação dentro de casa, de uma maneira, tem os pais, que nós não sabemos qual é a formação que esses pais dão pra essas crianças (**Hum-hum...**), como é a vida dessas crianças, então às vezes fica complicado pra gente saber como chegar a orientar essa criança para não afetar dentro da casa, então para nós nessa parte, nós sempre pedimos um apoio, como nós podemos dirigir essas crianças, porque nós não somos formados em nada, somos funcionários da empresa, e sim voluntários que quer se dar, um, um entre aspas um tempo, um tempo da sua vida pra lidar com as crianças, nessa parte nós, eu acho que foi muito bom o trabalho da psicologia, pra também dar esse suporte e uma orientação para nós, porque, porque acho que cuidar do filho da gente é fácil, mas se envolve muitas crianças, filhos de outros, com outra criação, outra formação, aí fica complicado (**Hum-hum...**).

P: Na sua fala tem um pouco de como começou o projeto e eu sei que você está no projeto desde quando ele era só idéia, você já estava envolvido (Isso, isso!), então me conta como foi tudo isso.

E: Bom, no começo, no começo foi uma, uma, foi feita uma palestra no “café com segurança” da onde foi comunicado na empresa que a empresa estaria fazendo uma, uma ação social, uma responsabilidade social dentro da empresa, né! (**Hum-hum...**), e que gostaria muito de voluntários para poder fazer esse trabalho, essa parte social, e quem estivesse interessado era para preencher a ficha e marcar que sim que estaria interessado em participar, demorou acho que bem, eu tinha até esquecido que iria ter esse trabalho e tudo, porque demorou acho que um bom

tempo para vim essa resposta, depois é que veio o Paulo, foi, foi a pessoa responsável pela firma, indicado pela firma (**Hum-hum...**), a pessoa responsável, aí ele convidou o Luis, né! e o Luis falou quem mais que poderia estar participando, né!, porque a mentalidade primeiro não era... porque nós pegamos a parte mais fácil de fazer, que seria o futebol (**Hum-hum...**), então foi a mais fácil de tratar e de ser atrativo era o futebol, e como aqui na empresa eu, eu entre aspas também mexo muito com a parte esportiva aqui na empresa (**Hum-hum...**), dos funcionários, então eu acabei me envolvendo junto com o Luis na época, e até o Joaquim e tudo (**Hum-hum...**), e na época foi meio complicado porque nós começamos, assim “demos a cara a tapa”, ficamos o que em quatro pessoa no futebol e “dando a cara a tapa”, porque antes era só os meninos, depois veio as meninas também a participar, e o número começou a aumentar, o controle era só, a gente tinha feito um cadastro, era nosso, desenvolvi um cadastro do tipo, usando fichas de, de outros lugares pra gente poder montar um modelo nosso, fichas, o modelo da ficha do Dr. Carlos, como que era a ficha dos funcionários daqui, pra gente poder preencher, o que tinha naquela ficha pra gente colocar na nossa ficha, como... se a criança tinha algum problema de saúde (**Hum-hum...**), que impedisse ele de fazer qualquer atividade física dentro da empresa, então, daí nós começamos a modelar, nós não tínhamos nenhuma experiência, nós não tínhamos nenhum, nenhuma pessoa, nenhuma ajuda de fora (**Hum-hum...**), então começou só com nós, foi muito difícil no começo, acho que foi muito difícil, entendeu? Eu sempre falo, foi difícil, mas nós trabalhávamos com gosto todos e até hoje, todos trabalham bem acho que porque gostam de estar aqui, de se dedicar com as crianças, mas no começo o pessoal era unido, muito unido, porque era só nós e tinha que “dar a cara a tapa” mesmo, brincar com as crianças, tentar divertir, então as idéias iam surgindo, conforme foram surgindo ia se aprimorando, foi se aperfeiçoando, acho que todo trabalho assim começa... tem um começo... complicado, depois vai passando os anos, com a convivência a gente vai se aperfeiçoando, a gente vai adquirindo mais experiência (**Hum-hum...**), tanto de vida como de vivência mesmos, mas no começo foi muito complicado mesmo, o voluntariado, um número limitado de voluntariado, o número de crianças aumentando, o controle, o como controlar essas crianças, desenvolver a carteirinha, foto, cada ano que foi passando, foi um degrau que nós fomos subindo, aperfeiçoando (**Hum-hum...**), e ainda tem muito, acho que nós não estamos nem na metade do que nós podemos fazer...

P: Você sabe me dizer em que época foi isso?

E: Foi em setembro, foi em setembro, acho que foi mais ou menos setembro, de 2001, 2001 ou 2002, não estou bem lembrado (**Hum-hum...**).

P: Então esse ano completa dois ou três anos o projeto.

E: É, dois ou três anos... é vai completar três, não, o ano passado foi um ano, esse ano dois, então é 2002.

P: 2002, o projeto tem dois anos...

E: Dois anos.

P: E como você vê o desenvolvimento do projeto nesses dois anos, você acha que cresceu?

E: Olha, cresceu muito, muito, tanto que, por isso mesmo que nós temos cada vez mais, buscando mais voluntários, entendeu?! a gente fala no crescimento, nós trabalhávamos, a gente trabalhava com quarenta, no comecinho com trinta quarenta crianças, chegamos a ter noventa, foi uma loucura, agora voltamos de novo com menos crianças, estamos com sessenta crianças, estamos de novo aí

tentando buscar mais crianças, porque eu acho que nós temos condições, porque nós chegamos a trabalhar com noventa crianças, temos condições de trabalhar com mais crianças, até porque agora estamos muito bem mais organizados, divididos em grupos, cada um sabendo o que tem que fazer, dando tarefas para cada, cada pessoa do grupo, responsabilidades para cada pessoa do grupo (**Hum-hum...**), então, mas acho que temos muito o que crescer, muito o que aperfeiçoar.

P: Legal! Você acha que o fato de estar ligado a empresa ajuda o projeto, como você vê essa ligação do projeto com a empresa?

E: O projeto e a empresa?

P: É.

E: Olha... eu... por ser, por estar o projeto ligado a empresa, acho que está... acho que está muito, é bom por causa da, do suporte... financeiro da empresa e do apoio que a empresa está dando, se uma empresa não der o apoio, não adianta a empresa somente dando o nome e não dar um suporte e nem um apoio, porque no trabalho que nós estamos fazendo existe um custo muito alto, muito alto mesmo, nós às vezes vemos, existem alguns voluntários que nem sabem o valor que é, que é gasto com as crianças por mês, mas eu acredito que seja um valor muito alto, pelas condições que nós estamos dando pra elas (**Hum-hum...**), então, tem uniforme, a área disponível, que a empresa disponibiliza dentro da empresa... o ambiente que as crianças têm na empresa, alimentação que é dada para essas crianças, o investimento, o investimento que a empresa está dando é muito, é muito importante, porque acho que sem isso a responsabilidade social fica muito difícil, se não tiver um apoio financeiro, eu fico imaginando como seria isso aí sem o apoio da Empresa, aonde nós estaríamos buscando verba, aonde nós estaríamos batendo na porta... de um empresário, tentando convencê-lo, tentando levar a nossa idéia, tentando por nosso objetivo, expor a nossa idéia do projeto (**Hum-hum...**), e para tentar ele, trazer o apoio financeiro dele, sabendo que isso é entre aspas sem fins lucrativos, mas que tem o marketing mas é sem fins lucrativos (**Hum-hum...**), por isso quando é dentro de uma empresa e a empresa investe nisso é muito bom (**Facilita?**) facilita muito, muito, porque tudo que nós precisamos hoje, nós tivemos retorno da empresa, até hoje eu acho que... não foi negado, então é muito bom, e sem isso acho que ficaria muito complicado, é muito difícil acho que trabalhar sem esse apoio, sem esse facilitador, porque eu acredito que isso facilita o meio de campo pra gente, e fora isso o apoio também na parte, o apoio que dá para os voluntários, o treinamento que está dando para os voluntários, embora nós, eles sabem das nossas deficiências, mas tudo que nós pedimos para eles quanto a investimento nos voluntários não foi negado, então isso é muito bom... a Empresa está, acho que é um facilitador mesmo, sem isso acho que não teria como tocar, acho que é muito complicado você ir buscando verba, fundos, aí fora, doações aí fora para o trabalho... e ir buscar na porta (**Hum-hum...**), ainda mais a gente que trabalha das sete as cinco, não tem horário para sair fora, não tem, só vai ter de sábado e os empresários não trabalham de sábado, acho que é muito complicado.

P: Você está falando da relação entre a empresa e o projeto, que a idéia surgiu na empresa e que hoje ela ajuda muito, principalmente, financeiramente. Antes dessa idéia do projeto, você já tinha vontade de fazer algo parecido, já tinha pensado nisso?

E: Não eu nunca, eu sempre gostei de assistir, na televisão toda parte social eu gosto de assistir, mas eu nunca cheguei a participar (**Hum-hum...**), aquelas instituições que existem de pessoas do Pira pra pedir e ajudar os pacientes

doentes, e tal, mas nunca cheguei, sempre gostei, tipo assim me interessei, mas nunca cheguei a ir e doar aquelas horas (Hum-hum...), doar aquelas horas, é bem por aí... e aqui na firma acho que foi bem mais um, um meio campo, um, uma ligação...

P: Você sempre teve vontade e aí apareceu dentro da empresa a oportunidade, você acha que esse fato da empresa ter oferecido essa oportunidade, facilitou?

E: Facilitou mais na busca, na busca e no, no objetivo, porque têm muitos por aí que trabalham, voluntariados que trabalham fora, tanto em hospitais, em, em tantos outros lugares, creches e... só que eu mesmo não tinha muito conhecimento de pessoas pra me levar lá (Hum-hum...), então por isso que eu achei que ficou fácil, porque a empresa ofereceu, falou o que ela queria fazer (Hum-hum...), tanto que na época, foi bem, um questionamento muito grande que nós fizemos aqui, vai trabalhar com as crianças ou vai fazer só um marketing?, porque foi essa nossa grande briga aqui (Hum-hum...), se era somente um oba-oba ou se era pra valer, se fosse pra valer, a gente ia, somente, é tipo assim... é colocar sonho na cabeça de uma criança e depois se apaga, não é aquilo que a criança tá esperando, não é aquilo que você tava pensando, isso foi um... nós tínhamos sempre uma discussões paralelas, uns bate papo paralelos com o Paulo que era sobre isso, qual é a mentalidade da empresa e qual é a nossa mentalidade?, se o que a gente tava pensando era igual ao que a empresa tava pensando, pra gente poder caminhar junto, então nessa parte valeu muito, a empresa, pra mim foi um incentivador muito grande, ter saído daqui de dentro a responsabilidade social, pra mim ficou mais fácil, pra mim poder caminhar, pra mim poder me projetar nesse trabalho (Hum-hum...).

P: Você fala dessa dúvida, do começo, se a empresa queria fazer um projeto sério ou se queria só marketing, e hoje como você vê isso?

E: Olha, em questão do presidente, nós sempre pensamos que seria sério mesmo, não seria um marketing, o objetivo do nosso presidente da empresa era trabalhar, fazer um trabalho sério, tanto que ele não quis nem, o trabalho que sempre se promoveu aqui, foi sempre diferente do das outras companhias da nossa empresa, que trabalha, que contrata profissionais da área, entendeu, e não envolve os funcionários da empresa no trabalho, contrata pessoas, contrata profissionais de etiqueta, professores de línguas e tudo que você imaginar pra aquelas crianças, mas é somente ilusório (Hum-hum...), hoje, aqui a Empresa quis ser diferente de todos, os funcionários fazem a proposta de trabalho, os funcionários, a responsabilidade social é dos funcionários, o funcionário faz a responsabilidade social, entendeu, a idéia nossa, a idéia da empresa, o apoio, a empresa só tá dando um apoio, pra nós, pra nós fazermos o que é preciso na responsabilidade social (Hum-hum...), nós damos a direção que tem que dar, daí nós temos certeza que não é, que não é um marketing da empresa, a empresa não quis fazer pra colocar o nome dela num patamar lá em cima (Hum-hum...), tanto que o trabalho que nós fazemos é somente com voluntários, funcionários da empresa está tendo grande repercussão na, no grupo... porque é, em relação ao voluntariado, é uma das empresas que tem maior número de voluntários participando do projeto, outras companhias tem, mas acho que o projeto, que essa é a que tem mais funcionários envolvido no projeto, então cada um sabe que isso aqui é nosso, não é da empresa (Hum-hum...), é nosso, a empresa somente foi o facilitador, a parte financeira, então... acho que do jeito como está caminhando, acho que não tem nem como a empresa tirar isso aí (Hum-hum...), não tem também como a

empresa querer desviar o rumo que tomou a responsabilidade social, a nossa responsabilidade agora é muito grande, perante a comunidade.

P: E você acha que isso que você pensa e sente é o que os outros voluntários também pensam e sentem, no sentido do projeto, hoje, ser muito mais dos voluntários do que da empresa?

E: Olha, bom, eu não posso falar pelos voluntários, pelos outros, mas eu acredito que sim, eu acredito que todos os funcionários, todos os voluntários, estão sabendo que esse trabalho aqui é nosso, nossa arma, isso aqui mostra, não é a empresa, é o funcionário, são os voluntários, voluntários que trabalham, voluntários que conduzem isso aqui (**Hum-hum...**), que vem nos finais de semana, se doam, as suas horas no final de semana, as horas de reuniões, preparar as palestras, as atividades pra essas crianças, não são os diretores, não é o presidente, não é ninguém somos nós, então, por isso que cada vez mais nós tentamos envolver mais funcionários da empresa, nesse trabalho, porque... não é o trabalho, não é a empresa, somos nós mesmos que estamos procurando mais voluntários pra que esse trabalho não venha perder depois (**Hum-hum...**), quando sai um tem que entrar outro, tem que vir mais, porque o número está crescendo, a responsabilidade está aumentando, então eu acho, eu acredito que cem por cento dos funcionários que estão no grupo, hoje, pensam nisso.

P: E o que você acha, dentro de tudo isso, do papel da psicologia?

E: Olha, a psicologia não só já ajudou, como está ajudando... em muitas questões de orientação, nós não sabíamos como chegar nas crianças, a, a partir do momento que nós tínhamos também que nos conhecer, nós temos que auto nos conhecer, pra gente poder saber quem eu sou?, o que eu sou?, o que eu quero?, se é isso mesmo que eu quero... pra gente poder trabalhar com as crianças, então a psicologia ajuda, ajudou muito no trabalho, esta ajudando muito no retorno, no apoio técnico que está dando com as, com as escolas, porque nosso trabalho que a gente faz com as crianças, nós não exigimos nada, financeiro das crianças nada, a única coisa que nós cobramos deles é a frequência nas aulas e as notas (**Hum-hum...**), então, é a única coisa que nós cobramos dessas crianças, então, só que nós, pra nós, funcionários da empresa que temos nossas obrigações dentro da empresa, que nós somos pagos pra, pra cumprir nossas obrigações dentro da empresa e não pra ser voluntários dentro da empresa, então fica muito complicado nós estarmos fazendo o acompanhamento nas escolas de cada criança (**Hum-hum...**), então, então nós não sabíamos como que essas crianças estavam indo na escola, o comportamento deles, se estavam melhorando se não estavam, como estavam indo as notas, o relacionamento deles dentro das escolas, com os outros colegas, se estão mudando um pouco a cabeça com relação ao que estamos conversando aqui, a postura que eles tem que ter dentro aqui, se eles estão levando pra fora, então nisso aí a, a psicologia ajudou muito a gente, porque não, porque, eu acho, que jamais nós íamos conseguir chegar numa diretora e ela passar todas as informações de um aluno pra um funcionário qualquer de uma empresa, por mais que a gente levasse qualquer documento da empresa ficaria muito complicado, isso aí ainda mais se tratando de setenta ou noventa crianças (**Hum-hum...**), e são escolas esparramadas pela região de Itu, então ficaria muito complicado a gente ir em cada escola, sendo que nós temos que cumprir nossas obrigações dentro da empresa, então nessa parte é muito importante o apoio de um psicólogo nessa área de trazer essas informações pro projeto, o que as professoras acham, o que as diretoras acham, como está sendo o comportamento das crianças lá fora, isso é muito bom, isso foi muito bom.

P: Então lá fora a psicologia ajuda a perceber as mudanças, e aqui dentro você vê mudanças nas crianças?

E: Olha, (risos) se a gente falar, tipo assim, se a gente falar de água pro vinho, de quando eu comecei, por exemplo, eu por exemplo que estou desde o começo aqui, as crianças mudaram da água pro vinho, não é aquele, não é aquele modelo que nós queremos ainda, tem uns que tem muito que aprender ainda (**Hum-hum...**), o que a gente fala é que tem crianças que estão somente a um ano um ano e meio aqui, então, a mentalidade deles vai começar a evoluir, o que acontece é que as crianças que estão com sete anos, quando elas estiverem com dez, com quatro anos aqui dentro, nossa!, ela vai está completamente, o comportamento dela vai estar completamente diferente, quando elas chegavam aqui, no começo, quando nós começamos o trabalho, nossa!, parecia que tinha passado um furacão dentro da empresa, eles sentavam pra tomar lanche no refeitório, é... tudo sujo, mesa, chão, papel jogado por tudo quanto é lado, tinha que sair correndo, até a portaria, até o final da fábrica você tinha que sair catando copinho, papel, tudo que eles jogavam no chão, hoje não, hoje você não acha mais um papel jogado no chão, copinho é tudo no lixo, eles mesmos se servem, antigamente tinha que servir eles na mão, hoje você chega no refeitório e diz: pega o lanche, pega o suco e senta cada um na sua mesa, eles vão lá pegam o suco, pegam o lanche, senta cada um na sua mesa, se servem, tem até criança de sete anos, todos se servindo, então, então, você vê uma, uma modificação que teve nessas crianças, antigamente alguns, você tinha que quase dar na boca deles, e assim mesmo ficar no pé deles pra eles não jogarem as coisas no chão, hoje eles mesmos limpam a mesa, eles não deixam mais o copo lá, eles levantam, vão no lixinho jogam, então o comportamento deles não é o desejado ainda, ainda tem muita coisa pra melhorar, eles vão ter que melhorar, nós vamos ter que, que ficar sempre ali pra eles não fugirem um pouco da, porque sempre um se espelha no outro, o que o outro faz ele quer fazer também, entendeu, porque deixou o outro fazer, eu quero fazer também, então você tem que chamar a atenção daquele que fez pra o outro não poder estar fazendo também, então você tem que estar sempre atento.... então você tem que estar sempre atento pra qualquer coisinha que as crianças estejam fazendo pra ver se não vai afetar o outro, se você deixa um fazer o outro você tem que deixar também fazer, por que acho, sei lá, pode até ser que eu esteja errado, mas acho que são direitos iguais para todos, se um pode fazer o outro também acha que vai poder fazer (**Hum-hum...**), então nós temos que ter uma regra que todos terão que cumprir, então eles mudaram muito, muito, do início pra hoje eles mudaram muito... a gente vê pelos elogios que nós recebemos, quando eu saí com as crianças pro, por SESI, uma excursão pro SESI, que foi maravilhosa, as crianças nunca tinham visto piscina, entraram na piscina, foram trocar sua roupinha lá no vestiário, depois voltaram, deixaram tudo arrumadinho, brincaram dentro da piscina, usaram a piscina, podiam fazer o que quisessem dentro da piscina, e saiam, pediam licença e pediam tio, posso ir no banheiro fazer xixi?, eles poderiam fazer muito bem na água, qualquer criança podia fazer isso na água, tipo assim se não tiver uma cabeça, não eles levantavam, saiam de dentro da piscina, iam no banheiro e voltavam brincar de novo, entendeu, e normal, não fizeram bagunça nenhuma no SESI, se comportaram maravilhosamente, a coordenadora do SESI elogiou o comportamento que as crianças tiveram lá dentro, tanto dentro da piscina como fora, na hora de comer o lanche, na hora de comer o lanchinho deles lá, a limpeza, foi muito bem elogiado a educação das crianças, e isso não é

o que a gente está querendo ainda, nós queremos, é o que a gente cobra sempre da gente, nós queremos sempre o melhor deles, que melhore um pouco mais.

P: **Legal.**

E: Pode ir embora?

P: **Pra mim está ótimo, só queria saber se tem alguma coisa que você tenha lembrado, tenha pensado ou queira falar.**

E: Não, sei lá. (risos) A gente vai fazendo e faz até demais, mas é gostoso, é um trabalho gostoso o que a gente faz com essas crianças, é gratificante (**Hum-hum...**), é um trabalho que, tipo assim, você esquece todos os seus problemas, tudo fica lá fora. (troca de fita)

P: **Você está dizendo que tem a impressão que o mundo pára lá fora, quando você está aqui com as crianças?**

E: É, quando você está aqui, você vê aquelas carinhas, aquelas carinhas das crianças que invés de ser tudo triste, são tão felizes, acho que é por estar aqui, não vê a hora que chegue o sábado pra vir aqui, você vê a necessidade que eles tem de carinho de afeto, de beijos de atenção, se você abraça um tem que abraçar o outro, por que beijou ela e não eu?, você vê a, acho que é a carência afetiva que eles sente um pouco dos pais, na casa, então acho que eles vem buscar aqui dentro com a gente, é muito gostoso, nessas horas parece que você desliga de tudo, eu mesmo me desligo (**Hum-hum...**), só lembro de voltar pra casa a hora que eles estão indo embora, (risos) não me preocupo com mais nada. Eu me desligo mesmo de lá de fora, esqueço todos os problemas particulares, de empresa, financeiro, é só aqueles rostinho ali, aquela criançada correndo (**Hum-hum...**), essa parte é muito gostoso.

P: **Legal, muito obrigada.**

E: Está bom

Entrevista VII

Nome: Luis

Idade: 37 anos

Função: Voluntário - Idealizador do projeto

Entrada no Projeto: setembro de 2002

P: Para começar, este é o termo de consentimento, peço que você leia e se concordar assine.

E: E se eu quiser sair correndo?

P: Se quiser correr, agora é a hora.

E: ... OK! ... Aqui é a data?

P: Isso aí é a data ... essa cópia é sua... vamos lá.

E: Vamos lá.

P: Como já te falei, estou fazendo uma pesquisa sobre a atuação do psicólogo em projetos de responsabilidades social em empresa. Então eu gostaria que você me dissesse, a partir da sua experiência, o que você pensa disso.

E: Do projeto social voltado a esse, isso que a gente trabalha hoje?

P: Isso.

E: Isso que a gente faz hoje?

P: Isso, projeto social dentro de empresa.

E: Pra mim, pra mim, particularmente, está sendo muito gratificante, eu sempre tive a vontade... e sempre me preocupava em participar em algum momento em alguma ação nesse sentido, até quando surgiu a responsabilidade social eu ainda fiquei um pouco assustado porque, me preocupa mexer um pouco com pessoas, eu já trabalho com pessoas no dia-dia (**Hum-hum...**), mas mexer com pessoas de fora é diferente, principalmente, quando é criança, mas... voltando pro lado da empresa, o jeito que a empresa está atuando nesse projeto de responsabilidade social está facilitando bastante (**Hum-hum...**), quando na realidade ele não teria tanto apoio assim, quando eu comecei, o apoio não seria tão grande por parte da empresa, para com as pessoas que trabalham na responsabilidade social (**Hum-hum...**), então eu, eu, hoje, eu sinceramente me sinto bastante... como poderia dizer, bastante gratificado com essa, com esse trabalho, eu gosto demais de trabalhar e o apoio que a empresa dá e, e o resto do grupo, essa participação que o pessoal está tendo com a gente está facilitando muito, pra mim, pra mim, particularmente... já até falei isso em outras, em outras reuniões, isso eu me gabo muito, isso eu falo pra todo mundo, isso eu falo pra todo mundo mesmo, onde eu estou eu falo da responsabilidade social, isso eu levo como, como vou te dizer, como um troféu meu, é meu troféu de entrada onde eu estou é eu falar de alma aberta desse trabalho que eu faço (**Hum-hum...**), e coloco também sempre que não é só a gente, não é só a vontade da gente que faz a coisa acontecer, que a iniciativa da empresa, também, em fazer acontecer o projeto e andar e funcionar (**Hum-hum...**), até facilita pra gente que participa, ter até novas condutas com outras pessoas não só da responsabilidade social, ou seja, você vê dificuldade não só em bairros carentes como a gente trabalha, você vê dificuldades, também, com outros bairros ou com outras famílias que você conhece, ou participa algumas vezes de outras ações, então hoje eu vejo que a empresa é essencial pra esse tipo de projeto, eu acredito que se a empresa sair fora desse projeto hoje, eu acredito que a gente vai perder muito, vai ficar sem muitas forças que a gente já tem hoje,

tanto em parte financeira, parte de elaboração de documentos que a gente faz dentro da empresa, então esse tipo de trabalho a gente vai perder muito se um dia a empresa vier a falar não, acabou, não vamos mais fazer responsabilidade social, vai ficar complicado, eu vejo dessa forma, vai ficar muito complicado, e é tudo, você vê a empresa aí nos ajudando nesse aspecto quando você fala em responsabilidade social, eles levam muito a sério, então levam bastante a sério esse tipo de coisa, e eu acho que a gente só tem a ganhar, eu até agora só ganhei, com a responsabilidade social, só ganhei, temos nossas divergências no dia-dia (**Hum-hum...**), acontece, acho que acontece em qualquer lugar, aqui não seria diferente, se fosse só mil maravilhas não teria graça, tem que ter alguns obstáculos pra gente quebrar, algumas barreiras difíceis, outras fáceis, tem finais de semana que são alegres, tem finais de semana que são cansativos, tem outros que são tristes por algumas coisas que acontecem, mas acho que faz parte dessa, desse desenvolvimento de quem está trabalhando com essa atividade social (**Hum-hum...**), mas pra mim, falando da empresa pra responsabilidade social, ela é muito importante, enquanto a empresa estiver voltada pra esse trabalho... nós não vamos perder nunca esse foco, a tendência é só crescer, crescer e crescer.

P: E você vê esse interesse por parte da empresa, em crescer, ampliar o projeto?

E: Vejo. Só depende da gente mostrar pra empresa que tem condições de fazer o projeto crescer mais ainda, então hoje se a gente for olhar, a gente tem muita gente envolvida, começa por você, começa pelas psicólogas, depois vem, temos o Paulo, como representante da diretoria, temos pessoas do “chão de fábrica”, que à vezes tem até as mesmas necessidades que essas pessoas com quem a gente trabalha tem, nós temos apoio da presidência da, da empresa, nós temos apoio do exterior que vê com olhos... de felicidade esse tipo de trabalho, porque aonde foi apresentado esse trabalho lá fora, até hoje, vamos dizer assim, pelo que eu sei, tudo funcionou direito (**Hum-hum...**), porque aonde você não tem dinheiro para as pessoas que trabalham já começa a desmotivar um pouco e até agora aqui nós não tivemos esse problema, você paga pra mim que eu venho, não, não temos esse tipo de problema, a empresa é, acho que ela tende a melhorar ainda mais, mas depende muito da gente (**Hum-hum...**), desse grupo que está hoje aqui trabalhando, e olha que tem grupo que não trabalha às vezes (risos).

P: Você fala do projeto com muita intimidade e eu sei que você está no projeto desde o início, eu queria que você me falasse de começo, de como surgiu a idéia, o projeto.

E: Essa idéia surgiu através mesmo, eu gosto muito de futebol, eu sempre fui voltado a essa área, gosto de jogar bola, gosto de estar nesse meio, me distraio bastante, porque esse tipo de coisa me distrai, e eu sempre tentei, como no começo eu te disse, eu sempre quis ajudar de alguma maneira esse tipo de pessoas... e numa cidade, se você pegar uma cidade como Itu, é complicado fazer isso porque se você abrir uma escolinha de futebol, você vai ter quinhentas a mil crianças na porta de um campo de futebol para fazer um teste de futebol com você, e por outro lado, eu sempre tive vontade de ajudar mesmo, chegar e falar eu vou ajudar essa criança, essa criança é carente, essa criança não tem uma bola, não tem um tênis, essa criança não tem um lazer no final de semana, e eu não tinha como fazer essas coisas, e essa iniciativa começou com, com, comigo e começou com o Joaquim, que começou junto comigo na época, nós começamos juntos, e com o Paulo... e em seguida a gente convidou o Roberto pra iniciar, mas nós já começamos a idéia nossa era muito, claro que o Paulo já deveria ter alguma

expectativa maior do, do projeto na época, mas eu em si a minha idéia era ter trinta, cinqüenta crianças, né! voltadas especificamente ao futebol, né! voltada ao futebol, era isso, e é isso que eu faço até agora, se, é lógico, estou preparado pra fazer outras atividades que precisar hoje no grupo, mas era essa minha intenção, e é ainda, que as crianças se divirtam um pouco jogando bola, porque é o que as crianças tem hoje, vendo no bairro da, da Vila da Paz eles na têm, tem um campinho lá embaixo que já trocou até de lugar, é terra, então você as crianças subindo aqui hoje, jogando bola com uma chuteira no pé, um short, então você tem uma outra visão, fala pô quando eu comecei era todo mundo descalço, short rasgado, outro sem camisa, outro machucado, quando a gente viu aquele monte de criança chegando, eu pelo menos, eu não acreditei naquela época que a gente ia conseguir, uma bola apenas, um... a gente lá com uma camisa com o símbolo da Empresa, falando que íamos jogar bola e começamos a, a começar o início do projeto, foi através do futebol, onde me incentivou muito a, a participação das crianças (**Hum-hum...**), e... mostrou que a gente tinha capacidade de fazer aquilo e a gente ia ter sucesso, e o sucesso foi aparecendo, depois, ai vem, ai começa aparecer todo esse campo que a gente tem hoje é o futebol, é o balé, é a capoeira, é o xadrez, é passeio com essas crianças e... e assim por diante, uma coisa me preocupa, uma coisa me preocupa muito e, eu falo muito com essas crianças às vezes... a gente sabe que são crianças carentes, mas nós temos também funcionários que, é o que eu te falei, já te falei agora pouco, eu não sei se os filhos de funcionários, às vezes tem os mesmos benefícios que as crianças estão tendo (**Hum-hum...**), um passeio simples até o shopping, na cidade, parece não ser nada, mas pra essas crianças da Vila da Paz é muito, e aí eu acredito que pra alguns filhos de funcionários também é muito, né! uma festa junina, como essa que a gente vai fazer agora pra, pro pessoal da Vila da Paz, pra eles é muito grande, para os filhos de funcionários também seria muito grande, porque a gente tem exemplo disso nos finais de ano na empresa, quando a empresa faz a festa para funcionários e a empresa convida famílias, e nós tivemos um ano que não tivemos festa com os filhos, com os familiares na, na empresa e ficou muito ruim, porque filhos e até mulheres reivindicaram com os próprios maridos mas por quê? as crianças esperando novamente Papai Noel, esperando presente, então eu me coloco no lugar das crianças, tanto da Vila da Paz quanto da empresa, que às vezes a gente acaba focando muito a Vila da Paz e as dificuldades que eles tem, tanto financeira, e assim por diante que a gente conhece, será que os filhos de funcionários também não têm? Então quando esse projeto começou, que eu iniciei esse projeto, não foi só pra Vila da Paz, a Vila da Paz tinha sim um convite especial pra eles (**Hum-hum...**), era um bairro pequeno, não dava pra gente abrir, então veio, mas só que dentro da fábrica foi divulgado também para filhos de funcionários, tanto é que na época veio muito filho de funcionários, muito que eu digo, vamos falar uns oito filhos de funcionários veio no início (**Hum-hum...**), e logo foram se dispersando e sei lá por um motivo ou outro, mas só que o pessoalzinho da Vila ficou (**Hum-hum...**), esse pessoalzinho ficou...e aí foi, foi nessa iniciativa, ficamos rodeando aí por uns dois ou três meses pra iniciar isso, com um pouco de medo, com um pouco de incerteza, falando será que eu vou poder vir de sábado aqui? e se eu não puder marcar, eu marco sábado e não venho (**Hum-hum...**), você passar aquela impressão de decepção para as pessoas, olha eu venho, mas você não aparece ai você já, já, você já perde a credibilidade com as crianças, perde com todo mundo (**Hum-hum...**), então eu ficava com medo, eu sempre tive vontade, eu sempre quis, e agora, ou eu faço agora ou não faço nunca mais na

minha vida, não vou conseguir fazer e... conseguimos, iniciamos, o... o Joaquim que começou junto com a gente não, não sei qual é o pensamento dele, ele acabou saindo, acho que ele entrou com uma idéia de formar times de futebol, eu tinha essa idéia, mas ao mesmo tempo eu queria ter crianças educadas, trabalhando também, não queria só jogador de futebol (**Hum-hum...**), queria ter também crianças que tivessem um pouco de cabeça pra agir no dia-dia, mas o início foi assim, foi, no início foi bastante preocupante, eu fiquei muito assustado que, com medo de iniciar e não dar certo (**Hum-hum...**), e aí até então, a empresa tinha, mas a empresa tava bem ali, vamos dizer, eu era a torre e a empresa era o piso, então depois que a coisa começou a rodar mesmo a empresa passou a ser a torre e nós sermos o piso, e aí conseguimos, até hoje, chegar onde estamos.

P: Você fala que no início a vontade era trabalhar só com futebol, tinha uma preocupação com a educação, mas não tão forte, pelo que você está dizendo (Hum-hum...), e como está agora para você, porque hoje isso acabou mudando muito, hoje o futebol é forte, mas a educação é muito forte.

E: Eu, acabou chegando pra mim num ponto que eu acho que era o que eu queria fazer mesmo, mas acho que ainda falta mais, em mim, acho que ainda falta mais, eu quero dar mais de mim ainda pro projeto, porque eu não estou conseguindo, eu estou chegando num ponto, e qual o ponto que eu estou, é o que eu sempre falo nas nossas reuniões, eu estou voltado até o futebol, se amanhã ou depois a gente cancelar, tirar o futebol fora, eu tenho medo que a gente possa perder muitas crianças (**Hum-hum...**), por causa do futebol, mas, da forma como a gente está conseguindo passar essa, as palavras e a educação para as crianças ajudou bastante, então ajudou bastante desde as atividades que a gente tem fora do futebol e até dentro do futebol, no começo, eu particularmente, sofri bastante, porque você fica com medo de perder a criança, de você dar uma bronca e a criança, você não sabe como agir com a criança, se eu posso gritar, se eu tenho, se eu posso dar castigos, se eu der castigos pra dois, de repente dez não vêm depois, meu projeto pode ir por água a baixo, ou perder meu projeto, eu não tinha, nós não tínhamos, eu não tinha estrutura nenhuma pra isso, pra falar será que eu posso fazer isso? eu não tinha uma pessoa pra falar e agora, eu posso fazer isso? eu posso falar aquilo? não nunca tivemos isso, depois que a gente começou o projeto, depois que a coisa começou a fluir, que a gente só tinha, só era voltado com a parte masculina, que não tinha a parte feminina, quando o projeto começou a engatinhar que a gente percebeu que a coisa era mais extensa do que o futebol, que o futebol era uma, era uma ferramenta do projeto, umas das ferramentas que a gente tem pra trabalhar no projeto, e com isso você ganharia mais... ações, mais... como poderia dizer?, mais... mais condições, mais condições para as crianças, mais, mais objetivos, mais cursos, coisas nesse sentido, não era só o futebol (**Hum-hum...**), a gente via que o futebol era essa linha, mas depois do futebol, nós tínhamos mais coisas pra fazer, pra ganhar no futebol e ganhar nas outras atividades e ganhar mais atividades, ter mais atividades sem ser o futebol, hoje mostra que nossas crianças são interessadas no futebol, como também são interessadas em fazer outras atividades, a capoeira, o xadrez, mas o futebol está sempre na cabeça deles (**Hum-hum...**), hoje tem futebol? hoje nós vamos jogar futebol?, então é a palavra chave, e o top de linha quando saiu foi o futebol, foi ele que deu o start up pra coisa andar, e eu acho que é isso aí, acho que está funcionando, ainda com alguns defeitos, porque a gente tem ainda muitos defeitos, acredito que às vezes mais defeitos nossos, do que do próprio, das próprias crianças que a gente trabalha.

P: O que você chama de defeitos? Quando você fala em defeitos nossos, do que você está falando?

E: Defeitos nossos às vezes é... defeitos nossos que eu falo é o seguinte, eu tenho, eu tenho uma preocupação com o projeto, eu tenho uma preocupação minha de como que eu devo trabalhar e de como que eu devo fazer, eu tento aprender a medida do possível através de informações, através de vocês que já são, que estão preparadas pra dizer como a gente pode agir com uma criança, se eu posso, como eu disse no início, se eu posso xingar, se eu poderia, não vem mais, se eu poderia não fazer disso **(Hum-hum...)**, hoje eu já tenho mais segurança do que eu posso fazer pro projeto, se eu ver uma criança fazendo alguma coisa errada chegar e oh! Pára!, hoje eu já tenho essa liberdade de fazer esse tipo de coisa, antigamente eu não tinha, eu vejo que hoje no grupo nosso, a gente tem muita coisa gente que está seguro, está ciente do que está fazendo, tem a cabeça voltada pra, pra que isso é um projeto, eu não tô aqui pra ganhar mais nada que não seja o projeto, eu vim aqui só pra isso, eu não vim aqui pra ganhar nenhum recurso pra mim na empresa, nem lá fora, é claro que lá fora você acaba se refletindo com o projeto, você trabalhando numa ação social você vai ter um resultado lá fora, ou até às vezes dentro da empresa, as pessoas tem uma outra visão, mesmo que você fale não quero isso, você tem isso, é um marketing, você vai ter esse marketing pessoal seu, você ganhou isso aí **(Hum-hum...)**, o fato de você está ali, você está ganhando, você não é que ficar... mostrando ele pra todo mundo, que você tem essa estrela na cabeça, porque você é da ação social... e quando eu falo do grupo, é que o grupo deveria ter, eu acho que ainda falta muito, ainda tem, não sei se a palavra muito é a palavra ideal, mas tem muitas pessoas ainda a serem lapidadas pra, pra o próprio projeto **(Hum-hum...)**, tem muitas divergências ainda, eu acho que eu quero jogar bola num sábado, aí o outro acha que não que não deve jogar bola, eu acho que nós devemos comprar camisa azul pras crianças, só que cinco um quer comprar amarela, outro quer comprar verde, outro quer comprar cor de rosa e outro quer comprar preta **(Hum-hum...)**, então existem muitas divergências ainda, pode ser que seja até natural, mas só dificulta muito esse tipo de coisas, às vezes uma coisa que pode ser concluída em vinte minutos termina sendo concluída em uma hora ou duas horas de reunião, pra depois chegar no final da reunião e alguém falar assim é vamos colocar verde mesmo, e depois de tanta, de tanto blá blá blá de tanta coisa as pessoas acabam se concordando, então pra que criar esse atrito desnecessário?, por que não se programar e usar a responsabilidade social pra o projeto e não pra coisas individuais, e aí entra..., quem vai ler isso é só você, né? **(só eu)** não vai voltar aqui na fábrica, né? **(não vai voltar)** aí entra as particularidades das pessoas, isso é complicado, eu gosto de você, você não gosta de mim, você gosta da Maria, ela não gosta do Juca, o Juca não gosta do Pedro, ele não gosta do Antonio **(Hum-hum...)**, o Antonio não gosta do Zé, então ah! então espera aí, eu gosto um pouquinho do Zé, então trás o Zé pra cá, leva o Jorge pra lá, então vamos dividindo aqui, dividi, então as pessoas que são chatas, são chatas por natureza, a gente sabe disso, não precisamos explicar e não precisamos mostrar pra ninguém **(Hum-hum...)**, pessoas que gostam de ficar perto uma da outra você percebe, quando se vai fazer alguma coisa ela já fica perto daquela lá, quando vai fazer uma reunião ela senta do lado, isso é, é evidente e no nosso projeto não é diferente **(Hum-hum...)**, então a gente sabe que tem intriga de um com o outro, tem de uma com a outra, e isso só atrapalha o projeto, no meu ver, isso só atrapalha, quando eu vejo isso, sinceramente, eu fico bastante decepcionado, eu

tenho vontade de me retirar do local, principalmente, nas nossas reuniões, e eu sei que tem **(Hum-hum...)**, porque eu já ouvi de ambas as partes, dos dois lados eu já ouvi, eu acho que... podem até ter alguma coisa contra o jeito que eu faço, podem até ter, até agora não foi recriminado por ninguém, espero que se eu tiver que alguém chegue e fale, porque eu acho que é muito mais fácil chegar e falar olha, acho que o que você está fazendo está errado **(Hum-hum...)**, e vamos mudar, dá pra mudar?, vamos discutir se dá pra mudar se está errado, ou se não está, não você ficar nas paredes ou nos corredores, ou cochichando, porque só atrapalha, o projeto só tem a perder com isso **(Hum-hum...)**, só tem a perder, ou as pessoas tem... uma cabeça, lógico que uma igual a do outro não vai ter, a gente não vai ter **(Hum-hum...)**, mas a gente tem que ter o mesmo objetivo, se você coloca isso numa reunião aqui, todos vão levantar a voz, levantar a asa e não, todo mundo pensa igual, mas você sabe que no dia-dia não pensa igual, não pensa porque... eu, particularmente vejo **(Hum-hum...)**, e espero, você já deve ter visto também, que você está participando a bom tempo, você sabe com quem você pode contar, tem horas, e com quem você não pode contar **(Hum-hum...)** ... alguns tem seus compromissos realmente, agora quem tem compromissos e não pode comparecer em determinados assuntos voltados a responsabilidade social, eu acho melhor pegar a mala, guardar a sua roupa e ir embora, depois que você tiver um tempo disponível, olha, agora acho que eu posso ajudar, eu tô voltado a fazer esse trabalho, aí você volta , mas não ficar... cochichinho, ai, ai, ai, ai, isso eu fico bastante decepcionado, e eu falo isso com algumas pessoas, que eu tenho mais, vamos dizer mais... liberdade, eu falo com o próprio Paulo **(Hum-hum...)**, e eu falo, não fico rodeando as palavras, eu não tenho mania de ficar lapidando as coisas pra falar, eu já chego e já falo o que, o que eu vi, o que eu vejo, por isso eu acho, eu tenho medo de atrapalhar, e isso não pode quebrar **(Hum-hum...)**, se quebrar essa corrente agora você perde muito, você perde muito com essa corrente quebrada, e só depende dessas pessoas, tem hora que dá vontade de pegar essas pessoas trancar numa salinha e falar, e não, mas não eu, acho que eu não sou a pessoa ideal pra falar **(Hum-hum...)**, porque com certeza eu também devo ter meus defeitos, mas... até que um chegue e fale seu defeito é esse, acho que você está errado, e vamos ver se eu estou errado, se eu tiver errado, não tem porque não mudar, tentar mudar pelo menos, não custa tentar mudar... então eu acho que... do pessoal, hoje, eu acho que falta ainda, pessoas que estão entrando novas, né! simplesmente estar pegando e jogando atribuições em cima delas pra elas se realizarem, né! não é por aí, eu acho que está, tem pessoas, nós tivemos o treinamento o ano passado, como você e com o Abel, foi muito bom, a gente precisa de mais, né! de mais, você vê que naquela roda um monte, uns choram, outros dão risada **(Hum-hum...)**, outros ficam tristes, outros querem ir embora, outros tão cansados, mas eu acho que precisa novamente fazer essa reciclagem, precisa ter mais esse, esse, a maneira de você fazer as pessoas trabalharem mais em equipe **(Hum-hum...)**, lógico isso aqui é uma equipe, tem a um e a dois só pra destinar que uma tem que vir em um sábado e a outra tem que vim em outro, mas é só por isso, porque a um e a dois tem que ser igual, as duas tem que ser branca ou as duas tem que ser pretas **(Hum-hum...)**, não pode ser uma mais do que a outra, o que eu já reclamei foi na reunião que você não participou **(Hum-hum...)**, isso eu soltei o verbo aqui dentro mesmo, e aí, acho que foi aí que muita gente... não entende e deu uma geladinha, mas eu falei assim olha..., ainda briguei muito por você não estar aqui, você tinha que estar aqui naquela reunião **(Hum-hum...)**, você não tinha que estar fora, então falei, e falei que quando tiver oportunidade a

gente vai falar disso de novo e vou falar de novo com as pessoas... vamos dizer, homem suficiente e mulher suficiente para assumir a, a suas atitudes, quantos são... então, eu acho que ainda falta mais, falta mais do grupo, pra gente conseguir um objetivo, ainda somos bastante desorganizados (**Hum-hum...**), chegamos na última hora, amanhã é sábado, não amanhã é sexta, mas eu sei que no sábado vai ser uma correria muito grande, preparar a festinha do lado de lá, né!, eu já tiro uma idéia pelo meu grupo que não participou na reunião de terça feira, fui eu o único presente, mas... espero que amanhã, no sábado esteja todo mundo presente, pela manhã, porque a hora que a gente marcou, mas esses tipos de coisas começa, entendeu?, e eu sou sincero, quando eu vejo a Maria não está interessada, então chega na Maria e fala pra ela (**Hum-hum...**), você não quer mais?, não, não quer?, então por favor..., você indica alguém?, está com problemas?, tem outras coisas pra fazer?, vai embora, então, não fica aqui, você só vai arrumar descontentamento pra gente e pra você mesma, se você até agora foi amiga, de repente você pode ser inimiga, porque as coisas vão ficar bravas com você, exemplo da nossa professora de balé, começou com uma estrutura, né!, todo mundo se empolgou, ôpa, agora a mulher vai fazer e acontecer, de repente a mulher teve um problema de saúde, agora já disse que não vai vir mais, vai dar mais um tempo aí depois vai parar...que nem o José do futebol, que entrou voltado, depois a gente percebeu que entrou voltado em pegar revelações aqui de dentro, pra ver se formava aí um jogado na vida, viu que não tinha nada disso, que a idéia não era essa (**Hum-hum...**), nosso objetivo era outro ele foi saindo, foi saindo, foi saindo e saiu, entendeu?, e assim por diante, eu acho que as pessoas que estiverem no projeto e não tiverem também essa cabeça, que vá, lentamente, vá se distanciando, ou é mais fácil chegar no grupo e falar olha, eu estou saindo porque eu tenho problemas, ou eu estou com outras atividades a fazer e não vou conseguir e não quero atrapalhar vocês, que fiquem aí as pessoas interessadas em ficar (**Hum-hum...**), eu já pensei em desistir uma vez, nesses dois anos, praticamente, que a gente está com a responsabilidade social, por causa desses tititi, pipipipi daqui e dali eu não gosto disso, eu já tive vontade de chegar em uma reunião e falar olha, deu pra mim daqui, eu paro minhas atividades aqui e vocês podem continuar, mas eu não vou ficar mais, mas eu repensei (**Hum-hum...**), e não eram algumas pessoas que iam me fazer mudar a idéia que eu tinha tido há um ano e meio atrás, há um ano atrás (**Hum-hum...**), então eu peguei e continuei, e vou continuar e... a minha intenção é o seguinte, agora se eu pego alguém assim, a minha intenção é tirar essas pessoas fora (**Hum-hum...**), te juro por Deus, a minha intenção é tirar essas pessoas fora (**Hum-hum...**), acho que elas não têm que ficar no meio da gente, acho que elas só vão atrapalhar, laranja podre numa caixa de laranja boa, você pode ter certeza que vai estragar as outras rapidamente (**Hum-hum...**), seria isso inicialmente.

P: Você acha que essas questões de relacionamento sofrem influência, sendo melhorada ou piorada pelo fato de estarmos num projeto ligado a uma empresa, pelo fato dos voluntários trabalharem juntos no dia-dia?

E: A gente tem sim dificuldades com, com os nossos voluntários de repente por, por causa do trabalho, por isso quando eu falo que não participou da reunião, eu não sei porque não participou, porque algumas pessoas têm muito, muitos processos que a gente trabalha aqui dentro são muito complicados... eu mesmo, às vezes eu participo, às vezes eu não participo dessas reuniões... tem pessoas voltadas diretamente, que nem o Marcos voltado na manutenção, ele está com uma máquina nossa aí que vai parar e vai ficar dez dias com a máquina parada e

ele tem que correr atrás desse projeto, então não pode parar, nós temos o Paulo que viaja... nós temos alguns outros encarregados que não, não gostam muito dessas atitudes de sair no meio do trabalho pra esse tipo de coisa, isso todo mundo já falou, todo mundo já comentou, todo mundo já chorou essas mágoas **(Hum-hum...)**... nós temos funcionários que não conseguem, quer participar da reunião de responsabilidade social mas está em horário de trabalho, não consegue participar, então são esses tipo de coisas que, não é que a empresa coloca que eles não podem, é que é o dia-dia deles **(Hum-hum...)**, a responsabilidade social sempre foi dito que é uma coisa a parte. (troca de fita) se a gente colocar na nossa cabeça, nós temos que fazer a reunião das cinco às seis, não das quatro às cinco **(Hum-hum...)**, porque você vai evitar muito isso daí, você vai quebrar essa, essa, essa briga ou descontentamento que as pessoas tem aqui dentro, por que o Renato não veio? Porque o Gerson não quis., tá então, por que a Lilian não veio? Porque o Gerson não liberou, por que o Valter e a Carla não vieram? Porque o Clóvis está com problemas com eles e falou que no horário de trabalho não vai sair, por que a Paula não veio? Porque a Paula é estagiaria e sair no horário de trabalho não é legal **(Hum-hum...)**, você entendeu?, são coisas desse sentido que vai, que vão atrapalhando... em termos, mas aí eu vejo que os voluntários, né!, que se apóiam na facilidade da empresa, não vamos fazer as quatro, porque daí as cinco dá o horário e daí eu vou embora, e eu acho que não é por aí **(Hum-hum...)**, acho que você tá, acho que aí está fora do projeto, tá fora do projeto, ah! temos que fazer uma reunião que vai demorar mais, então tá bom, um dia excepcional, com antecedência, chefe, uma reunião lá, nós vamos ficar até umas sete ou oito da noite, então posso sair umas quatro hoje, pra ir lá na responsabilidade?, acho que aí é diferente, mas toda terça feira sair às quatro horas, você não vai achar nenhum chefe aqui dentro que fique contente, as pessoas que trabalham comigo, voltadas diretamente, e que participam no projeto... estão todas em horários que não, não prejudicam em nada, com certeza se prejudicasse eu também estaria cortando **(Hum-hum...)**, se marcasse das três às quatro e viessem dois deles da produção pra cá, eu chiaria e não eles **(Hum-hum...)**, eu chiaria com um certa razão, primeiro seu trabalho e a empresa, depois o projeto social do jeito que a gente tá levando, mas não no horário, no horário você só vai arrumar descontentamento **(Hum-hum...)**.

P: Isso que você diz, então, complementa o que você tinha colocado no início, que a empresa e o projeto são parceiros (São parceiros.) e eles apenas se ajudam, ou há dependência de um em relação ao outro?

E: Pra mim, um, um depende, um depende em termos, um depende em termos do outro, a empresa facilitando pra gente fazer o projeto e nós ao mesmo tempo ajudando a empresa a, a... a empresa não, o próprio grupo, a, a ver essa, a responsabilidade social como um, como um outro projeto dentro da, da fábrica **(Hum-hum...)**, então é essencial que a empresa esteja do nosso lado, acho que se ela sair a gente pode até conseguir andar ainda, a gente vai andar, mas vai ter mais dificuldade, vai ter que correr atrás de outros, de outros, como podemos chamar, de outros patrocinadores, vamos dizer assim, a gente não se preocupa em puxar dinheiro da empresa **(Hum-hum...)**, mas tem bastante facilidade, tem, nós temos micro, nós temos máquina fotográfica, temos tudo isso que facilita bastante pra gente, que é da, da empresa, não é da responsabilidade social, e a empresa, hoje a empresa ajuda muito nesse tipo de coisas e até verbalmente, com dinheiro, lógico que isso é essencial, se a gente fosse ter que sai pegando migalha daqui, migalha dali, a dor de cabeça seria maior **(Hum-hum...)**, nós não teríamos

tempo nem pra fazer reunião mais, e nem sei se o projeto estaria nessa altura que está hoje, então acho que a, a empresa, se ela não se voltar também em ajudar, porque aí, a nossa parte, nós, nós somos a ferramenta da empresa pra trabalhar a responsabilidade social... não é a empresa que é nossa ferramenta, nós é que somos ferramenta da empresa para que a responsabilidade social funcione, sem que você tenha nenhum tipo financeiro, da empresa, se você pensar em por parte financeira da empresa pra o pessoal da responsabilidade social, você vai arrumar aí uns duzentos funcionários, umas duzentas pessoas para trabalhar no projeto, isso, isso não precisa pagar muito, se você pagar uns duzentos reais por sábado, você vai arrumar pelo menos umas duzentas pessoas **(Hum-hum...)**.

P: Se tirar essa característica de voluntariado. Se os funcionários fossem pagos para participar do projeto, você acha que aumentaria o número de voluntários?

E: Não. Não, eu não sei, eu tenho, eu tenho, isso é, isso é, eu falo isso da boca pra fora, porque isso acontece no dia-dia do ser humano, tudo que você ganha um pouco você corre atrás, se você ganha cinqüenta e se alguém te falar que vai te pagar cinqüenta e cinco você vai correr atrás do cinqüenta e cinco, então, então é da boca pra fora falar que as pessoas podem vir pra ganhar dinheiro, só que se fosse pra ganhar dinheiro, sinceramente, eu não viria, eu não queria vir mais, eu, sinceramente, mas vai falar pô, você não gosta de dinheiro?, eu gosto, mas não foi esse o meu objetivo quando eu entrei, aí eu não estaria ajudando, eu estaria sendo pago pra ajudar o próximo, não quero ser pago, eu quero fazer alguma coisa pra ajudar sem ser pago, o que eu ganho de estar aqui pra mim já é o suficiente, esse é meu pagamento, isso eu sempre falo pra eles, pra todo mundo do grupo, ah! mas tô desanimado, a sua animação você tem que arrumar a hora que você chega aqui, com as crianças, essa é a sua carga de bateria que você tem que ter, as crianças tem que te motivar, mesmo discutindo ou rindo com elas **(Hum-hum...)**, elas é que são a sua carga de bateria, acho que se pagasse pra muitos, até pode ser que as pessoas aceitassem, mas... eu particularmente... não sou louco não, eu gosto de dinheiro também, mas não é a minha, não é essa a minha idéia **(Hum-hum...)**, eu queria ajudar, ajudar assim do jeito que eu tô fazendo, se começar a pagar, eu acho que vai ficar um pouco, um pouco, como posso falar... a gente falou sobre isso... vai ficar... não sei...

P: Perde o sentido?

E: É, pra mim, acho que perde o sentido, se tiver que pagar pra eu fazer uma coisa, acho que não vou estar fazendo a coisa com prazer, esse tipo de coisa você tem que fazer com prazer **(Hum-hum...)**, fazer com vontade, chegar ali com, com garra, com unhas e dentes, na chuva ou no sol, tem que fazer com unhas e dentes, não porque você está ganhando alguma coisa, aí seria... enganar, aí acho que estaríamos enganando as crianças, eu acho, pode ser que outras pessoas não achem **(Hum-hum...)**, eu acho que estaria enganando, não é minha idéia, ganha dinheiro não é minha idéia, já ganho bastante, já ganho só de ver as crianças sorrindo aí, e o meu próprio marketing, que eu achava que não poderia ter, a gente tem esse marketing pessoal, independente do que acham do que não acham a gente tem esse marketing já.

P: Legal. Por mim está ótimo, muito obrigada.

E: Nada, estamos a disposição pra falar de responsabilidade social, e aonde eu vou eu falo mesmo, viu Bruna, onde eu tô eu tenho mania de, eu tô, eu fiz um trabalho de filosofia agora na faculdade e, e apresentei uma grande parte da, da, praticamente isso que eu tô falando agora **(Hum-hum...)**, a Carla até que me

ajudou a fazer lá, e eu falo demais, onde eu tô, eu falo na minha família, onde eu tô com meus familiares, amigos, né!, e em casa de gente pobre, em casa de gente rica, eu falo a mesma coisa, falo olha, eu trabalho nem projeto, e as pessoas me vêem com a camisa do projeto e o que é isso?, e aí eu explico como funciona, como são as crianças, como, como elas eram, como elas são hoje, né!, a minha própria família da minha casa, também, a minha esposa e as minhas filhas elas já viram esse tipo de coisa e gostaram muito, então pra mim é super gratificante **(Hum-hum...)**, eu, eu ganho com isso, eu ganho muito, como eu ganho, canso, canso, mas ganho, ganho bastante, então eu falo mesmo de boca cheia e falo de coração aberto, quando eu tô na responsabilidade social e vou, é sagrado, isso já tem até marcado na minha casa quando eu venho pra responsabilidade social, esse sábado não marque nada ,porque é o sábado que eu vou pra lá e não tem conversa, fico até as cinco, até as seis, até a hora que precisar... então eu falo mesmo, porque eu acho que deu certo aquilo que eu queria, queria entrar, queria fazer alguma coisa acontecer, e a gente vê onde está hoje **(Hum-hum...)**, então a gente vê o tamanho da, da brincadeira, de um simples bate-bola, aonde já tá e aonde pode chegar **(Hum-hum...)**, temos aí a escola pela frente, temos dois campos de futebol, temos meninas hoje participando do balé, temos crianças jogando xadrez, temos crianças fazendo inglês, daqui a pouco computação e daqui a pouco tem criança trabalhando dentro da Empresa, e a hora que você menos esperar o cara tá dentro da Empresa trabalhando **(Hum-hum...)**, e você não vai nem acreditar que aquela criança, foi uma criança do projeto, isso sim seria um, acho que um, uma glória, você vê uma criança trabalhando aqui dentro ou em outra empresa, arrumar um SENAI aí, então nesse aspecto aí o projeto cresceu demais, ele abriu assim uma, um campo para as pessoas que entraram, que... é muito importante, a escola pra essas crianças, o trabalho da Psicologia **(Hum-hum...)**, pra mim foi uma das, falei a respeito na reunião, acho que vocês não participaram, quando ela trouxe a notícia, trabalho da Psicologia foi, acho que um dos mais importantes, seria um (interrupção, pessoa entra na sala para pegar uma cadeira), onde eu estava, então a dimensão que pegou isso hoje **(Hum-hum...)**, e o trabalho que a Psicologia fez, era uma coisa que a gente achava que seria fácil de fazer, pegar e ir nas escolas, conversar com os diretores, e ver como está cada criança, a gente não teria hoje dado o primeiro passo nisso tenho certeza, a gente não consegue às vezes resolver nem os problemas nossos aqui dentro com as crianças, você imagina se tivesse que ir pra escola **(Hum-hum...)**, a gente achava que iam ser uma ou duas escolas, de repente a Psicologia aparece e fala que tem nove escolas envolvidas no projeto e querendo saber o que era pra fazer, aí você vê um monte de crianças estudando, umas com problemas, e como a gente poderia agir com essas crianças **(Hum-hum...)**, você vê como elas já mudaram o comportamento hoje já, o comportamento das crianças já tá bem diferente... criança arteira tem em todos os lugares, todo lugar que você vai tem criança levada, desde os pequenininhos até os grandões, até a gente às vezes gosta de fazer uma traquinagem pra dar risada, imagine eles **(Hum-hum...)**, acho que é assim, a gente cresceu bastante já, falta, eu acho que falta, e só depende da gente pra fazer esse negócio funcionar direito, só, nós somos as engrenagens, é só a gente passar um óleozinho nela que não vai ter barulho, vai rodar normalmente e a gente vai poder aproveitar o máximo, tranqüilamente, precisamos de mais treinamentos isso a gente precisa, e você acho que poderia se envolver com isso, falar com o Paulo, diretamente, que a gente precisa de um treinamento como aquele, não sei se igual ou com coisas diferentes, ou coisas mais aprofundadas,

menos choro, menos choro e mais ação (**Hum-hum...**), menos choro e mais acho, aí acho que fica, acho que só temos a ganhar, acho que isso dá mais uns dez ou vinte anos até a gente conseguir trazer outras pessoas pra trabalhar no projeto e a gente falar o que eu fiz, eu tô satisfeito, tô indo embora de cabeça erguida, porque eu também tenho, tive vontade de entrar e penso um dia que eu vou sair, e o dia que eu sair vou falar olha, eu acho que o que eu fiz até hoje foi legal, foi super interessante, valeu pra caramba ver essas crianças crescerem e chegar onde chegaram.

P: Legal. Muito bom, muito obrigada.

E: De nada, estamos a disposição.

Anexo 4 - Registros e Reflexões

A minha participação no Projeto Embarcação começou em 17 de outubro de 2002 quando Paulo, o coordenador do projeto, me procurou pedindo uma consultoria. Eu trabalhava em uma ONG e por isso tinha algum conhecimento sobre a prática de programas sociais; estava bastante desiludida com o projeto no qual trabalhava e tentava pensar em outras formas de promoção de transformações sociais. Quando conheci a proposta do Projeto Embarcação fiquei encantada, achei muito interessante uma empresa com recursos financeiros e de espaço querendo promover desenvolvimento e educação para crianças carentes; cheguei a ficar na dúvida se não seria apenas mais uma proposta de promoção publicitária de uma multinacional, mas parecia que não, tinha jeito de coisa séria. Paulo, o coordenador, é alguém que tinha, e tem, verdadeira paixão pelo projeto e por isso faz com que as coisas aconteçam e com que pessoas se aproximem e também ajudem a fazer acontecer.

Paulo me apresentou o Projeto Embarcação dizendo que a matriz européia da Empresa havia solicitado que fosse criado um projeto de responsabilidade social que tivesse como objetivo a promoção de cidadania para comunidades vizinhas às instalações da organização. Contou-me que em diversas empresas do Grupo tinham sido desenvolvidos outros projetos, porém todos eles eram focais e assistencialistas e que a idéia do Projeto Embarcação era fazer alguma coisa diferente que promovesse educação e cidadania, isto é, que levasse efetivamente a melhoria na qualidade de vida dessas pessoas. Nessa época Paulo trabalhava com a ajuda de Luis, de Roberto e de Joaquim, que são colaboradores internos da Empresa e amantes do futebol e que tinham a intenção de instruir os meninos da comunidade na prática do futebol; e contavam também com a ajuda de algumas funcionárias da produção que colaboravam na distribuição de lanches para esses meninos, no final das atividades.

No princípio, tive muitas dúvidas de como um psicólogo clínico poderia participar desse tipo de atividade, já que é a empresa que organiza e viabiliza todas as ações. Nessa época tinha reuniões com Paulo para conversar, trocar idéias e pensar juntos as possibilidades do projeto e para o projeto. Eram conversas muito proveitosas, pois nossas formas de pensar eram e são muito

diferentes, apesar de nossas preocupações sempre terem sido muito parecidas. Durante oito meses, minha participação, mais efetiva, foi como assessora e consultora.

Entre outubro de 2002 e julho de 2003 participei, também, de algumas atividades junto às crianças e adolescentes; conheci algumas famílias, quando ajudei no cadastramento das crianças. Nessa época pude perceber que são todos muito carentes de atenção, de afeto e de recursos para viver melhor.

No dia 19 de agosto de 2003, Paulo e Camila, que na época era coordenadora do projeto, me pediram para começar a desenvolver um trabalho com os voluntários, que nessa época já eram 15 pessoas, todos colaboradores internos da Empresa. O pedido era que eu participasse das reuniões semanais que esses voluntários começavam a fazer e nesses momentos pudesse dar um suporte a eles; esse apoio seria baseado em cuidados com sentimentos, vivências e experiências dessas pessoas e com a prática efetiva no /do projeto. Todos os voluntários eram leigos em assuntos e práticas sociais, faziam por intuição, e considero que era muito bem feito. Minha proposta foi de atuar como supervisora desse grupo, pensando no supervisor como alguém que acolhe e pensa junto, tendo a disponibilidade para falar e pensar sobre uma prática que só conhece a partir dos relatos das experiências dos supervisionandos.

A primeira reunião aconteceu no dia 25 de agosto de 2003. As reuniões, desde o começo, acontecem semanalmente, sempre em uma das salas da própria Empresa. No início houveram dificuldades para se estabelecer efetivamente as reuniões dos voluntários da responsabilidade social, começamos nos reunindo durante o horário de trabalho dessas pessoas, pois muitos diziam ter dificuldades de fazer-lo fora do horário de expediente, no entanto outros simplesmente faltavam e diziam ser porque seus chefes não possibilitavam a saída nesses horários; na tentativa de minimizar tal situação, passamos a nos reunir na saída do expediente, porém aí outros diziam não poder participar; logo depois resolveu-se que as reuniões seriam em horário de expediente e que Paulo, por ser diretor na Empresa, se responsabilizaria por conversar com os outros diretores e com gerentes e pedir que possibilitassem a participação de seus colaboradores, nessas reuniões. No início, quando as reuniões eram realizadas durante o horário de expediente, muitas vezes os voluntários eram chamados para resolver problemas da Empresa; hoje isso já não se repete tanto, já é sabido e respeitado na Empresa,

que às 3ª feiras das 16:00 às 17:00 horas é realizada a reunião da responsabilidade social.

Nessas reuniões os voluntários contam como foram as atividades do sábado anterior e programam as atividades para o próximo, além disso, conversamos sobre como tem sido pra cada um deles essa prática social. No início as reuniões eram focadas nas atividades, o que se fez e deixou de fazer, o que se pretende fazer em um próximo momento, como cada um agiu, o que considerou certo e/ ou errado; porém muito pouco era dito a respeito do que se sentia e queria em relação ao projeto, idéias sobre o fazer eram fáceis de serem expressas, porém sentimento, vivências e experiências pessoais eram deixados de lado com certa veemência. As reuniões eram muito focadas em ações e pouquíssimo nas pessoas, havia muita preocupação com o que, como e por que fazer e pouquíssima com o para que e para quem, sendo esse quem os voluntários e/ou a população atendida.

Desde o início existem voluntários que pensam e falam de si e do que sentem com mais facilidade que outros. Alguns voluntários são bastante resistentes ao meu trabalho como psicóloga, chegando algumas vezes a me agredir e aos outros voluntários, como em situações que ficavam contando piadas e rindo enquanto o restante do grupo tentava conversar sobre as temáticas propostas.

No início o grupo parecia ter muita necessidade de criar regras e ao mesmo tempo, não querer estabelecer tantos limites acreditando que isso aconteceria naturalmente, como se fosse “brotar” de repente naquelas pessoas e naquele grupo de trabalho. Houve situações em que as reuniões eram remarçadas, mudando o horário, sem aviso prévio, isso parece muito significativo, pois o grupo estava tentando se reorganizar e propor outras alternativas.

Os voluntários se incomodavam muito com as diferenças interpessoais e acreditavam que estas deveriam ser “exterminadas”, eu como psicóloga sempre preocupada em facilitar a tomada de consciência e a verbalização dessas diferenças acreditava e dizia que não, que elas deveriam ser respeitadas e ressaltadas, afinal o aproveitamento das diferenças entre pessoas pode possibilitar o crescimento do grupo e do projeto. Tivemos muitos momentos engraçados por conta dessas diferenças, me ironizavam e diziam que eu gosto de “ver o circo

pegar fogo”, apoiando que cada um apresentasse seu ponto de vista e viabilizando a expressão das diferenças.

No início de setembro de 2003, lembrei-me da proposta de supervisão de apoio psicológico para profissionais de saúde e educação, resgatei a leitura desse material, por intuição estava desenvolvendo um trabalho muito parecido com o que era apresentado nessa proposta.

Na reunião do dia 29 de setembro de 2003, houve um momento de conflito no grupo, pela primeira vez os voluntários conseguiram dizer que discordavam uns dos outros e percebeu-se que não é necessário que todos pensem da mesma forma. Em um dado momento interfeiri fazendo uma síntese do que estava sendo discutido e alguns voluntários sentiram como se eu estivesse dando a última palavra com relação a discussão, inclusive saindo exaltados da reunião, porém para outros ficou evidente, inclusive verbalizaram isso, que era uma decisão do grupo e que eu apenas havia sintetizado o que estava sendo discutido.

No dia 06 de outubro de 2003, houve uma discussão entre os voluntários para “saber” de quem as crianças gostavam mais, porém era evidente que não havia isso entre as crianças, e que havia diferenças nas formas de atuação dos voluntários e na recepção por parte das crianças, que são muito carentes, de afeto e atenção; observei que qualquer forma de atenção era bem-vinda sendo algumas mais calorosas e outras menos, porém percebi que a problemática era em relação as discordâncias e a dificuldade no reconhecimento e aceitação das diferenças interpessoais.

No início de outubro de 2003, o grupo de voluntários começou a pedir que fosse desenvolvido um treinamento específico, um momento em que se parasse para pensar as semelhanças e diferenças interpessoais, os sentimentos, os motivos, as facilidades e dificuldades de cada um, que todos pudessem se conhecer melhor e que se pudesse dar uma parada para pensar e sentir o que estava acontecendo. No dia 25 de Outubro de 2003, houve um treinamento em que participaram praticamente todos os voluntários, foi uma situação muito interessante, a maioria daquelas pessoas nunca tinha vivido uma experiência semelhante; o treinamento durou 8 horas e foi coordenado por um psicólogo com vasta experiência nesse tipo de prática profissional, eu atuei como coordenadora. Essa atividade foi bastante importante para o grupo, neste momento foi possível que as pessoas se conhecessem melhor, criassem novos

pactos e reafirmassem contratos de trabalho. Durante alguns meses, muitos pontos tratados no treinamento foram retomados durante as reuniões de supervisão, podendo assim ser revistos e repensados.

Após o treinamento e no decorrer das atividades os voluntários foram ficando mais exigentes consigo próprios e com o projeto, precisando e pedindo mais organização, eram pedidos de regras, de estabelecimento de cronogramas de atividades, de definição de temas a serem desenvolvidos com as crianças, de formas de atuação e de maior comprometimento pessoal dos voluntários. Em 22 de novembro de 2003 começou a ser desenvolvida a proposta da execução de reuniões bimestrais para a organização de cronograma, com isso passou-se a ter mais tempo nas reuniões semanais para a discussão de sentimentos, sensações, vivências e experiências pessoais.

Nas supervisões de 2003 eu tinha um papel muito freqüente de coordenadora e mediadora das reuniões, desde o início de 2004 parece que foi ficando cada vez mais o papel de facilitadora do processo grupal.

Com o passar do tempo as reuniões passaram a acontecer mais naturalmente, o grupo está mais coeso e coerente, as pessoas se respeitam mais do que no início. Conforme o grupo tornou-se mais integrado, foi ficando mais fácil respeitar as diferenças e perceber quando essas diferenças interferem no andamento das atividades e das reuniões, parece que as pessoas estão cada vez mais preocupadas em criar objetivos comuns e tentar alcança-los sendo capazes inclusive de passar por cima de diferenças pessoais e disputas por poder. Os voluntários estão cada vez mais capazes de perceber e de verbalizar quais são seus desejos, anseios e opiniões, com isso ficou mais fácil definir atividades e funções, se cada um sabe o que quer e o que gosta de fazer fica mais fácil definir com o que seria interessante estar se responsabilizando.

Em abril de 2004 o grupo passou por um momento de conflito, todos percebiam que era necessário que houvesse mais voluntários, afinal os que ali estavam não conseguiam desenvolver todas as atividades, porém o grupo estava muito fechado em si próprio e não era capaz de receber novas pessoas; conversamos sobre isso de forma leve e descontraída e com isso as pessoas perceberam que era possível e benéfico aceitar que outras pessoas entrassem no grupo sem que as antigas deixassem de ser importantes. A impressão que eu tinha era de que muitos voluntários acreditavam que o projeto dependia deles e

não percebiam que o projeto depende de pessoas que o executem, porém essas pessoas podem ser alteradas e mudadas no decorrer das atividades e da mudança de grupos; não percebiam que são apenas responsáveis pelo projeto e que não são o projeto, alguns voluntários sentiam-se donos do projeto por estarem nele desde o início.

No dia 25 de maio de 2004 o grupo de voluntários pediu que eu não participasse da reunião, pois tinham que conversar alguns assuntos que preferiam que eu não estivesse presente, me senti muito mal nessa ocasião, senti que estavam me descartando, sabia que não seria desligada do projeto e que depois da reunião tudo continuaria como antes, porém me senti muito mal, como se não estivesse desenvolvendo meu papel de facilitadora do grupo, hoje sei que isso aconteceu porque alguns voluntários estavam brigando por destaque e pensaram que me desafiando poderiam ganhar forças, ou poderiam passar a ser os coordenadores do projeto. Essa situação foi única, alguns voluntários disseram que se sentiram enganados por outros e que não sabiam que eu não estaria na reunião e que ao final da mesma fizeram uma queixa formal com relação a minha ausência. Nesta reunião algumas regras foram restabelecidas e o coordenador do projeto reafirmou qual é a minha função de psicóloga no projeto, e me pareceu que alguns voluntários só entenderam nessa ocasião.

Durante as reuniões de 2004 o grupo tem se preocupado cada vez mais em relatar e discutir suas vivências e experiências, sendo cada vez mais expresso o sentimento de que ser voluntário é uma experiência contraditória que gera prazer e frustração alternadamente, por ser uma situação na qual convivem a satisfação de oferecer ensinamentos e oportunidades de crescimento as crianças e adolescentes e de contribuir para transformações sociais e a percepção das exigências, que muitas vezes parecem inalcançáveis, para que essas mudanças ocorram significativamente.

No entanto, ainda existem inúmeros voluntários que tem dificuldade em se expressar, há situações em que o foco das conversas é em torno das atividades a serem desenvolvidas, do que é mais ou menos apropriado para cada faixa etária de como promover educação e cidadania; houve diversas situações em que me foi pedido, de forma direta e indireta, que eu validasse atitudes de voluntários junto às crianças, principalmente em ocasiões em que se tratava de tentativas de controle, alguns voluntários acreditam que promover educação e cidadania é estabelecer

normas de controle social e esse é um tema que gera muita discordância entre os voluntários.

Neste ano de 2004 algumas pessoas se desligaram das atividades, por perceberem que seus objetivos individuais não condiziam com os do grupo; e muitas outras ingressaram no projeto, atualmente são 25 voluntários, sendo a maioria colaborador interno da Empresa e familiares destes, também há diversos colaboradores externos. Grande parte dos voluntários participa das reuniões semanais, e nelas cada vez mais a preocupação com vivências e experiências é expressa.

Além das funções de facilitadora, supervisora, consultora e assessora do grupo de voluntários, também faço atendimentos clínicos a crianças, adolescentes e as famílias que participam do projeto, quando é pedido por elas ou pelos voluntários que acompanham as atividades; e desenvolvo, ainda, supervisão clínica às outras psicólogas do projeto em suas atuações de atendimento às crianças e adolescente e em suas atividades de acompanhamento educacional.